



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ISABELLE COSTA PEREIRA

**POLÍTICA E COMUNIDADE:
RELAÇÕES ENTRE LÍDERES COMUNITÁRIOS E
CANDIDATOS/POLÍTICOS EM CAMPINA GRANDE-PB**

CAMPINA GRANDE - PB

2013

ISABELLE COSTA PEREIRA

POLÍTICA E COMUNIDADE:

**RELAÇÕES ENTRE LÍDERES COMUNITÁRIOS E
CANDIDATOS/POLÍTICOS EM CAMPINA GRANDE-PB**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG (PPGCS) na área de concentração Cultura e Identidades, como exigência para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. Dr^a. Elizabeth Christina de Andrade Lima.

CAMPINA GRANDE - PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

P463p Pereira, Isabelle Costa.
Política e comunidade : líderes comunitários e
candidatos/políticos em Campina Grande - PB / Isabelle Costa
Pereira. – Campina Grande, 2013.
121 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2013.
"Orientação: Prof. Dr. Elizabeth Christina de Andrade Lima".
Referências.

1. Relações Sociais - Campina Grande (PB). 2. Líderes
Comunitários. 3. Campanhas Eleitorais. 4. Redes Sociais. I. Lima,
Elizabeth Christina de Andrade. II. Título.

CDU 316.47:324(813.3)(043)

ISABELLE COSTA PEREIRA

**POLÍTICA E COMUNIDADE:
RELAÇÕES ENTRE LÍDERES COMUNITÁRIOS E
CANDIDATOS/POLÍTICOS EM CAMPINA GRANDE-PB**

APROVADA: ____ de _____ de 2013.

Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima – PPGCS/ UFCG
(Orientadora)

Dra. Keila Queiroz e Silva – PPGH/UFCG
(Examinadora externa)

Dr. Vanderlan Silva – PPGCS/UFCG
(Examinador interno)

Dra. Maria Lucinete Fortunato
(Membro Suplente Externo) – PPGH/UFCG

Dra. Sandra Raquew dos Santos Azevedo
(Membro Suplente Interno) – PPGCS/UFCG

Dedico esta conquista aos líderes comunitários,
pela generosidade em compartilhar conosco seus dias...

AGRADECIMENTOS

É primeiramente a Deus, depois a estes que desejo agradecer neste espaço.

Seja encerrando ciclos, fechando portas, terminando capítulos, eles estavam sempre do meu lado demonstrando dedicação total, com uma força quase irreal, oferecendo sem exigir nada em troca bens materiais e imateriais. São a meus pais que desejo agradecer por toda formação de caráter que unida a formação acadêmica me faz sentir verdadeiramente mestre. Foi com eles que adquiri meus primeiros conhecimentos antropológicos, aprendendo a respeitar e escutar “o outro”, considerando suas opiniões diferentes, relativizando sempre.

Ao meu esposo, que me concedeu todo apoio, que me consolou nos momentos de desânimo, que festejou nas conquistas, sempre me dedicando muito respeito e compreensão, e principalmente, encorajando-me.

De forma especial, a professora, orientadora e amiga Elizabeth Christina, pelas pacientes e criteriosas reflexões e sugestões apreendidas durante o desenvolvimento de vários trabalhos, realizados em parceria e pela disposição e dedicação demonstrada em todos eles. A ela agradeço por toda humanidade oferecida não só a mim, mas a todos que o cercam.

A banca examinadora, professor Vanderlan e professora Keila, que gentilmente nos cedeu parte de seu precioso tempo para dialogar conosco, trazendo suas riquíssimas considerações.

RESUMO

PEREIRA, I. C. Política e comunidade: relações entre líderes comunitários e candidatos/políticos em Campina Grande - PB.UFCG, 2013. (Dissertação de mestrado)

Esta pesquisa tem por objetivo entender como se caracteriza a relação de líderes comunitários com políticos em bairros periféricos da cidade de Campina Grande-PB. Trata-se de lançar um olhar particular sobre líderes representantes de entidades associativas que vivenciam o apoio a grupos políticos ora tornando personagens principais de atividades de Campanha Eleitoral dentro do bairro, ora demonstrando seu apoio no cotidiano de suas entidades representativas. Intentamos, assim, compreender de que forma é construída e possibilitada essa rede de acessos e se essa relação provoca reconfigurações em modos de se fazer política na atualidade. A pesquisa de campo foi realizada nos bairros Ferraz e Belo Monte, na Cidade de Campina Grande-PB, utilizando-se de metodologias qualitativas, como a etnografia através de entrevistas e pesquisa participante, entendendo que só através dos métodos etnográficos seríamos capazes de interpretar os "bastidores da política".

Palavras-chave: Líderes Comunitários, Campanhas Eleitorais, Redes Sociais.

ABSTRACT

PEREIRA, I. C. Politics and Community: relationships between community leaders and candidates / politicians in Campina Grande - PB.UFCG, 2013. (Master's thesis)

This research aims to understand how the relationship between community leaders in the suburbs of Campina Grande - PB and politicians is characterized. We intend to have a glance over representative leaders of associative organizations who experience both supporting political groups becoming the main characters of Election Campaign activities within the neighborhood and demonstrating their support in their everyday representative organizations. We intend, thus to understand how the access network is built and enabled as well as if this relationship causes reconfigurations in ways of politics nowadays. The research was carried out in the neighborhoods of Ferraz and Belo Monte, Campina Grande - PB, by using qualitative methodologies, such as ethnography through interviews and participant research, we could conclude that only through these methods we would be able to interpret the "politics backstage".

Keywords: Community Leaders, Election Campaigns, Social Networking.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: sede da SAB do Belo Monte desenvolvendo atividade em parceria com a creche municipal do bairro.....	51
Figura 2: curso de formação para diretoria da Associação de Moradores do bairro Ferraz organizada pelo movimento antidrogas Marcha pela Vida.....	51
Figura 3: Aula voluntária de aeróbica oferecida por estudantes estagiários do curso de Educação Física – UEPB no Clube de Mães do Ferraz.....	52
Figura 4: Fachada do Clube de Mães e SAB do bairro Ferraz.....	53
Figura 5: Reforma da SAB do Belo Monte através de multirão pelos moradores do bairro.....	54
Figura 6: Reunião de sócios da Associação de Moradores do Ferraz.....	56
Figura 7: Mesa em Comemoração ao Dia das Mães no Clube de Mães do bairro Ferraz.....	68
Figura 8: Sócias do Clube de Mães do Ferraz dançando.....	69
Figura 9: Visita de políticos ao Clube de Mães do Ferraz.....	69
Figura 10: Visita de assessors de políticos ao Clube de Mães Ferraz.....	70
Figura 11: Caminhada nas ruas centrais de Campina Grande – PB nas eleições de 2012.....	70
Figura 12: Presença do candidato a prefeito e vereadores no bairro Ferraz – Campanha 2012.....	84
Figura 13: Presença do candidato a prefeito e vereadores no bairro Ferraz – Campanha 2012.....	84
Figura 14: Caminhada no bairro Belo Monte – Campanha 2012.....	85
Figura 15: Caminhada no bairro Belo Monte – Campanha 2012.....	85
Figura 16: Comício realizado no bairro vizinho ao Belo Monte na Campanha de 2012.....	87

Figura 17: Comício no bairro Ferraz na Campanha de 2012.....	88
Figura 18: Feijoada do racha de domingo no bairro Belo Monte.....	93
Figura 19: Políticos presente no jantar em comemoração ao dia das mães na Associação de Moradores do bairro Ferraz.....	94
Figura 20: Organização da Campanha no interior do bairro.....	99

SUMÁRIO

Introdução	12
Cenário e contextualização literária e empírica	13
a) Bairros periféricos: cenários amplamente conhecido de um cotidiano desconhecido	14
b) O pesquisador e a construção do objeto de estudo	18
c) Caminhos teórico-metodológicos	24
Capítulo I – A produção teórica e científica da política e as Ciências Sociais	31
1.1 A política enquanto objeto de estudo	31
1.2 Culturas políticas, capital social e redes de sociabilidades	37
1.2.1 Capital simbólico	41
1.2.2 Capital social	43
Capítulo II – Formas de organização política comunitária e os bastidores da campanha eleitoral	45
2.1 Os líderes e sua representação comunitária	45
2.2 As formas de organização política comunitária e sua relação com os políticos	50
2.3 Vínculos construídos fora do “tempo de campanha”	65

Capítulo III - O antes, o durante e o depois do “tempo da política”: relações entre políticos e líderes comunitários	74
3.1 Obrigações cumpridas no “tempo da política”	74
3.1.1 Cabos eleitorais e coordenadores de campanha no bairro	74
3.2 Atividades da campanha com participação dos líderes comunitários	82
3.2.1 Caminhadas, comícios e corpo a corpo	82
3.2.2 Reuniões dentro e fora do bairro	90
3.2.3 Cafés da manhã e feijoada: rituais de comensalidades	93
3.2.3 Boca de urna e a cortina de silêncios	96
3.3 Conhecimento, reconhecimento e prestígio	102
Considerações finais	111
Referências bibliográficas	115
Anexos	120

INTRODUÇÃO

A inquietude intelectual de muitos estudiosos produziu as mais variadas investigações sobre a dimensão política da sociedade brasileira. Ora reverenciada, ora marginalizada no campo das Ciências Humanas, o enfoque para as práticas e teorias políticas tem sido um tema que busca o seu espaço legítimo de investigação. Trata-se de um campo de pesquisa de inúmeras facetas que podem ser observadas por meio da compreensão de seu desenvolvimento histórico e suas instituições políticas nas mais diversas sociedades, bem como, da realidade cotidiana que norteiam as práticas políticas não institucionalizadas.

No contexto das práticas políticas brasileiras, especialmente nas Campanhas Eleitorais, que é o momento de sua maior visibilidade, percebemos que as pesquisas pouco se detiveram à especificidade das questões referentes à participação de líderes comunitários no apoio a candidatos e na organização de sua campanha em bairros periféricos urbanos. Quando esse tema vinha em tela, as análises limitavam e induziam a participação destes as questões como analfabetismo político, passividade diante dos processos políticos, condições sócio-econômicas precárias ou busca de oportunidades por futuras candidaturas.

Ao reconhecermos essa diversidade, particularidades e singularidades da forma de se fazer e praticar a política, emergiram novos questionamentos, despertando em nós a capacidade de refletir sobre esse tema. Passamos a questionar, então, como se tecem as redes de acessos que permitem esses cidadãos/eleitores a apoiar determinadas candidaturas e apresentá-las a sua comunidade, visto que, segundo a literatura, ainda existem pouquíssimos estudos que tenham investigado com mais acuidade o cotidiano de lideranças comunitárias vinculadas a entidades associativas de bairros periféricos. Afinal, o estudo sobre *o apoio de lideranças comunitárias a candidaturas políticas* contribui para compreensão dos modos de fazer política na atualidade? Cremos que sim, daí porque resolvemos pesquisar e analisar essa rede de relações.

Escolhemos como lugar de pesquisa os bairros Ferraz e Belo Monte, localizados na periferia da cidade de Campina Grande, Paraíba. Optou-se por nomes fictícios para os bairros e para os interlocutores¹, com o objetivo de preservar a imagem

¹ Para os interlocutores foi utilizado nomes de flores.

e discurso destes. O uso do termo periferia não está sendo utilizado reduzido ao distante do centro, levando em consideração que as cidades contemporâneas não apresentam um único centro. E sim, vinculado à ordem social e ao poder;

O termo periferia está muito marcado pela questão social. Os grandes centros urbanos usam o termo periferia para caracterizar as áreas ao redor do centro que foram sendo ocupadas pelos poderes populares. No entanto, algumas regiões, embora estejam às margens do centro geográfico não são chamadas de periferia, o que demonstra que o termo não é mais utilizado como define sua origem na geografia (SOUZA E SILVA, 2009, p.79).

A escolha por estes bairros se deveu não somente a viabilização e desenvolvimento de pesquisas anteriores nestes espaços, mas também, pela existência de associações não governamentais onde às lideranças firmaram apoio, desenvolvendo atividades como coordenador de campanha local, na campanha municipal de 2010 e que mantiveram contato e compromissos com candidatos eleitos e pré-candidatos antes da campanha de 2012, propriamente dita.

CENÁRIOS E CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA E EMPÍRICA

Buscamos, a partir de agora, apresentar o município e os bairros escolhidos para a realização da pesquisa, situando-os nas discussões dos estudos sobre o cotidiano da política e campanha eleitoral. Para só então, demonstrarmos como dirigimos o nosso “olhar” para os líderes comunitários envolvidos nesse processo, relatando também a nossa inserção nesse campo, bem como as técnicas e os métodos utilizados neste texto dissertativo.

A) Bairros periféricos: cenário amplamente conhecido de um cotidiano desconhecido

O município de Campina Grande está localizado na Microrregião Campina Grande e na Mesorregião Agreste Paraibano do Estado da Paraíba. Sua Área é 621 km² representando 1.0996% do Estado, 0.0399% da Região e 0.0073% de todo o território Brasileiro. A sede do município tem uma altitude aproximada de 551 metros distando 112,9726 Km da capital. O município foi criado em 1788, a População Total é de 389 995 habitantes, sendo 337.484 na área urbana, atualizado no censo de 2012. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.721, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000).

Nas Articulações entre as Instituições encontra-se o Convênio de Cooperação com Entidades Públicas nas áreas de educação, saúde, assistência e desenvolvimento social, direito de crianças e adolescentes, emprego/trabalho, turismo, cultura, habitação, meio ambiente, transportes, desenvolvimento urbano e desenvolvimento econômico. Convênio de Parceria com Empresas Privadas nas áreas de educação, emprego/trabalho, turismo e Cultura, e o Apoio de Entidades Privadas ou da Comunidade nas áreas de saúde, direito de crianças e adolescentes, emprego/trabalho, turismo, cultura, meio ambiente e desenvolvimento econômico. Observa-se a existência de Cadastro de 38 favelas ou assemelhados e 12.179 domicílios em favelas ou assemelhados cadastrados. Observam-se ainda Cortiços e Cadastro de cortiços.²

Nestes bairros, chamados de favelas ou periféricos de Campina Grande, é facilmente identificado o período de maior visibilidade da política: as campanhas eleitorais. Ao passar por avenidas próximas a estes, já é notória a efervescência deste momento, comumente caracterizado pela presença de símbolos visuais como placas, bandeiras e adesivos na cor do grupo político nas fachadas das residências. “O uso da cor é tão forte que até mesmo quando passa a campanha eu não gosto de vestir a cor” confessa Dália³, presidente do Clube de Mães do Ferraz, ao comentar sobre a cor que representa o adversário do seu candidato preferido. Sons, cores, imagens e palavras compõem um “cenário peculiar já amplamente conhecido pela população, fazendo do

² Informações dos dados do projeto Cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea no Estado da Paraíba, 2005.

³ Entrevista realizada com Dália, 61 anos, presidente do Clube Mães do bairro Ferraz, em agosto de 2011.

momento eleitoral um acontecimento de repercussões múltiplas na vida social.” (BARREIRA, 2006, p. 01).

E é essa presença maciça da política e a maneira como ela se dá que fez os bairros Ferraz e Belo Monte exemplificarem este momento. Estes bairros são comumente caracterizados pela mídia local e pelos cidadãos como áreas pobres e degradadas da cidade, como um lugar arriscado, perigoso e que provoca medo. Nas matérias jornalísticas estes locais têm sido vistos como áreas problemáticas, pensadas como redutos de tráfico de drogas, criminalidade e más condições habitacionais. Esse olhar negativo e generalizador sobre a comunidade é perceptível pelos seus moradores quando Acácia, secretária da Associação de Moradores do Ferraz, expõe que “a sociedade não vê que não é só aqui e que em todo canto tem todo tipo de gente”⁴, para exemplificar que a classe social não define o usuário de drogas e o assaltante.

É percebido também quando externam a preocupação com a realidade dos jovens moradores de bairros periféricos, Dália aponta que para estes “falta atenção e nós não podemos fazer muita coisa. Termina os estudos e cadê o emprego? Muitos nem termina. Você passa ali na linha do trem à noite e vê a quantidade de meninos lá, meninas também. Meninos novos matando uns aos outros pra pagar droga e meninas se prostituindo pra isso também”. Os moradores locais se indignam por perceberem que a mídia enfatiza em sua maioria as “notícias de coisa ruim”⁵.

O antropólogo Hermano Vianna (2007) em um texto manifesto, também compartilha com a ideia de que há muitos jovens na periferia sendo lembrados somente nas notícias “catastróficas”, no entanto, tais visões, aparentemente incompatíveis, produzem a cultura brasileira como um todo. Segundo ele,

É muita gente jovem. Governos e grande mídia não sabem o que fazer diante dessa situação. Muitas vezes não sabem nem se comunicar com essa "outra" população, que passa a ser invisível para as estatísticas oficiais, a não ser para anunciar catástrofes. Essa gente toda vai fazer o que com toda sua energia juvenil? Produzir a catástrofe anunciada? É só isso que lhe resta fazer? Sumir do mapa para não causar mais problemas para os ricos? Em lugar de sumir, as periferias resistem –

⁴ Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, secretária da associação de moradores de Ferraz, em julho de 2011.

⁵ Entrevista realizada com Dália, 61 anos, presidente do Clube de Mães de Ferraz, em agosto de 2011.

falam cada vez mais alto, produzindo mundos culturais paralelos (VIANNA, 2007, p.1).

Estes bairros também são reconhecidos por terem suas populações com baixo poder aquisitivo e sua origem habitacional ter acontecido através de invasões. Íris, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, descreve este cenário ao lembrar que a sua escolha habitacional neste bairro foi por questões financeiras, quando seu cônjuge ficou desempregado e sem casa própria, sendo o Belo Monte o bairro com moradia acessível mais próximo do que ela morava até então. A sua primeira impressão foi de que o “Belo Monte era um bagaço”⁶ ao encontrar um bairro sem saneamento básico e acessos ao transporte público.

A questão da pobreza, produto da dinâmica perversa do sistema sócio-econômico, foi compreendida pelas Ciências Sociais de forma própria. Embora não se trate de minimizar o fenômeno em si que leva as pessoas a enfrentar carências materiais, ressaltaram-se outras nuances, tais como o preconceito com relação ao estado/condição de ser pobre, que se traduz em discriminações e exclusões dessa população. Não há dúvida de que, nesse caso, é o preconceito o gerador da discriminação e da desigualdade que exclui, como confidencia Íris, ao narrar sobre a reação de uma sócia de um clube de mães diante de sua candidatura a presidente da instituição que organiza e institucionaliza todos os clubes de mães da cidade, a Coordenação dos Clubes de Mães:

Eu não gosto nem de falar sobre isso, mas tive um problema quando me candidatei a presidente da Coordenação do Clube de Mães. Uma pessoa da Palmeirante, que é quase vizinho, a presidente do Clube de lá na época disse mesmo assim: mais tem condição? Escolheram uma pessoa do Belo Monte pra ser presidente da Coordenação dos Clubes de Mães. Me julgando só pelo lugar que eu morava. Se ela pensa assim, imagina os outros! (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães de Belo Monte, em novembro de 2011).

⁶ Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães de Belo Monte, em novembro de 2011.

Através desse depoimento é possível perceber que estigmas e preconceitos são transferidos do bairro para seus moradores criando e reforçando identidades, ou seja, transferem as dificuldades do bairro para seus moradores, supondo uma incapacidade e despreparo para assumir cargos de direção.

Pensar na prática política em tais locais é deparar-se também com notícias jornalísticas de grande parcela da população auxiliada por bolsas governamentais e alvos de interesses de políticos corruptos. Muitas vezes esta identificação vem por parte dos próprios moradores, assim indaga Cravo, sócio da SAB de Belo Monte:

Quais são os bairros que os políticos recorrem em tempo de campanha política? Os mais pobres, os periféricos como o nosso. Porque sabe que o de elite é difícil o acesso, não tem lideranças na rua, as portas estão fechadas, os muros são altos, então eles vão pra onde? Para as periferias e também é onde está o maior número de votos porque o voto do rico é muito mais caro do que o do pobre. Com um voto do rico você compra bem cem do pobre (Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, sócio da SAB do Belo Monte, em outubro de 2011).

No entanto, o desconhecimento da vida local e das práticas da população destes bairros, através de uma visão superficial e unilateral, parece ser a causa de generalizações e visões estigmatizadas, dificultando muitas vezes até mesmo aplicações positivas de programas sociais pelo governo, como é o caso da realização do programa habitacional no bairro Belo Monte, relatado pelo líder,

Nós não temos o costume de viver nessas casas que é uma embaixo e outra em cima, os duplex. Agora tá um problema, porque lá em São Paulo é cultural, todo mundo quer, mas aqui é um inferno de vida, você não pode dá um “piu” que o outro escuta, não tem onde estender roupa, não tem nada, é bem pequenininho, aí quem está recebendo quer vender e não pode vender, tá a maior confusão, porque mais uma vez não escuta a população, não leva em consideração quem mora ali, Belo Monte é sem voz e sem vez. Você ao entrar na casa já vê que não dá certo, porque essa população não tem máquina de lavar, máquina de secar roupa, é diferente em São Paulo que lá isso é comum, qualquer pobre tem, porque lá isso é barato, mas aqui é diferente. Faça uma casa pequena, mas com terreno, que a pessoa pode estender uma roupa, pegar uma lavagem de roupa e trabalhar na sua casa. Porque não fez uma reunião no Belo Monte? Tínhamos avisado. A coisa mais errada que fizeram foram estas casas.

(Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, Sócio da SAB do Belo Monte, em novembro de 2011).

O líder chama atenção que se houvessem pesquisas mais detalhadas e relativizadas por parte do serviço social da Prefeitura, levando em consideração dados qualitativos, baseados nos costumes e na cultura das populações, os programas governamentais poderiam trazer resultados mais positivos. Pois pesquisar o cotidiano e as práticas desenvolvidas nestes bairros por meio de levantamentos gerais e estatísticos, resumindo os resultados a números, inevitavelmente resulta numa pesquisa onde “não há seres humanos”. E é a partir dessa percepção que observamos ser necessário “conhecer as pessoas para descobrir, a partir delas mesmas” (WHYTE, 2005, p. 20) suas práticas cotidianas e atividades políticas, através da contribuição de estudos, sobretudo, de natureza qualitativa.

B) O pesquisador e a construção do objeto de estudo

A escolha em investigar as práticas realizadas nos “bastidores de campanhas eleitorais”⁷ teve início quando, ainda na graduação, conquistamos uma bolsa de iniciação científica junto ao CNPq/PIBIC, no entanto, antes mesmo de nos dedicarmos a pesquisas e leituras sobre a temática, já vivenciávamos e observávamos o trabalho de líderes comunitários em campanhas políticas no bairro vizinho onde moramos, o Ferraz, na cidade de CampinaGrande - PB.

Sendo assim, compreendendo que a escolha da temática de estudo diz muito da trajetória de vida da pesquisadora, vale aqui considerar a importânciada experiência vivenciada desde o segundo semestre de 2007 até o segundo semestre de 2010,

⁷ Entendemos pelo termo “bastidores da política” as ações e práticas realizadas para além da institucionalidade, que não fazem parte do cronograma oficial de uma campanha eleitoral.

desenvolvendo projetos de pesquisas vinculados ao programa PIBIC-UFCG-CNPq⁸, dentro da área de estudos de Cultura e Política.

Campina Grande, caracterizada pela “alegria das grandes passeatas nas festas políticas contagiadas e monumentais”⁹, tem sido observado em pesquisas dentro da grande área das Ciências Humanas como campo privilegiado para estudos ligados a área de cultura e política.¹⁰

É necessário asseverar ainda que quando falamos em eleição, principalmente municipal, em Campina Grande, estamos, sobretudo, fazendo menção a um fato social que mobiliza sobremaneira, a sociedade e a cultura local. Ou seja, podemos afirmar que a campanha eleitoral, ou o “tempo da política”¹¹ constitui-se em um marco temporal específico da vida social, bem como “demarca cortes na sociedade” (BONELLI, 1996) de acordo com adesão ou não a uma determinada candidatura.

Todas as práticas são remetidas e relacionadas aos grupos políticos e suas cores, sejam elas religiosas, esportivas ou profissionais, ou seja, há nesse período uma

⁸ Participamos com bolsista PIBIC das seguintes pesquisas: “As Representações Sociais sobre a emergência do Feminino na Política Local”, no ano de 2007; “Campanhas, Candidatos e Eleitores: As Representações Sociais sobre o Voto nas Eleições Municipais de 2008 em Campina Grande – PB.”, no ano de 2008 e “Os bastidores da Campanha Eleitoral e o uso do *Marketing* Político nas Eleições municipais de 2008, em Campina Grande – PB”, no ano de 2009. Todos os projetos tiveram a orientação da professora Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima.

⁹. Blog Retalhos históricos de Campina Grande: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/03/passado-campinense-sou-um-privilegiado.html#.Ucw0FjtJ5-U>

¹⁰. Na esteira de alguns destes trabalhos merece destaque as seguintes monografias de conclusão do curso de Ciências Sociais da UFCG: “Comportamento Eleitoral e Opinião Pública: um estudo das representações sobre a Política e sobre o Voto fora do “tempo da Política” em Campina Grande – PB”, de Cyntia Carolina Beserra Brasileiro, no ano de 2009; “Quando a emoção pede passagem: um estudo sobre o uso dos sentimentos em Campanhas Eleitorais, de José Enilson Fernandes, no ano de 2010; “Por trás da cortina de “silêncios”: os bastidores da campanha eleitoral de 2008, de Isabelle Costa Pereira, em 2011; as seguintes dissertações, todas defendidas junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG: “Arte, Mídia e Política: uma análise da construção dos personagens políticos Veneziano Vital e Rômulo Gouveia, nas Eleições Municipais de 2004”, de Cosma Ribeiro de Almeida, no ano de 2008; “Família, Poder Local e Dominação: um estudo sobre os processos de disputas políticas da(s) família(s) Ernesto-Rêgo em Queimadas – PB, de José Marciano Monteiro, no ano de 2009; “Motivações do voto e comportamento eleitoral em Campina Grande – Eleições 2010”, de Cyntia Carolina Beserra Brasileiro, no ano de 2012; “O *pop star* paraibano: a construção da Imagem Pública do senador Cássio Cunha Lima”, de Gabriela Torallesi Caniello, no ano de 2013 e as seguintes Teses, defendida junto ao PPGS da UFPB e PPGCS, da UFCG, respectivamente: “A Construção Espetacular do Personagem Político Ronaldo José da Cunha Lima”, de Iolanda Barbosa da Silva, no ano de 2009 e “A Produção dos Mitos na Política: a construção da Imagem Pública de Lula”, de Ada Keesa Guedes, em 2011.

¹¹. Os antropólogos Palmeira e Goldman (1996) afirmam que a política ainda é comumente pensada e limitada a um tempo determinado, caracterizado como “tempo da política”, que é o tempo onde se decidem as facções, período das determinações jurídicas, dos limites impostos aos candidatos, as suas ações e estratégias diante da Campanha eleitoral.

aproximação dos colegas de trabalho, dos irmãos religiosos ou dos torcedores que apóiam a mesma facção política e uma rejeição daqueles que apóiam um grupo opositor. Estes cortes são sociais e é perceptível nas relações cotidianas dos indivíduos através de músicas, falas, discursos e até mesmo práticas mais precisas como afastamento ou demissão de funcionários, brigas entre vizinhos antes harmoniosos e paródias pejorativas e preconceituosas.

Ao longo destes três anos, portanto, pesquisamos e analisamos a emergência das lideranças femininas na política local, as representações dos eleitores sobre o voto e ultimamente, os bastidores da campanha política eleitoral e o uso do *marketing* na política. Nestas pesquisas, tomamos como caso para análise as disputas nas eleições municipais de 2008 e 2010, na cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba, bem como o período fora do “tempo da política”.

Tais pesquisas nos fizeram perceber que a campanha política municipal campinense, no período analisado, recorreu demasiadamente à utilização dos recursos midiáticos na construção da imagem e do discurso do político, sendo necessário tomarmos a campanha política, em tempos da “sociedade do espetáculo” e da influência dos *mass media*, e investigar a atuação do *marketing* eleitoral em tais campanhas. Mas convém acrescentar que igualmente, percebemos, ao mesmo tempo, a evidência de que tais recursos estavam aliados a práticas políticas ditas “tradicionais”¹², desenvolvidas e direcionadas, na maioria das vezes, por moradores de bairros periféricos da cidade, com a coordenação e participação de representantes de entidades associativas não governamentais de bairro.

Baseadas em Geertz (2001, p.198) percebemos estas diferentes formas de praticar e exercer a política, “não como a negação da semelhança, seu oposto, seu contrário e sua contradição. Vemos como abarcando-a, situando-a, concretizando-a, dando-lhe forma”. São elas, receber políticos nas reuniões de sócios, apoiá-los no período eleitoral trabalhando para estes em seus bairros, tornar-se mediador entre eleitor

¹²O rótulo “tradicional” aplica-se geralmente a práticas chamadas também de “populistas” ou outras classificações depreciativas, mas muitas vezes estende-se àqueles que promovem os mais diversos tipos de práticas ilegais como corrupção, fraudes eleitorais e desvio de dinheiro público. (VELHO, 1987, p.22)

e político, receber benefícios pessoais e para a entidade como uma espécie de “moeda de troca”, no sentido Maussiano¹³, de apoio político.

Além das atividades propostas e realizadas no decorrer dos citados projetos de pesquisa desenvolvidos no PIBIC e as sessões de estudos e aprofundamento teórico, a nossa presença como aluna regular do PPGCS/UFCG nos permitiu cursar as disciplinas Etnografia e Cultura, Mídia e Política, constituindo-se em mais espaços de aprendizagem e enriquecimento teórico. Os conteúdos desenvolvidos nestas aulas concorreram para ampliar a nossa compreensão acerca da análise política através do paradigma antropológico, possibilitando o que Goldman (1999, p.91) define como a promessa da antropologia, ou seja, “a reconversão de nosso olhar, a possibilidade de atingir pontos de vista outros através de outros pontos de vista”.

Nestas disciplinas tivemos a oportunidade de ler, discutir e apresentar o clássico livro intitulado “Sociedade de Esquina” de William Foote Whyte (2005). Este se tornou nosso maior inspirador e mestre nesta trajetória em busca do objeto. Assim como afirmou Princesa (1999) ao redigir o prefácio de uma obra de Gertz (2001, p.9):

Os escritores que gostamos de chamar de mestres são aqueles que nos parecem estar dizendo afinal o que há muito tempo tínhamos na ponta da língua, mas não conseguíamos expressar, aqueles que conseguem verbalizar o que para nós não passa de movimentos, tendências e impulsos mentais incipientes.

O livro de William Foote Whyte é, na verdade, uma etnografia sobre Cornerville¹⁴ (1936-1940), uma área pobre e degradada de Eastern City - EUA, habitada por imigrantes italianos. Buscando compreender a organização política em Cornerville, Whyte descreve alguns personagens em uma trama de ações conjuntas para organizar campanhas, competições por lideranças, estabelecimento de alianças políticas e econômicas, distribuições de bens e favores, estabelecimento, manutenção e rompimento de laços de amizade que vão compondo o quadro de uma Cornerville que

¹³ A troca é uma obrigação praticamente impossível de ser observada diretamente, mas percebe-se enrijecida sob forma de regra. Martins (2005, p.49) ao analisar o sistema de reciprocidade maussiano afirma: “dentro do sistema de obrigações, os membros da coletividade tem certa liberdade para trocar ou não, mesmo que isso possa significar a passagem da paz para guerra”.

¹⁴ Nome fictício dado pelo autor da obra.

passa a fazer sentido, ou seja, o autor rompe com a percepção de que a política organizada é a política institucionalizada. A política em Cornerville tem sua própria lógica, diferente dos padrões estabelecidos e aceitos pela sociedade norte-americana mais abrangente.

Nas aulas da disciplina de Cultura, Mídia e Política, tivemos acesso a várias discussões de autores brasileiros que trabalham com a intersecção entre mídia, cultura e política, bem como pudemos acompanhar relatos de variadas experiências de alunos, sobre práticas políticas vivenciadas em Campanhas Eleitorais, abordando aspectos relativos à construção do personagem político, mitos e símbolos no campo da política, espetacularização da política, cotidiano da política, enfim, articulações entre os três campos de conhecimentos. Esta experiência corroborou para que pudéssemos relacionar as questões abordadas nos textos estudados com as práticas políticas desenvolvidas pelos líderes comunitários.

Assim, começamos a nos aproximar e nos identificar ainda mais com essa temática cada vez que nos debruçávamos na leitura de textos metodológicos e teorias que, associadas a outras leituras específicas, refinaram o nosso “olhar” sobre o campo. A participação de líderes comunitários associados a entidades não governamentais, como Clube de Mães e SABs, nas campanhas eleitorais, sempre chamou nossa atenção e por mais que este não fosse o nosso objeto naquele momento, sentíamos sempre um prazer maior ao nos depararmos com leituras que abordavam tais práticas e participações, bem como sentíamos as lacunas nos textos que relatavam a composição da campanha política e não pontuava esta participação.

Estes primeiros passos nos permitiram aguçar o nosso interesse em continuar pesquisando sobre o tema em tela e num esforço de compreensão de tais nuances surgiram várias indagações: Diante de tantas possibilidades tecnológicas e profissionais, qual a importância dos líderes comunitários de bairros periféricos nas campanhas políticas? Por quais motivações os líderes comunitários tornam-se colaboradores nas campanhas eleitorais? Quais são as práticas desenvolvidas por estes líderes no período eleitoral? A liderança no bairro é vivida a partir do reconhecimento do outro ou de uma oportunidade e vontade pessoal para adentrar-se no campo político? O vínculo entre eles é construído antes da campanha propriamente dita? Se sim, como

se estruturam as redes de sociabilidades que vinculam lideranças comunitárias e candidato(a)s políticos?

Diante destes questionamentos e inquietações começamos a focar nossa atenção e delimitar o objeto desta pesquisa, buscando contribuir com reflexões sócio-culturais sobre um tema que consideramos extremamente pertinente para a compreensão da cultura política local e para o regime democrático: a observação e análise das práticas dos líderes comunitários, dos bairros Ferraz e Belo Monte, no período que antecede a campanha eleitoral de 2012 e, na campanha propriamente dita, na cidade de Campina Grande- PB.

Neste ínterim, é interessante respondermos a uma outra indagação: de onde vem o nosso interesse em sempre agregar o tema participação de lideranças de bairros populares nas eleições? Além de sermos uma eleitora campinense e vivenciarmos a cada dois anos a efervescência que este momento propicia nesta cidade, participando das atividades no bairro e convivendo com as atividades dos líderes comunitários, achamos desafiante a pluralidade de práticas políticas e principalmente o fato de que a política está presente na formação das sociedades.

Ao escolher nosso tema sabemos que estamos imbuídos de valores e interesses subjetivos, e talvez seja ainda mais difícil quando se trata de estudar um tema como política, principalmente quando nos voltamos para nossa própria sociedade. Para Max Weber, “não existe qualquer análise científica puramente “objetiva” da vida cultural, ou (...) dos “fenômenos sociais”, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais” (WEBER, 1997, p. 87). No entanto, enfatizamos que o primeiro passo ao se fazer ciência é assumir os riscos de vivenciar, até as últimas conseqüências, o objeto de estudo, em nosso caso, a campanha eleitoral e o tempo que a antecede, e ao mesmo tempo, buscar a objetividade. Tendo consciência disto, conduziremos os processos para vigiar as subjetividades.

Assim, o nosso percurso acadêmico, associado a nossa trajetória de vida e, por conseguinte, à nossa inserção na prática política, diz muito sobre a escolha do nosso objeto de estudo. Delineia-se a relevância de tal pesquisa se pensar que é ainda forte, apesar das novas reflexões antropológicas em nossa sociedade, a

permanência da representação de que grupos periféricos são sinônimos de desorganização, alienação e irracionalidade.

Abaixo explicaremos quais foram os procedimentos metodológicos por nós utilizados, pois acreditamos que estes nos ajudaram a construir uma pesquisa que traz evidências de rigor científico e que são importantes para que o leitor possa compreender nosso intento interpretativo. Dessa forma é importante descrever os passos da pesquisa e seu referencial teórico.

C) Caminhos teórico-metodológicos

A aproximação do pesquisador com o campo de pesquisa não significa que o objeto seja inerte, passivo a todas as manipulações do pesquisador. Por isso, cada momento da pesquisa se transforma numa experiência única. Cada experiência contém suas características próprias e apresenta ou omite informações de maneira singular. O diálogo entre o cientista social e suas fontes tem, inevitavelmente, um traço de estranho e a marca do inesperado.

Tão logo quando decidimos pesquisar valores e práticas atualizados na esfera das atividades políticas, começamos a pesquisar bibliografias, motivadas pela necessidade de previamente conhecermos teorias que dizem respeito a fatos aproximados ao que desejamos estudar. Nestes termos, acreditamos como Goldman (1999, p.80), que um olhar antropológico poderia nos permitir expandir e enriquecer “nossa própria cultura ao trazer à luz, variáveis que certamente estão presentes aqui, mas que quase não aparecem, sejam porque estão ocultas ou reprimidas, seja porque nos encontramos em uma posição que não nos permite enxergá-las”.

Tomamos assim conhecimento sobre estudos antropológicos da Política. É sabido que a chamada Antropologia Política dedicou-se e elaborou métodos principalmente para serem aplicados a sociedades que desconheciam a organização estatal. Entretanto, nos apoiamos em estudos que priorizam a relação entre Política e Cultura e, que vêm sendo desenvolvidos sob a perspectiva da Antropologia Urbana, onde há inclusão do cenário como parte constitutiva de análise, possibilitando a

pesquisa etnográfica na cidade. Assim como afirma Merleau-Ponty (1984, p. 199-200), a Antropologia é "a maneira de pensar quando o objeto é o 'outro' e que exige nossa própria transformação. Assim, também viramos etnólogos de nossa própria sociedade, se tomarmos distância com relação a ela".

Para desenvolver tal prática metodológica, partimos de alguns princípios das Ciências Sociais como a atitude de estranhamento e desnaturalização do objeto pesquisado. Estes princípios nos orientaram a olhar as práticas desenvolvidas pelos líderes comunitários nos bastidores das campanhas políticas de forma mais cuidadosa, buscando investigar e construir problematizações, fomentando assim um pensamento mais crítico e reflexivo. Este estudo empenha-se em desnaturalizar conceitos e a própria distância da diversidade de grupos sociais em sociedades complexas. Nesse caso o grupo estudado são os líderes comunitários que em período eleitoral tornam-se coordenadores de campanha, cujo universo de pesquisa são estes bairros periféricos.

Por muito tempo as práticas rotineiras de população de regiões periféricas foram consideradas desorganizadas e desarticuladas. Thompson (1998, p. 152) chama atenção que o que levou a esta afirmação foram estas populações, classificadas de diversas maneiras dependendo do contexto histórico (povo, proletariado, periferia, "motim"), serem vistas "por cima" pelos pesquisadores, impedindo perceber as ações populares como objetivos claros, e ainda enfatiza que a indisciplina é uma construção ideológica que depende da visão de quem escreve.

As ações dos líderes comunitários residentes em bairro periféricos também carregam uma visão depreciativa em razão das atividades que desenvolvem. No período eleitoral, eles formam equipes junto aos moradores para trabalharem em apoio a candidatos, realizam visitas domiciliares, organizam pesquisas e passeatas, dentre outras atividades, que serão reveladas no decorrer deste texto. São atividades que vão desde a captura de adesões do público eleitor até a existência de uma série de práticas políticas, que sob a perspectiva da Justiça Eleitoral poderiam vir até a serem classificadas como ilegais, e resultantes do improviso ou da informalidade.

No entanto é extremamente importante entender que estes dois campos de análises, institucional e não institucional, devem ser considerados como pólos de uma relação que permite a análise da dinâmica política e que apenas são separados por

questões metodológicas para o melhor entendimento do tema. Ancoramos-nos nas propostas de análises de Palmeira (2006), para quem necessário se faz não simplesmente,

Contrapor relações informais e relações formais, as primeiras ocupando uma posição intersticial ou suplementar perante as relações ‘corporadas’, mas de ver como certas relações fundadas na reciprocidade, geradoras de obrigações entre pessoas, se articulam com as relações institucionais, vinculadas ao exercício de papéis sociais preexistentes, e como ambos se influenciam mutuamente, sem perder de vista, para efeito de análise, a linha divisória que a separa. (PALMEIRA, 2006, p.7).

Os políticos não só recorrem ao profissional de *marketing*, que trabalha programadamente meses antes e têm em sua equipe vários especialistas (estatísticos, jornalistas, advogado e contador); como também, buscam sistematicamente manter ligações com lideranças comunitárias para estes coordenarem as atividades que serão desenvolvidas dentro do bairro, e enfatizamos, atividades permitidas e não permitidas pela Justiça Eleitoral.

Partindo dessa percepção e entendendo que há um conjunto de práticas que não são visíveis na perspectiva de visões macros e que, “a organização do espaço urbano acaba por moldar também o exercício da política” (KUSCHNIR, 2000, p. 95), escolhemos para a realização deste trabalho o método característico da antropologia, a observação participante, desenvolvendo a pesquisa experimental de campo a partir da interação pesquisador e membros das situações investigadas. Procuramos todo o tempo, pela etnografia, o relato da trajetória na qual o líder comunitário constrói sua noção de liderança, da política e de suas escolhas eleitorais. Procedimento este que Winkin (1998. p.132) considera uma arte e uma disciplina científica, ao afirmar que a etnografia,

Consiste em primeiro lugar em saber ver. Que exige saber estar com, com outros e não consigo mesmo, quando você se encontra perante outras pessoas. Enfim, é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro (terceiro em relação àquele que você estudou) e, portanto que se saiba escrever. Arte de ver, arte de ser, arte de escrever. São estas as três competências que a etnografia convoca.

As participações nas atividades e programações das associações só nos foram possíveis por intermédio de líderes comunitários, primeiramente do bairro do Ferraz, que já tínhamos conhecimento de suas atividades. Estes se tornaram, posteriormente, não só interlocutores de nossa pesquisa, mas nossos guias. Como assevera Roberto Cardoso de Oliveira: ao passo que transformando esse informante em interlocutor, uma nova modalidade de relacionamento pode – e deve – ter lugar. (OLIVEIRA, 1998, p. 23).

Para realizarmos a pesquisa sobre o papel do marqueteiro político na campanha de 2010, era necessário a nossa inserção nas atividades de campanha. Entramos, então, em contato com a líder Dália, do bairro Ferraz, pois já era do nosso conhecimento que ela organizava os moradores deste bairro para participarem de atividades como passeatas, comícios, corpo a corpo, dentre outros. Ela então nos falou que ainda não iniciara nenhuma atividade dentro do bairro, mas que na próxima semana ela estaria organizando os moradores para irem a “Convenção do partido PSDB”¹⁵ e que já havia participado de uma reunião na semana anterior da qual avisaram da disponibilidade do ônibus e caberia a ela convidar moradores do bairro para participar do referido evento.

Enquanto cidadã campinense nunca havia participado de atividades como essa, restringindo a minha participação, na campanha eleitoral, ao voto no dia da eleição. Organizar um cronograma para ir a campo, observar estes eventos, foi um desafio marcado por ansiedades, dúvidas e ao mesmo tempo, curiosidades e surpresas que é importante registrar.

Chegando lá, nos deparamos com uma travessa estreita, de residências em sua maioria conjugadas e sem muros frontais, onde as porta e janelas das salas são abertas para a rua, já havíamos caminhado naquela rua várias vezes, mas depois de embasadas teórica e metodologicamente alguns detalhes, como estes, chamaram a nossa

¹⁵ A convenção partidária é o grande de reunião dos partidos políticos onde é firmado coligações e escolhem candidatos. No entanto, em Campina Grande, especificamente, as convenções partidárias são conhecidas como uma grande festa que dá início a campanha política. É aberta a sociedade e a imprensa e nela são apresentados os candidatos e as coligações, porém previamente escolhidos em outras reuniões internas.

atenção. Sobre este aspecto, defende Velho (1987, p. 128) ao explicar sobre pesquisa antropológica na própria sociedade: “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido (...) posso ter um mapa, mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam”.

Na esquina esperava um ônibus de aproximadamente quarenta lugares. De ambos os lados da rua começavam a se aproximar moradores, dentre eles, homens, mulheres e crianças, trazendo em suas vestimentas as cores da coligação partidária pertinente ao evento. A partir daí, percebemos que não há nenhum momento específico dispensável à pesquisa de campo sobre a política, pois aquele momento ainda não era a campanha eleitoral propriamente dita nem havia a participação do *marketing*, mas já era possível observar atividades desenvolvidas pela líder comunitária, que até aquele momento ainda não havia firmado apoio a nenhum candidato específico, mas já denotava através de suas atitudes, gestos e palavras, “de que lado estava”, e isso chamou nossa atenção.

Nos foi possível observar durante este trabalho de campo que o contato entre população destes bairros e político é estabelecido, na maior parte do tempo, por meio destas lideranças comunitárias – diferentemente, portanto, de estudos realizados em pequenos municípios, onde o papel do chefe de família é fundamental nessa mediação (CHAVES,1996). Entre essas lideranças, chamou-nos a atenção à presença predominante de membros de associações locais e é em nome destas entidades, sobretudo, que se dá à troca de recursos entre população e político.

Este primeiro contato fez parte das observações para uma pesquisa anterior, desde então, não perdemos o contato e sentimos a curiosidade de conhecer outras lideranças daquele bairro, bem como observar a atuação de líderes em outros bairros periféricos da cidade. A perspectiva da Antropologia da Política nos ajudou na interpretação sobre o processo de compreensão do cotidiano destes atores sociais que, apesar de não estarem filiados a partidos políticos, fazem parte de um grande sistema de trocas que compõem a dinâmica política brasileira.

Para esta pesquisa, participamos das atividades dos líderes comunitários em suas associações, registrando em um diário de campo e em gravadores, acontecimentos, conversas e diversas impressões. Realizamos tal observação para entender visões de

mundo, costumes, contextos e universos simbólicos dos próprios atores sociais, observando o contexto histórico no qual encontram-se inseridos. Ressaltamos, assim como Magnani (2002, p.09) que o método etnográfico,

Não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento.

O trabalho de campo, específico a esta pesquisa, foi desenvolvido nos anos de 2011 e 2012 nas entidades associativas dos bairros Ferraz e Belo Monte “fora do tempo da política”, até as atividades eleitorais na campanha política de 2012, por tomarmos como pressuposto que as relações estabelecidas antes das campanhas eleitorais contribuem para os acordos e apoios firmados no período eleitoral.

A escolha de tais bairros foi orientada pelo objetivo de realizar uma etnografia, comparando a atuação e trajetória de cinco líderes comunitários, sendo dois do bairro Belo Monte e três do bairro do Ferraz. Todos apresentam representatividade em suas entidades associativas, ora como presidentes destas entidades, ora compondo a diretoria.

Realizamos também entrevistas semi-estruturadas junto aos líderes comunitários associados a entidades dos bairros do Ferraz e do Belo Monte, que exerceram atividades de coordenador nos seus respectivos bairros na Campanha de 2010 e que continuaram a firmar apoio a determinados candidatos na campanha de 2012.

As questões que compuseram tais entrevistas atenderam ao objetivo principal da pesquisa que foi, justamente, identificar as redes de sociabilidades que viabilizam a comunicação entre líder comunitário e candidato/político. Muitas questões eram abrangentes, como por exemplo, “Como você define o bairro em que mora?”, no entanto, foram nas entrelinhas de questões aparentemente simples sobre o cotidiano dos

líderes e de suas entidades representativas que conseguimos apreender informações valiosas para nossa pesquisa.

Como estávamos às vésperas de um novo período eleitoral, desta feita as Eleições de 2012, pudemos enfatizar que a reconstrução da memória da disputa eleitoral entre os nossos interlocutores, estavam por algumas vezes estreitamente relacionadas à campanha de 2010 e as expectativas em relação ao desfecho do pleito de 2012. Há, portanto, uma incidência entre esses dois cenários. Um do “tempo passado” e outro do “tempo presente” marcado fortemente pela lembrança e esquecimento dos fatos ocorridos (LIMA, 2010). Dois “tempos de política” interligados sejam por suas concordâncias ou variâncias. Portanto, cabe considerar que não é objetivo dessa pesquisa apontar conclusões fechadas que enquadre a memória nativa em uma estrutura e sim explorar e refletir sobre as interpretações dos sujeitos envolvidos a fim de compreender os significados por eles atribuídos às suas próprias memórias.

Ao final da pesquisa de campo, com base nos dados primários (provenientes das entrevistas com os atores sociais e da observação participante), aliada à perspectiva teórica que privilegia o cotidiano da política e as interações sociais em contextos urbanos, descrevemos os sistemas de interação no qual as práticas desenvolvidas nestas entidades tornam-se relevantes, assim como os contextos significativos que podem fazer uma diferença sistemática na compreensão das formas de se fazer política, considerando, como faz Brasileiro (2009, p.14-15), a política como “um elemento que assume valor e importância na vida em sociedade” e uma fonte de significado cultural. Onde ao “interpretar a sociedade, bem como interpretar a política, como um sistema de significados, permite-nos alcançar elementos e discussões que fogem as estruturas e/ou as instituições”.

Seguimos assim, o raciocínio de Da Matta, no préfacio de “A Dívida Divina” (LANNA,1995, p.09), percebendo os bastidores das Campanhas Políticas “como uma organização embebida de estilos de pensar, classificar, conceber e fazer”, e que apesar de toda estrutura complexa existente embricada nesse campo “continua a conter, em maior ou menor grau, elementos tradicionais que só podem ser compreendidos pelo viés da sociedade, da cultura e dos valores”. Dito isto, continuemos em nossa caminhada.

CAPITULO I - A PRODUÇÃO TEÓRICA E CIENTÍFICA DA POLÍTICA E AS CIÊNCIAS HUMANAS

1.1. A Política enquanto objeto de estudo

O período de uma campanha eleitoral é singular em sua efervescência política, no entanto, os dias que a antecedem revelam nuances da complexidade de relações de poder que não acabam no dia da eleição. As práticas políticas cotidianas realizadas pelos líderes comunitários em Campina Grande são significativas para compreensão de configurações assumidas pela política na contemporaneidade. Assim destacamos este fenômeno social como um momento propício a investimentos de pesquisa sócio-antropológica.

A perspectiva que acredita que a política não se constitui apenas de aspectos legislativos e judiciários amplia a noção de ação política muito embora sofra resistências de vários tipos, pois altera concepções consagradas que a tempo são compartilhadas. Variadas são as abordagens pesquisadas, no entanto, sentimos a necessidade de apontar quais perspectivas não são seguidas, com o objetivo de, sucintamente, revisar esse passado bibliográfico, e revelar a participação de importantes análises em prol da reflexão do campo político, além disso, pensar a política e suas dimensões como campo de investigação sócio-antropológica possibilitando inúmeras vertentes analíticas.

Seguiremos, para isso, o raciocínio da historiadora Ângela de Castro Gomes (2005) para quem, no que diz respeito às análises das relações sociais construídas entre dominantes e dominados, argumenta a necessidade de recusa da predominância de um enfoque sócio-econômico mais estrutural, privilegiando variáveis político-culturais, ou seja, estas variáveis são instituintes da realidade social e não simples derivações.

A política comumente é compreendida pelos comportamentos e decisões concernentes as instituições jurídicas, administrativas e legais que ordenam a vida pública de uma dada sociedade, ou seja, ao exercício de governo, às leis que regem a

vida civil e à aplicação da justiça. A dimensão política é assim admitida a partir e através do Estado.

No campo histórico, até início do século XX, o estudo da prática política resumia-se apenas a história militar ou diplomática, centrada em batalhas, guerras e negociações entre Estados. Nas Ciências Sociais, os estudos de política se restringiram durante muito tempo ao campo da Ciência Política, onde a primazia é dada ao entendimento dos aparatos institucionais e o aparelho do Estado, onde a explicação para as questões levantadas são em geral encontradas na falta de algum elemento, tido a priori como essencial: a racionalidade, informação, tradição e organização partidária, eficiência governamental etc.

Boa parte dos estudiosos da Ciência Política privilegiam as chamadas teorias da escolha racional. O ponto de partida da teoria da escolha racional defende que o comportamento coletivo pode ser compreendido em termos de atores (empresas, sindicatos, partidos políticos e até mesmo o Estado) que procuram atingir seus objetivos, que têm interesses a realizar, o fazendo racionalmente, num cálculo racional entre meios e fins, de acordo com a utilidade esperada (RUA&BERNARDES,1998). Os eleitores participariam do processo eleitoral a partir do cálculo de possíveis benefícios, em termos de políticas públicas, que seriam obtidos com a vitória deste ou daquele candidato. A partir deste cálculo racional, os eleitores tomariam a iniciativa de votar no candidato que, segundo sua expectativa, traria maior benefício, ou simplesmente, escolheriam abster-se de votar.

Ainda no campo das Ciências Políticas críticos vinculados a matriz teórica marxista apontam que atitudes e valores dos indivíduos não tem eficácia em relação a força dominante das classes sociais, e que aquelas, expressam a “falsa consciência”. Ou seja, “que as esferas do político e do cultural não constituíam e não deviam ser tratadas como campos autônomos e privilegiadas para investigações consistentes e proíferas sobre o tema da mudança social” (GOMES, 2005, p. 28).

Outra abordagem que se tem em questão é a teoria sociológica do voto, onde a participação política é determinada pelo grau de identidade entre grupos sociais e

partidos políticos. As bases dessa teoria foram sintetizadas por Lipset & Rokkan¹⁶. A política, nesta abordagem, é entendida como uma esfera autônoma, e foi durante muito tempo investigada sem que se levasse em consideração a cultura dos indivíduos, nos termos que os antropólogos defendem, ou seja, cultura como “rede de significados que dá sentido à percepção da realidade” (KUSCHNIR, 2007, p. 24). No entanto, não há como negar, nas últimas décadas, destacadas mudanças nas definições e representações da política e nas práticas dos indivíduos nos mais diversos campos de conhecimento.

Na História, as primeiras desnaturalizações dessa perspectiva partiram da necessidade de percepção do mundo vivido dos atores sociais que compõem o cenário político, não limitando o território da política ao institucional/administrativo e sim percebendo como os indivíduos comuns, percebiam, recebiam e partilhavam o mundo da política, este que foi visto por muito tempo como o “mundo do outro”, ou seja, só diz respeito às instituições e seus representantes. Com a fundação da revista *Annales* em 1929, na França, e a criação da VI Seção da *École Pratique des Hautes*, bem como críticas do marxismo, impulsionou-se a transformação deste campo de conhecimento histórico. Para tais historiadores que propuseram a alteração,

formas de viver e culturas eram mais permanentes que meros acontecimentos particulares, ou seja, cada sociedade carrega aspectos inerentes a sua própria estrutura, cabendo ao historiador investigar além da mera aparência do fenômeno social (SÊGA, 2002, p. 01).

Metodologicamente buscam-se analisar a dimensão social e cultural do pensamento e das ideias dos atores, pertencentes a um mundo considerado marginal. Centrando a preocupação no campo do poder e do político, a Nova (e novíssima) História Política altera as fontes, o padrão das narrativas dos acontecimentos e a abordagem de seu objeto, voltando o olhar para a ação humana no campo político, atentando para a pluralidade e a longa duração dos fenômenos. Propõe assim novas interpretações dinamizando a relação dominantes e dominados que “transforma o

¹⁶. Artigo intitulado: Estruturas de clivagem, sistemas partidários e alinhamentos de eleitores Consultar: <http://pt.shvoong.com/law-and-politics/1753721-como-seu-voto-influencia-resultado>

sentido de um conjunto de comportamentos individuais e coletivos politizando uma série de ações e introduzindo novos atores como participantes da política” (GOMES, 2005, p. 21)

Alguns autores merecem destaque ao proporcionar uma abrangência no conceito de política e a participação de diversos atores na prática do poder e da política. Um deles é Edward Palmer Thompson, seus pressupostos teóricos se baseavam na História Social Inglesa, no qual a história social apareceria como temas que buscavam discutir enigmas históricos específicos quanto ao comportamento e as relações entre os diversos grupos sociais. Tentou rebater o marxismo ortodoxo através de “uma história que olha por baixo”, procurando elaborar uma nova leitura do marxismo, daí a proximidade com Antropologia Cultural inglesa e também com a visão cultural do cotidiano e das mentalidades.

Percorrer esse caminho é sem dúvida beber na fonte da Antropologia. A política existe enquanto objeto de estudo da Antropologia desde os primórdios da disciplina. A preocupação com a dimensão política surge no campo da chamada Antropologia Política. Segundo João Pacheco de Oliveira Filho (1986), antropologia política refere-se a estudos que buscam enaltecer a “relevância política (antes ignorada) de outras dimensões não claramente política da vida social”. Nestes estudos os antropólogos buscavam entender a organização social de grupos e etnias em culturas nas quais inexistia uma organização formal e institucional de um sistema político. Evans-Pritchard (1940), por exemplo, aponta a necessidade de ultrapassar as reflexões políticas para além do Estado quando em sua análise dos Nuer apresenta uma organização política apoiada em uma estrutura de linhagens e sem qualquer poder centralizador.

A Antropologia ao voltar o seu “olhar” para as sociedades contemporâneas e para o espaço urbano, redescobre essa importante área da cultura e passa a tomar a política, sobretudo, como um processo ritual. No Brasil, entre os antropólogos brasileiros, não foi diferente; principalmente a partir da década de 90, um esforço foi direcionado a releitura da “política”, buscando analisar as atividades políticas dentro do Estado moderno-contemporâneo evitando limitá-las as organizações partidárias e as instituições, sendo estes objetos de investigação privilegiados das Ciências Políticas. Tais estudos atentaram para a necessidade de interrogar as matizes do pensamento

político moderno bem como as relações nele tecidas entre conceitos, representações e imaginários.

Esta nova perspectiva de estudos denominada de Antropologia da Política surge apontando para uma amplitude na concepção do termo política, colocando-a mais próxima do vivido e de temas e aspectos diversos, a partir da percepção de que há uma multiplicidade de questões que envolvem a prática política e suas representações. A análise das práticas políticas é realizada a partir dos discursos e das ações dos atores sociais, e não exclusivamente a partir das instituições sociais. A política é tomada enquanto representação, visando contribuir para alargar a concepção da política para além da esfera institucional/administrativa e contemplar, de forma muito clara, a ação de outros atores coletivos até então, praticamente ignorados.

Alguns desses autores ainda concentram preferencialmente os seus estudos no chamado “tempo da política”, como assim designam o período eleitoral. Tal tempo representa “o momento em que as facções (os partidos reais) são identificadas, e em que, por assim dizer, existem plenamente, em conflito aberto, as municipalidades divididas de uma maneira pouco habitual nas grandes cidades” (PALMEIRA, 1996, p.50).

Outros estudos colocam em prática essas premissas investigando a política além do período eleitoral, por exemplo, as análises presentes na coletânea “Antropologia, Voto e Representação Política”, organizado por PALMEIRA & GOLDMAM (1996), constituindo-se num estudo privilegiado nesta perspectiva. Nela, os comportamentos políticos, presentes em contextos específicos, fazem parte das mais diversas dimensões da vida social: representações ‘nativas’, faccionalismos, vida comunitária, família e redes sociais, imprensa, identidade étnica, festividades, biografias, estruturas de mediação e cultura parlamentar.

Para embasar teoricamente as análises nos valem ainda de leituras sobre os principais trabalhos científicos já realizados no Brasil sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes. Dentre eles, destacam-se os trabalhos antropológicos que buscam analisar como os indivíduos compreendem, experimentam e definem o lugar da política em suas práticas cotidianas, oferecendo-nos um rico e substancial material teórico a subsidiar a nossa

investigação e análise do tema em tela. Autores como Magalhães (1998), Gomes (2005), Teixeira & Chaves (2004), Palmeira (2006), Kuschnir (2007), Barreira (2006), Fasson (2010), entre outros, foram importantes referências teóricas analisadas.

Através deles foi (re)valorizado o "lugar" da interseção política e cultura, reinstituindo o peso explicativo das tradições políticas e seus rituais. Como bem sinalizou Geertz (2001), pretende o antropólogo uma busca interpretativa, está ele a procura de significados. O antropólogo, ao fazer a etnografia de um grupo, deve fazer mais do que uma coleta de dados e observação, seu empreendimento se constitui num esforço intelectual de interpretar tudo aquilo que observou e esclarecer-nos. Observar, do ponto de vista do nativo, compreender o uso de símbolos e seus significados.

Traduzir as suas percepções é um exercício que se faz através de uma descrição, nos termos de Geertz (1989), uma descrição densa, faz-se um exercício de busca nas estruturas de significações que existem na cultura, e mais que isso, ele está interpretando essas estruturas, determinando suas bases e sua importância social. E os comportamentos encontrados na cultura de um povo, enfim de uma sociedade, devem ser descritos de forma a serem interpretados.

O investimento é conhecer o outro pela própria "fala" e suas práticas culturais, dando legitimidade a estudo de casos e trajetórias individuais considerando crenças e valores como orientadores de comportamentos políticos, possibilitando a ultrapassagem do campo da política formal. Deslocando o foco de análise para aspectos relativos à atividade humana e sua relação com o poder em todas as suas formas:

Com tal procedimento, não só se politizam várias ações antes destituídas desta dimensão (festas e práticas cotidianas), mas se entende que, no interior mesmo das relações entre os dominados, também existem hierarquias e relações de poder. (GOMES, p. 26. 2005).

Gomes (2005) ainda chama atenção que considerar estas marcas mais sutis e inusitadas e envolvendo negociações e alianças não elimina e minimiza os conflitos abertos, as oposições e desigualdades existentes nas relações de dominação, no entanto,

amplia o escopo dessa perspectiva possibilitando perceber que o poder não é monopólio do dominante.

1.2. Culturas Políticas, Capital Social e Redes de Sociabilidades

Quando pensamos as relações políticas excedendo o campo político institucional, e através dessa fluidez e mobilidade adentrar-se nas relações sociais e nas práticas culturais cotidianas, o conceito de cultura nos parece fundamental. Dentre as diversas reflexões dentro do amplo campo de estudos culturais destacaremos o conceito de cultura como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos.

Na concepção de Sahlins (1979) a cultura é uma mediação simbólica que dá sentido a realidade. Para Geertz (1989) ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível isto é, descritos com densidade. Tanto na concepção de Sahlins quanto de Geertz a cultura é pensada enquanto processo de decodificação da realidade partindo da premissa que os indivíduos compartilham práticas simbólicas e a tudo dão significados.

Tomamos assim a política como parte integrante da cultura, passível de constantes reelaborações simbólicas, podendo a cultura aqui também ser entendida com um “conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamentos, próprios a vários grupos que compõem a sociedade” (MAGALHÃES 1998, p. 28). E, as culturas políticas enquanto contribuintes na constituição de visões de mundo compartilhadas, formando o que Soihet, Bicalho e Gouveia (apud CITADINO, 2007, p.53) conceituam de “um patrimônio indiviso”, composto por vocabulários, símbolos e gestos, portador de um arsenal de ferramentas que possam exprimir valores, idéias e desejos políticos de um dado conjunto social”.

A categoria cultura política é instrumentalizada relacionada com a cultura global da sociedade, e seu campo de aplicação incide sobre o político;

Embora o conceito seja caracterizado como multidisciplinar a mesma literatura é unânime em apontar que, como tal, foi formulado apenas anos posteriores a Segunda Guerra Mundial, vinculando-se tanto a uma crise internacional de paradigma liberal clássico, quanto ao aparecimento de novas metodologias de pesquisa, com destaque as quantitativas. Seu berço e centro de irradiação teria sido a Ciência Política norte-americana nos anos de 1960, especialmente aquela de inspiração parsoniana, sendo clássica a referência aos trabalhos de Almond e Verba. (GOMES, 2005. P. 27).

Partindo do pressuposto que não existe uma cultura dominante e singular, e sim culturas, assim também se pensa o conceito de cultura política (pensada no plural) “composto por vocabulários, símbolos e gestos, por todo um arsenal de ferramentas que possam exprimir valores, ideias e desejos políticos de um dado conjunto social” (Soihet, Bicalho e Gouvêa, 2005, p.13).

Gontijo (2005) ao relacionar estudos culturais e a política também aponta para necessidade de pensar o conceito de cultura política no plural e entendê-lo como compartilhamento de significados e formas concretas de sociabilidade e linguagem, que se referem ao fenômeno político, assim, o estudo das sociabilidades contribuirá para a compreensão da cultura política já que esta perpassa o estudo de formas identitárias de práticas políticas:

Compreender as redes de relação entre os indivíduos ajuda a destrinchar o clima cultural em meio ao qual circulam temas e se difundem normas e valores, que favorecem a sensibilidade necessária para a recepção de ideias e a adoção de comportamentos. (GONTIJO, 2005, p. 278).

Entende-se que a identidade política, pode ser constituída pelas situações experimentadas ao longo da trajetória pessoal, por meio das relações sociais e das significações pessoais, ou seja, a constituição das formas identitárias de prática política é decorrente das histórias particulares de cada indivíduo que vão se constituindo na interação com o outro, tecendo redes sociais. Ao modo de Claude Dubar (2005, P. 156), “remetem a visões de si e dos outros, de si pelos outros, e também dos outros por si. São

‘categorias atribuídas’ (identidades para o outro) e identidades ‘construídas’ (identidade para si)”.

A naturalização e associação da expressão redes sociais às tecnologias de informação aponta a necessidade de definir a abordagem que será instrumentalizada a analisar o vínculo entre líderes comunitários e candidatos/políticos. Acioli (2007) esboça três possíveis abordagens utilizando a noção de redes, seriam elas: uma abordagem metafórica, uma analítica centrada na metodologia de análise e a tecnológica voltada às redes de conexão, apontando que todas têm relação direta com a informação quando esta é entendida como troca permanente.

A nossa análise aproxima-se de uma definição analítica de redes sociais quando utilizaremos esta categoria para apoiar a descrição de relações sociais entre conjunto de atores e entre os próprios atores, que envolvem conexões que ultrapassam o limite do grupo, onde as delimitações são variáveis e podem ser reinterpretadas.

Emille Durkheim (1897)¹⁷, já apontara que o indivíduo tem sua ação condicionada pela sociedade e por isso a intensidade em que os atores sociais interagem é crucial para integração social. Outro referencial clássico importante para pensar redes sociais é Georg Simmel (2006). Para ele, a sociabilidade é uma condição inerente e gerada pelas formas sociais, as quais são resultantes das múltiplas combinações interacionais acionadas pelos propósitos, impulsos e desejos dos indivíduos e dos grupos e classes sociais sintetizadas na própria formação de uma dada sociedade. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades (SIMMEL, 2006, p. 59). Sendo assim, para Simmel a sociedade existe no momento em que vários indivíduos entram em ação recíproca estabelecendo laços sociais.

A antropóloga Elizabeth Bott (1971) usa a idéia analítica de rede enquanto ferramenta de análise dos relacionamentos entre pessoas, seus elos pessoais e entre as organizações do contexto em que se inserem. Ela alerta que apesar de definirmos um limite ou denominarmos membros centrais metodologicamente, como elencamos os

¹⁷ A compreensão de laços sociais é apontada por Durkheim em sua obra *O Suicídio*, onde ele aponta que uma das forças que determina a ação suicida também é social. Distinguindo tipologias de suicídio ele constata que em todos os casos os indivíduos sofre excesso ou afrouxamento dos laços sociais entre o indivíduo e a sociedade.

líderes e os políticos, esta centralidade é apenas uma construção de investigação em andamento, pois outros vínculos são estabelecidos, outros “nós” podem ser tecidos e significativos. Redes delimitadas para serem analisadas não representam a totalidade de vínculos existentes no seu interior, estas são representações de malhas mais densas.

Sociabilidade a partir dessas reflexões pode ser entendida como o estar com o outro estabelecendo vínculos aos quais se atribui algum valor devido a satisfação que promovem. Gontijo (2005) ao discorrer sobre a noção de sociabilidade chama atenção as reflexões de Maurice Algulhon e alerta a não limitar o termo sociabilidade as associações formais:

Para esse autor a sociabilidade é uma categoria descritiva, que serve para designar uma atitude geral das populações ao viver relações públicas, não implicando necessariamente, uma ligação com associações formalmente organizadas, como as instituições. (GONTIJO, 2005, p. 260)

Giddens (2012) distingue que os grupos sociais são fontes para adquirir redes, no entanto, nem todas as redes são grupos sociais e alerta que as redes conferem mais que vantagens econômica, podendo ‘a influência’ ser uma das razões por que os indivíduos fazem conexões ou o que Bourdieu chamou de capital social, ou seja, os recursos que indivíduos ou grupos ganham em razão de possuir uma rede durável de relações e reconhecimento mútuo. Sendo assim as redes são lugares de conflito, disputa e movimento para obtenção de capital social. Os laços sociais se tornam importantes dentro dessa relação porque o capital social é relacionado a uma determinada rede social, ele não se encontra nos indivíduos, mas encontra-se embutido nas relações sociais das pessoas.

Para reproduzir este capital social é necessário investimento e esforço dos membros envolvidos para não enfraquecer estes laços. Para imprimir uma maior problematização as nossas análises, apresentamos abaixo os principais conceitos das reflexões teóricas de Pierre Bourdieu (2010).

1.2.1. Capital Simbólico

Bourdieu (2010) ajuda-nos a pensar sobre as relações de sociabilidades na obtenção do capital social quando retira a análise da vida social da base econômica e insere outros aspectos indivisivos como o social e o cultural. O espaço social no qual estão imersos os atores, constitui-se num lugar onde os indivíduos dialogam, relacionam-se e visionam movimentações estratégicas que os permitam manter ou melhorar suas posições neste espaço.

A partir do conceito de campo Bourdieu (2010) dialoga acerca deste espaço, como espaço de lutas, conflito e/ou reprodução da vida. O campo é definido como,

um espaço multidimensional de posições tal que, qualquer posição actual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes se distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto de suas posses. (BOURDIEU, 2010, p. 135).

O campo é este lugar onde as pessoas estão lutando por posições. Posição esta que define onde o indivíduo se insere na sociedade, os caminhos que percorreu a composição do que ele recebeu socialmente e o que ele pode construir com o que foi dado. Neste espaço, os indivíduos desenvolvem seus modos de viver e suas práticas sociais. Estar dentro deste campo requer de cada indivíduo um acúmulo de capital simbólico (cultural, social, político), ou seja, acúmulo de valores que o indivíduo objetiva para conseguir ou manter suas posições neste campo.

Bourdieu (2010) introduz a ideia de capital simbólico fundamentando-o na ‘crença’ que se ambienta no social:

O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio. (BOURDIEU, 2010. p. 145).

Ele é eficaz dado o reconhecimento que recebe. O capital simbólico fundamenta o desempenho dos agentes nas lutas por posições no campo, cada agente aciona os capitais de maneira a impor com eficácia a sua (ou do seu grupo) visão legítima do mundo social. Esta abordagem abre espaço para compreender a noção de poderem Bourdieu (2010), a busca de mobilizar o maior número de atores através da imposição da visão de mundo, fundido na crença, na e pela representação, pela obediência: “é um poder que existe porque aquele que está sujeito crê que ele existe”. (BOURDIEU, 2010, p. 188).

Estes capitais podem se acumular, manter e/ou se ampliar através de estratégias específicas de investimento econômico, mas, podem ser adquiridos através da possibilidade de investimentos culturais, mantendo ou construindo relações sociais que oportunizam aos indivíduos relações econômicas a curto ou longo prazo.

O capital econômico é um recurso fundante na luta de cada indivíduo no campo de relações: a renda, a riqueza material, as terras, fábricas, patrimônio e bens, entre outros elementos, são referenciais na discussão em Bourdieu (2010) acerca das relações de poder neste espaço de lutas simbólicas. Contudo, o campo onde se inserem as lutas políticas dificulta a explicação deste universo de muitas mediações, se somente se leva em consideração o aspecto econômico;

Apesar de Bourdieu insistir na ideia de que os resultados da posse de capital social e cultural são sempre redutíveis a capital econômico, os processos que produzem estas diferentes formas de capital não o são: cada uma possui a sua própria dinâmica e, em relação à troca econômica, caracterizam-se por menor transparência e maior incerteza. Por exemplo, as transações que envolvem capital social tendem a ser caracterizadas por obrigações tácitas, por horizontes temporais incertos, e pela possibilidade de violação das expectativas de reciprocidade. (POTES, 2000. P. 135).

O agente político prescinde do capital econômico, contudo, ele realiza mediações, trocas e acordos difíceis de mensurar ou apreender somente pelo prisma econômico. A luta pela representação política se realiza mediante a obtenção de muitos capitais, mas, enfatizamos que o capital social é ambientado nas relações sociais de uma rede.

1.2.2. Capital social

Bonamino, Franco e Cazelli (2010) apontam que se destacam três aspectos na concepção de capital social em Bourdieu: seus elementos constitutivos, os benefícios que os indivíduos adquirem mediante a participação em grupos de redes sociais e, como este capital pode ser reproduzido.

Numa abordagem que trata sobre a constituição do capital, Bourdieu (2010) destaca as redes de relações sociais e, quantidade e qualidade de recurso do grupo. O capital social desvela-se através desta associação de recursos relacionados a uma rede de relações institucionalizadas de reconhecimento, ou seja, o quanto de recursos um agente/grupo consegue reunir dentro de uma rede, institucional ou não, que os faça sentir pertencentes e reconhecidos.

O segundo aspecto referente aos ganhos obtidos aponta um campo político que não é desinteressado, o indivíduo e os agentes políticos que estão imersos em grupos tem uma ‘permissão’ de apropriar-se dos benefícios simbólicos e materiais que circulam entre os membros. Por fim, a reprodução do capital social, como uma resultante de um trabalho produzido nas redes de relações duráveis objetivando a produção de capitais materiais e simbólicos que circulem entre os membros.

Para estabelecer uma posição dentro da rede a busca é por ganhar confiança, reconhecimento, identificação social, incorporando valores, normas e princípios que possibilitem a adequação entre as suas ações, a relação e a realidade objetiva da sociedade. É o que Bourdieu (2010) chama *habitus*¹⁸. O *habitus* é a estrutura que o

¹⁸.Ver: “A gênese dos conceitos de *habitus* e campo. In: O poder simbólico/ Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 13ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010.

sujeito interioriza neste universo de relações que independe de sua vontade, é a relação entre aquilo que o sujeito incorporou algo que foi dado e a sua possibilidade de construção com o que foi dado. O *habitus* permite um agir orientado, uma conformação da ação do agente no sentido de tornar possível a realização de certos fins.

O *habitus* delinea o atuar de todos os agentes: a palavra proferida precisa ser reconhecida, a troca realizada instaurada na concepção de reciprocidade e a confiança instituída. Os agentes ensaiam uma coreografia interessada tendo em vista fins, eles incorporam as regras do campo em busca de acesso às posições dominantes dentro do campo:

As redes sociais não são um dado natural, tendo de ser construídas através de estratégias de investimento orientadas para a institucionalização das relações do grupo, utilizáveis como fonte digna de confiança para acender a outros benefícios. (POTES, 2000 p. 135).

Bourdieu trata da conversibilidade das diversas formas de capital: através de recursos econômicos, empréstimos, contatos, informações, filiação em instituições são alguns dos elementos que possibilitam o acesso e conversão de capitais. As relações sociais em redes demarcam o capital social ambientado em obrigações veladas, sem uma delimitação de tempo e pela possibilidade da quebra do pacto estabelecido.

O capital social orienta os agentes sociais a saberem se colocarem estrategicamente em um campo de forças, cada ação é um investimento realizado no sentido de acumular melhor posição e mais capital. Neste jogo, a atuação do agente orienta-se tendo em vista as redes de relação que requerem uma preparação diferenciada, pois, necessita ele de reconhecimento, da possibilidade de atuar neste ambiente conflitante.

Enfatizamos, por fim, que o capital social é simbólico e importante na realização de certas atividades. A rede de relações de cada agente ambienta as suas ações, oportunizando que cada indivíduo acione seus capitais: as reuniões, o convívio diário com a comunidade, as trocas simbólicas e materializadas, os acordos tácitos, o compromisso e barganhas são realizados no campo de lutas sem que essencialmente o elemento econômico prepondere.

CAPITULO II – FORMAS DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA COMUNITARIA E OS BASTIDORES DA CAMPANHA ELEITORAL

2.1. Os líderes e sua representação comunitária

O fenômeno da representação esteve presente em diversas análises de grupos sociais, entre outros pontos, por sua força coercitiva, seja face às dimensões particulares, seja diante dos demais grupos da sociedade. O grupo social possui uma “dimensão imaginária de unidade” (BARREIRA, 1998). Esse imaginário é construído a partir da demarcação de fronteira e percebido nos discursos dos líderes comunitários através das falas “os políticos de fora” “convidados de fora” “professor daqui de dentro”, fazendo diferenciações entre os “de dentro” do bairro e os “de fora” do bairro. Nestas fronteiras simbólicas estão também grupos sociais que exercem papéis em comum, como o grupo de líderes comunitários, marcado por papéis fluidos e temporais.

A escolha por Acácia, Gerânio e Dália no bairro Ferraz e por Íris e Cravo no bairro do Belo Monte, foi guiada justamente pela própria delimitação da pesquisa etnográfica, levando em conta aqueles que apresentam certa representatividade e liderança dentro de cada bairro, não são filiados a partido político, e desenvolveram atividades de apoio político no período de campanha eleitoral municipal de 2012.

Dália, presidente do Clube de Mães do Ferraz, tornou-se sócia do Clube de Mães do Ferraz no intuito de fazer um curso de produtos artesanais, daí “percebeu que o clube era mais que isso” e foi se “entrosando e gostando de estar ali partilhando tanta coisa com aquelas mulheres”. Sua participação neste movimento comunitário vai para além do bairro, sendo também membro da diretoria da Coordenação dos Clubes de Mães. Argumenta Dália,

O meu marido até reclama que não tenho tempo pra casa e pra família (...) de tanto tempo que me envolvo com essas lutas comunitárias.

Quando querem reivindicar algo, as pessoas do bairro, sempre vão lá na minha casa ou aqui no Clube buscar meu apoio (Entrevista realizada com Dália, 61 anos, Presidente do Clube de Mães do Ferraz, em agosto de 2011).

Desde que nos propusemos realizar esta pesquisa já estava decidido à procura por Acácia, secretária da Associação do Bairro do Ferraz, pois já havíamos feito inserções e sondagens sobre o seu trabalho comunitário quando acompanhávamos a líder Dália nas atividades da campanha de 2010. Acácia foi uma das fundadoras da Associação e sempre esteve na frente das atividades. Nunca foi Presidente da entidade, mas sempre esteve na “comissão de frente”, como ela mesma define, ao afirmar que desde a fundação (2000) faz parte da diretoria. Para além das atividades da Associação, ela também é sócia do Clube de Mães e confirma que “são lutas diferentes”.

A líder comunitária confessa que só começou a “ter visão da política”, ou seja, ter curiosidade sobre “este mundo”¹⁹ quando passou a se interessar pelo trabalho comunitário e principalmente pelas atividades da Associação. Mas pondera que só começou a “trabalhar para candidato” a partir de 2004, tanto nas campanhas municipais quanto nas estaduais. Para ela, o “político vê as lideranças com outros olhos”, se referindo à procura por estes para firmar apoio. Logo no primeiro contato, em março de 2011, ela já se disponibilizou a nos deixar informados sobre as atividades da entidade e programações futuras.

O terceiro interlocutor deste bairro foi Sr. Gerânio, tesoureiro da Sociedade de Amigos de Bairro do Ferraz - SAB²⁰ e membro do Grupo de Vicentinos²¹ do bairro,

¹⁹ A política vista como “mundo do outro”, como uma experiência ou espaço estranho, distante, até mesmo inalcançável. A política seria resultado da ação e prática dos representantes eleitos pelo povo e não uma atividade cotidiana do cidadão, nem tampouco, um exercício da cidadania. A política é assunto dos políticos (PEREIRA & LIMA, 2009, p. 10)

²⁰ As SABs são grupos de moradores que se organizam com o objetivo de reivindicar das autoridades melhoramentos em seus bairros, no que diz respeito a calçamentos, limpeza pública, sinalização, sistema de água e esgoto, sistema energético, debates públicos, transporte coletivo, enfim, melhor atendimento público à população.

²¹ A Sociedade de São Vicente de Paulo - SSVP é uma obra que ajuda milhões de famílias há mais de 170 anos. A missão da Sociedade de São Vicente de Paulo é aliviar a miséria espiritual e material dos que vivem em situação de risco social, colocando em prática os ensinamentos de Cristo e da Igreja Católica. Atualmente a Sociedade de São Vicente de Paulo está presente em 143 países e tem mais de 700 mil membros espalhados pelo mundo. O Brasil é o maior país vicentino do planeta; aqui a instituição nasceu em 1872, com a Conferência São José, no Rio de Janeiro. E conta com cerca de 250 mil voluntários, organizados em 20 mil Conferências e 33 Conselhos Metropolitanos. As Conferências Vicentinas são grupos formados por homens e mulheres - e também por Crianças e Adolescentes. Quem faz adesão a SSVP é chamado de Vicentino. Os grupos se reúnem semanalmente para debater e sugerir maneiras de

conhecido por desenvolver trabalhos voluntários na região. É também animador da pastoral dos enfermos, na igreja católica do bairro, podendo desenvolver atividades de visitas e novenas nas casas, conhecendo e sendo conhecido cada vez mais pela comunidade.

A prática religiosa é entendida enquanto contribuinte para o acúmulo de capital social para os líderes praticantes, pois a posição de liderança, como já apontamos, é oferecida pelo coletivo e carregada de expectativas, no qual o líder comunitário está constantemente sendo testado e correndo o risco de perder a confiança dos seus. Barreira (1998, p.168) afirma que “a influência religiosa nos bairros da periferia é fato comprovado pela maioria dos trabalhos de pesquisa que se ocupa da temática da organização popular”.

Encontramo-nos a primeira vez com o Sr. Gerânio para falar sobre a pesquisa quando estávamos em uma reunião do Clube de Mães do Ferraz e ele havia ido lá participar da reunião e prestar contas, com a líder Dália, do pagamento da energia da sede, que é compartilhada com o Clube de Mães. Ao explicá-lo que nossa pesquisa buscava conhecer as práticas desenvolvidas por ele e pela entidade, optamos previamente em não mencionar a nosso interlocutor de maneira direta o nosso intento em discutir a questão de sua inserção e participação na política na qualidade de coordenador de campanha dentro do bairro, pois o tema política poderia causar alguma resistência.

Nosso depoente prontamente já justificou e antecipou que a “SAB tem muitos sócios, falta força de vontade, mas você quer conhecer as portas estão abertas”²². Sabíamos também que ele desenvolvia muitas práticas voluntárias no bairro como conduzir mulheres grávidas e idosas a hospitais, organizar mutirões para reerguer casas que não eram de alvenaria, construir pontes onde o esgoto é a “céu aberto”; e fora do bairro, participando de outras movimentações populares tais como: oferecendo apoio ao

atender as famílias carentes, que são cadastradas após sindicância sócio-econômica. As Conferências são coordenadas por Conselhos, que direcionam os trabalhos e atividades seguindo os princípios e fundamentos da Regra da Sociedade de São Vicente de Paulo. A administração da Sociedade de São Vicente de Paulo no Brasil é de responsabilidade do Conselho Nacional do Brasil; e no mundo, do Conselho Geral Internacional, com sede em Paris, na França. Fonte: http://www.ssvpbrasil.org.br/?pg=sobre_a_ssvp

²² Registro do diário de campo do dia 05 de agosto de 2011(sexta feira): Reunião para definição da comemoração do dia dos pais com sócias do clube de mães do Ferraz, com participação dos sócios da SAB.

grupo CONTRAMARÉ (Cooperativa de Trabalhadores de Materiais Recicláveis)²³ antes mesmo deste torna-se organizado e recebido diversos apoios; Movimento dos Mecânicos do Distrito, Grito dos Excluídos, enfim, estas são algumas das atividades que Dália nos adiantou como iniciativas do Sr. Gerânio.

O contato com Íris ocorreu à primeira vez numa reunião para líderes, organizada por um grupo político às vésperas da campanha de 2010, onde tivemos a oportunidade de participar na companhia com Dália. Pudemos observar que Íris se destacou durante toda reunião, ao questionar, tirar dúvidas e conhecer todos os outros líderes pelo nome. Desde então, observamos sua presença em outras atividades que fazem parte da programação de campanha e registramos tais momentos para pesquisas futuras. Passada a campanha de 2010 depois que já tinha realizado contatos com os líderes do Ferraz, Dália nos perguntou se queríamos conhecer a Coordenação dos Clubes de Mães, do qual a Presidente é Íris. Aceitamos e participamos de três assembleias, atividade que acontecem todas as quintas-feiras, dirigidas às diretorias dos Clubes de Mães da cidade. Nestas ocasiões tivemos a oportunidade de falar com ela sobre nossa pesquisa e o interesse em realizá-la no bairro Belo Monte, já que muitas das práticas observadas e citadas por ela também estavam presentes no bairro do Ferraz. Desde então ela se tornou uma das nossas principais interlocutoras dentro do bairro. Periodicamente íamos observar algumas reuniões e festividades na entidade que representa.

Íris ao lembrar sua trajetória no bairro acha “até engraçado repensar”, pois nunca tinha parado pra falar sobre isso. Ela é moradora do bairro Belo Monte há quase trinta anos, e como já se sabe, foi morar lá por questões financeiras. Através de amizades participou enquanto sócia da SAB e foi se “entrosando”. Segundo Íris, a SAB de Belo Monte era bem atuante, então ela e seu marido se envolveram, foram “gostando”, foram “ficando”, ela foi se “adaptando e tudo mais”. Ela relata que quando foi morar lá não havia Clube de Mães,

²³ A Cooperativa de Trabalhadores de Materiais Recicláveis (COTRAMARE) foi criada em novembro de 2001 por cerca de 50 catadores do "Lixão" de Campina Grande. Seu principal objetivo é promover a organização sócio-econômica e a melhoria das condições de trabalho e renda desses trabalhadores.

Não tinha jeito de formar o Clube de Mães. Quando veio formar o Clube de Mães foi muitos anos depois. Tentaram até formar um, só que não deu certo, mas eu nunca me interessei muito porque nesse tempo eu comecei a trabalhar e também as minhas meninas ainda eram pequenas. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, conselheira do Clube de Mães de Belo Monte, em novembro de 2011).

O presidente de SAB, do qual era sócio, se candidatou a vereador e ganhou; desde então, segundo Íris, a entidade foi só decaindo. Então a partir da “atuação” que já tinha no bairro, Íris e outras esposas de sócios decidiram formar o Clube de Mães do Belo Monte.

Através de Íris tomamos conhecimento dos trabalhos desenvolvidos por Cravo, sócio da SAB e representa grande expressividade dentro do bairro por sua dedicação a prática do voluntariado. Apesar de naquele ano não compor a diretoria, nos revelou que já participara de outras gestões, mas neste ano quis “dar oportunidade para os outros participarem, só um fazendo sempre cansa”²⁴. Informamos-nos também aquele “trabalhou na campanha” de 2008 e 2010.

Este interlocutor nos parece ter diferenciações entre os demais: primeiro, ele começou a participar das atividades de campanha para posteriormente tornar-se membro de uma entidade e desenvolver seus trabalhos comunitários. Segundo, os quatro líderes apoiaram em 2008 o candidato a prefeito Rômulo Gouveia (PSDB) diferenciando os apoios aos vereadores, o que facilitou a organização dos dados e as observações de suas práticas na campanha, e Cravo apoiava o candidato à reeleição Veneziano Vital do Rego (PMDB). Estes políticos são representantes de dois grandes grupos políticos, chamados na cidade de “Grupo Cunha Lima” e “Grupo Maranhão”.

Em 2012, o apoio de Cravo ao grupo Maranhão continuou por este declarar apoio a um vereador aliado da candidata Tatiana Medeiros, do PMDB, representante do “Grupo Maranhão”, e os demais líderes entrevistados apoiaram vereadores aliados ao candidato Romero Rodrigues, representante do “Grupo Cunha Lima”.

A motivação que anima o surgimento de líderes comunitários e de sua relação com candidatos/ políticos foi ponto chave em distintas teorias sobre movimento

²⁴ Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, sócio da SAB do Belo Monte, em setembro de 2011.

sociais apontando desde a determinação macroestrutural até a perspectiva individual da escolha racional com sua avaliação da rentabilidade da participação. Entretanto, as análises a partir dos anos 90 tenderam a fugir de um reducionismo para contabilizar as diversas dimensões que efetivamente afetam o fenômeno.

2.2. As formas de organização política comunitária e sua relação com os políticos

Touraine (1989) registrou que os movimentos populares urbanos no Brasil era um movimento infra ou para-político, argumentando que sua existência, no máximo, poderia servir para demonstrar a crise do sistema político, porém não significava a presença de atores coletivos desejosos e capazes de questionar a organização social.

O economista Gonzaga de Souza (2006), ao analisar os movimentos sociais na cidade de Campina Grande – PB, pelo viés econômico, relata que é possível observar que em todos os recantos deste município há um entrelaçamento dos movimentos comunitários com as autoridades municipais, através de um “empreguinho ou qualquer tipo de dependência”, subtraindo a característica principal de um movimento independente.

Tais vínculos são muitas vezes caracterizados como irracionais e sem conscientização política. Para estes autores é necessário um trabalho de conscientização nestas entidades, para que as lideranças atuais se libertem dessa subordinação às autoridades estatais. Precisa-se que se formem lideranças, mas com líderes independentes da estrutura político-partidária de qualquer espécie. Os líderes devem se preocupar única e exclusivamente com a entidade (GONZAGA DE SOUZA, 2006). Hermano Vianna (2007, p. 01) nos alerta para repensar ou até mesmo descartar a ideia de inclusão cultural ou de inculcar conscientização na população destas comunidades. E acrescenta que,

Quando falamos de inclusão, partimos geralmente da suposição que o centro (incluído) tem aquilo que falta à periferia (que precisa ser incluída). É como se a periferia não tivesse cultura. É como se a periferia fosse um dia ter (ou como se a periferia almejasse ter, ou seria melhor que tivesse) aquilo que o centro já tem (e por isso pode ensinar a periferia como chegar até lá, para o bem da periferia).

Num esforço de compreensão deste cenário e colocando o contexto no qual se plasma a participação aqui enfocada, consideramos a necessidade de um olhar observador e relativizador.

As formas de organização política comunitária na Cidade de CampinaGrande – PB originou-se aproximadamente nos anos 50 e perdura até os dias atuais. Os primeiros passos foram dados com a criação de uma espécie de conselho comunitário que visava à participação da comunidade quanto aos seus problemas cotidianos. No entanto, o estopim dessa participação política se deu com a criação das Sociedades de Amigos de Bairro – SABs, em todo Brasil;

A SAB hoje tem mais um serviço de vigilância. Quando uma rua tá com um problema de esgoto, um morador não consegue resolver um problema com a Energisa, um cano que estourou, mais passagem de viatura no bairro, iluminação e segurança para algum evento, essas coisas. É mais examinar as coisas erradas no bairro. Então faz um ofício leva para o órgão né? Seja a empresa ou prefeitura, eles assinam, nós trazemos a segundavia e esperamos um prazo, caso não cumpra, nós nos unimos novamente e vamos lá saber porque não aconteceu e só sossegamos quando se resolve. Caso não dê jeito aí é necessário participação de mais gente e faz movimento ou abaixo assinado. (Entrevista realizada com Gerânio, 57 anos, Tesoureiro da SAB do Ferraz, em agosto de 2011).

Com o grande número destes grupos na cidade criou-se a União Campinense de Equipes Sociais – UCES. Gonzaga de Souza (2006. p. 15) argumenta em sua pesquisa que muitos foram os benefícios conseguidos para as comunidades através das SABs, sendo este um poderoso instrumento reivindicatório e representativo:

A união das Sociedades de Amigos de Bairro constitui-se num instrumento poderoso de reivindicação popular, exigindo uma

equidade social para todos os subúrbios desde o Bairro das Nações até a recém nascida Vila dos Teimosos em Bodocongó. Campina Grande conseguiu muitos benefícios, porque os membros das SABs estavam sempre exigindo, a quem de direito.



Figura 1: Sede da SAB do Belo Monte desenvolvendo atividade em parceria com a creche municipal do bairro.

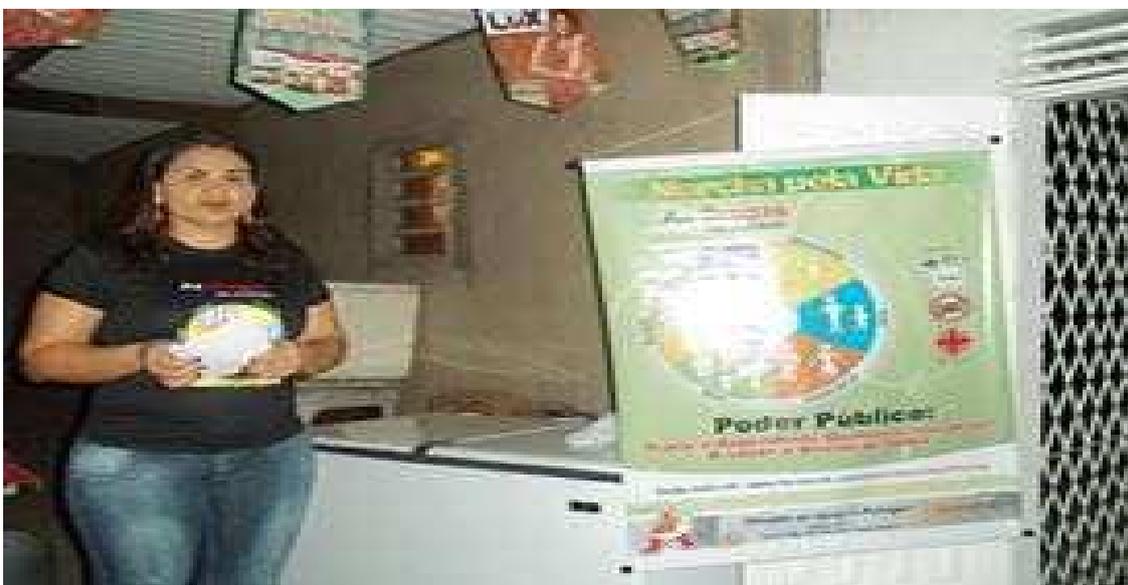


Figura 2: Curso de formação para diretoria da Associação de Moradores do bairro Ferraz, organizada pelo movimento anti drogas Marcha pela vida.

O movimento comunitário envolve também outras entidades como o Clube de Mães e outros agrupamentos reivindicatórios da cidade. Os Clubes de Mães são

compostos por mulheres que lutam pelas participações femininas nas mais diferentes esferas da sociedade. Além disso, tem trazido as mulheres destes bairros aprendizados em artes culinárias, beleza, artesanato, atividades físicas, dentre outros projetos específicos a cada bairro. Tardes de atividades e fins de semana de lazer também fazem parte da programação destas entidades.



Figura 3: Aula voluntária de aeróbica oferecida por estudantes estagiários do curso de Educação Física – UEPB no Clube de Mães do Ferraz.

As SABs e os Clubes de Mães são organizados internamente por diretorias formadas pelos sócios e externamente por coordenações municipais. As coordenações são formadas por sócios das entidades espalhadas na cidade, constituindo uma Diretoria eleita de quatro em quatro anos, formada por um presidente e um vice presidente, um secretário e um vice secretário, um tesoureiro e um vice tesoureiro, três conselheiros e três suplentes. Internamente cada Clube e SAB constituem suas diretorias seguindo o mesmo modelo de chapa para eleição das Coordenações, no entanto, as eleições são de três em três anos.

Na história do Clube de mães do Ferraz, podemos presenciar a participação das sócias em diversas manifestações locais. Dália conta com orgulho sua experiência em eventos nacionais através desta organização associativa, trazendo em mãos o 1º Volume de textos que foram discutidas e complementadas no Congresso de Fundação da Confederação das Mulheres do Brasil, realizado nos dias 2 e 3 de julho de 1988, em São Paulo, no qual ela representou o Clube. E nos relata:

Foram três ônibus da Paraíba, um daqui de Campina e dois de João Pessoa. Vieram dois convites para cada clube, mas só eu pude ir porque muitas o marido não deixava ir, ou tinha filhos pequenos. Eu também tinha minha filha com dois anos, mas eu gostava e gosto até hoje dessas lutas pelos direitos das mulheres. Tinha direito ao ônibus e hospedagem, o evento foi no Anhembi, em São Paulo. Eram em torno de cinco mil mulheres, ainda me arrepio só de pensar. As mulheres de hoje não sabe o que passamos pra ter esses direitos, por isso nosso clube ta lá lembrando sempre. (Entrevista realizada com Dália, 61 anos, Presidente do Clube de Mães do Ferraz, em agosto de 2011).

Ao defender que “o clube ta lá lembrando sempre” a líder reafirma o papel da entidade em relação à luta pelos direitos da mulher, ou seja, a existência da entidade e suas atividades “por si só”, já é resultado desta luta. Bem como ela traz à tona a questão da inferioridade feminina diante da superioridade dos seus companheiros, impossibilitando a participação de muitas mulheres em grupos como estes que discutem e orientam as mulheres a buscar seus direitos e rever seu papel diante da família e da sociedade.



Figura 4: Fachada da sede do Clube de Mães e SAB do bairro Ferraz.

Dentre as cinco entidades analisadas, todas tiveram suas sedes construídas ou reformadas com apoio de político ou de um grupo político com forte expressividade no bairro e que tinha ainda o Prefeito em exercício como seu aliado.



Figura 5: Reforma da SAB do Belo Monte através de multirão realizados pelos moradores do bairro.

Dália ao narrar como era antes da construção da sede do Clube de Mães Ferraz, expõe que as reuniões aconteceram por muito tempo nas casas das mulheres ou no salão da igreja. Mas quando houve uma mudança na igreja, não puderam se reunir mais lá e “muitas mulheres desistiram do grupo”. A solução encontrada para reverter tal situação de apatia, foi, segundo as palavras de nossa depoente,

através de um político, conseguir organizar a entrega do leite no bairro e com isso associamos todas as mulheres que vinham receber o leite. Com um tempo fizemos assim, começamos a cobrar uma pequena taxa de mensalidade, mas explicávamos que não tinha nada haver com o leite, esse dinheiro era a mensalidades para ajudar a manter o Clube de Mães. Mudando o governo perdemos o direito de direcionar a entrega do leite e quase perdemos todas as sócias, pois não tinha mais o leite pra entregar. (Entrevista realizada com Dália, 61 anos, Presidente do Clube de Mães do Ferraz, em agosto de 2011).

Estas associações de bairros populares recorrem ao governo atual e seus programas governamentais para manter “viva” suas atividades. Estes programas reúnem moradores que, por seu baixo poder aquisitivo, sentem-se atraídos pelas recompensas. Acácia aponta que tem que ter “algo pra dar”, “lanches nos encontros”, porque é o que atraí inicialmente os sócios, mas quando estes sócios, que são atraídos pelo material “conhecem melhor o grupo”, “criam uma amizade, troca experiências, um ajudando o

outro, e que entendem que depende de todos nós pra melhorar a situação do bairro”, acabam participando de palestras educativas, movimentos reivindicatórios e momentos de descontração, muitas vezes, ajudando financeiramente e coletivamente ao invés de ir só a busca de algo para benefício próprio.

Diante da dificuldade apontada no relato acima pelo Clube de Mães do Ferraz sem sede, houve a sugestão por parte dos membros da SAB, que também se encontravam nas casas, para construir uma sede em comum em um terreno próximo a um canal através de um mutirão. Nesta comunidade é comum os moradores se reunirem, com o apoio da Igreja Católica local e dos líderes comunitários, e realizarem mutirões para construção de casas para os moradores que não tem condições de realizar a construção.

Dália, ao nos apresentar a sede em uma visita, afirma que o terreno foi doado por um vereador na época, mas depois ao tentar legalizar descobriram que o terreno era da prefeitura e fazia parte de uma área onde deveria passar um canal, mais ainda, é um esgoto a céu aberto, e nesta área não deveria haver construções. Com o tempo outras casas foram sendo feitas ao redor e conseguiram legalizar a documentação. O material para a construção foi arrecadado através de doações, bingos, feiras de roupas usadas e assim realizaram o mutirão para a construção da sede:

Organizamos depois o mutirão. Os homens da SAB participavam da parte da construção e as mulheres da alimentação para eles. A sede é resultado de uma união: Clube de Mães, SAB, Igreja, moradores do bairro, políticos e todos que nos apoiaram. (Entrevista realizada com Dália, 61 anos, Presidente do Clube de Mães do Ferraz, em agosto de 2011).

Esta sede mesmo estando situada no bairro do Ferraz, é considerada “distante do bairro e o percurso esquisito”, afirma Acácia, dificultando a participação dos sócios. Foi assim então que para não ir para a sede, as pequenas reuniões passaram a ser realizadas nas ruas principais do bairro Ferraz, com isso outro grupo parecia se firmar e se distanciar dos que compunham a SAB naquele momento. Senhor Gerânio, ao falar sobre a existência de duas entidades associativas de moradores, argumenta que “não tinha necessidade dessa separação, mas quem separou deve ser porque não gostava

do jeito que trabalhavam né?” Acácia afirma o quanto “seria bom a união das entidades” do mesmo bairro e que “uma vez o coronel queria vir falar sobre segurança e criminalidade e procurou o representante da SAB, mas só foi a diretoria”²⁵, alertando que, se houvesse comunicação entre as entidades o resultado coletivo seria melhor.

Diante destas disputas e oposições entre as SABs e um novo grupo de moradores que estavam se unindo, decidiram formar a Associação de Moradores do Ferraz, originando assim uma nova entidade. Através de outro candidato conseguiram alugar uma residência que se tornou sede. Com a mudança de governo, entraram em contato com outros políticos e através de uma reivindicação para abertura de uma rua sem saída, também conseguiram a autorização para construção da sede neste novo espaço.



Figura 6: Reunião de sócios da Associação de Moradores do Ferraz.

Acácia nos relata como isso aconteceu:

Conseguimos abertura da rua, e a liberação para construção da nossa sede, e foi colocado como distrito industrial. As portas estão abertas para qualquer candidato, mas aqui já foi conhecida até como a associação de dona Glória²⁶. Por quê? Porque ela ajudou muito. E a

²⁵ Encontro com Acácia, 39 anos, secretária da associação de moradores do Ferraz, em Março de 2011.

²⁶ A referida senhora citada na entrevista refere-se a Dona Glória Cunha Lima, viúva de Ronaldo Cunha Lima (ex- prefeito de Campina Grande, Deputado Federal e Senador) e mãe de Cássio Cunha Lima (ex- prefeito de Campina Grande, ex-governador e atual Senador da Paraíba). Reconhecida como

gente tem que falar mesmo, porque qualquer um que ajudar e pegar na nossa mão será reconhecido. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Ferraz, julho de 2011).

Ao conhecer o Clube de Mães Belo Monte também observamos a mesma ligação com os políticos como condição para realização de objetivos da entidade. Não diferente das associações do bairro Ferraz, o Clube de mães tem sua sede em um prédio reformado de um antigo sindicato e a reforma foi possibilitada por D. Glória, a qual o Clube leva seu nome, indicativo de reconhecimento:

O Clube de Mães foi quem deu a sugestão de colocar o nome da mãe de Cássio por conta do que ela fez mas, até aí a gente não tinha nenhuma ligação de apoiar fulano, beltrano nenhum, a gente procurou porque eles estavam no poder e porque eles tem o serviço social prestado muito grande. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães de Belo Monte, em novembro de 2011)

No entanto, o Clube de Mães do Belo Monte sofreu, ao longo dos anos de sua existência, uma decadência e foi reerguido por mulheres que queriam continuar os cursos artesanais. Explica Íris que tais atividades artesanais não seriam suficientes para atingir os objetivos de um Clube de Mães, que é, principal e fundamentalmente, formular e debater ações e projetos sociais. Ao comentar sobre este momento ela relembra:

Ai a presidente que assumiu não levou assim a sério o trabalho, foi um fracasso, aí foi quando me chamaram disseram “Íris tu num quer se candidatar não, tu é tão envolvida! Da uma organizada aí um prédio tão bonito” e, realmente era um desperdício ai eu fui presidente, quando eu assumi no ano de 2000 estava lá todo arrumadinho, só que faltava registrar, mais só que nem a ata de fundação tinha ai eu tive que ajeitar é tanto que a ata de fundação é no meu nome porque se fosse colocar no ano de fundação ia sair muito caro, ai se reuniu todo mundo concordou e decidimos fazer assim; ai fomos organizando e fomos procurar cursos, aumentar o número de sócias e começou a participação, comecei a modernizar, trazer coisas novas. Quando a minha diretoria entrou começou logo a fazer modificações porque aqui tava uma coisa muito séria. Um povo assim, ainda era aquele

encontro de comadres que se juntavam pra bater aquele papo, então o problema começou assim: a instituição cresceu muito e a outra presidente ainda era daquele tipo sentava batia papo ai num tinha um programa, um projeto, nem mesmo a documentação da instituição tava legalizada que é o mínimo que ela tinha que fazer, foram dois anos eu batalhando aqui organizando a parte contábil e a parte burocrática todinha através do ministério público. Nem mesmo o estatuto estava terminado e não era atualizado, agora o estatuto está muito específico pra projeto, os detalhes, é todinho, com regimento interno. Porque os problemas que você vai ter de eleição (dos clubes) os detalhes é no regimento interno. Mas agora ele está pronto pra você mandar pra qualquer ministério porque quem fez foi o advogado. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, em novembro de 2011).

Íris fez questão, nas nossas visitas ao bairro Belo Monte, de nos receber sempre em reuniões bem animadas e participativas, relatando seu desempenho e demonstrando sua dedicação a entidade. Gostava de nos chamar para uma caminhada pra conhecer os problemas do bairro e ia sempre falando com todos, sobre assuntos específicos e particulares de cada um, para assim, mostrar conhecimento do cotidiano daqueles moradores. A nossa presença era por vezes confundida, pelos moradores, por serviço de assistência social, e alguns se aproximavam e relatavam problemas no bairro e sugeriam até soluções.

As nossas idas ao campo de pesquisa eram agendadas com antecedência, buscávamos presenciar tanto reuniões de diretoria e de assembleia, quanto alguma atividade realizada por estas entidades no bairro. As reuniões com os sócios são realizadas no mínimo mensalmente e as atividades são regidas por um estatuto e legalizadas em suas entidades organizadoras como a UCES e a Coordenação dos Clubes de Mães.

A conduta que orientou a metodologia da investigação foi considerar “líder comunitário” todo aquele militante ou dirigente de associações e movimentos populares com rebatimento nos bairros populares. A liderança desses atores sociais foi considerada através do reconhecimento dentro e fora dos limites do seu bairro, pelos políticos e pelo movimento social, bem como, “líder comunitário é uma expressão usada no movimento popular para nomear os presidentes e diretores das associações”²⁷, disse Cravo. Analisamos a experiência dos líderes à frente dos interesses do bairro, por

²⁷ Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, sócio da SAB do Belo Monte, em setembro de 2011.

eles definida como política comunitária. Essa prática é caracterizada como uma participação militante, continuada e cotidiana.

Os líderes comunitários ostentaram possuir experiência e capacidade para: a) aglutinar a vida associativa, animando a participação dos vizinhos; b) produzir idéias, organizar atividades e gerir recursos; c) ter popularidade entre os vizinhos e poder de convocatória; d) organizar e liderar o movimento, reivindicando e/ou negociando em benefício do desenvolvimento do bairro; e) representar, ser porta-voz e intervir em nome da comunidade; f) ter disponibilidade e abnegação para o trabalho comunitário; g) promover atividades políticas, educativas, culturais e de lazer através das associações; h) estimular a cooperação e a solidariedade na vida comunitária; i) exercer uma função pedagógica, promovendo a consciência cidadã; j) ter conhecimentos para mover-se nas burocracias públicas e dialogar com técnicos do governo; k) ter independência política para conduzir o movimento segundo os interesses da base; l) reunir e coordenar recursos locais; m) buscar recursos externos e, inclusive, gerir programas de governo.

Estas são proposições agrupadas que naturalmente não representam atributos e práticas de todos os entrevistados. O fato de ocupar um cargo de dirigente de uma associação de bairro ou estar na cabeça do movimento confere a qualquer cidadão a distinção como líder comunitário, diante de seus companheiros, aliados e instituições. Líder comunitário é também uma auto-identificação que se fez notar nos discursos dos líderes entrevistados, revelando a heterogeneidade política, ideológica e das práticas do coletivo. Para Sr. Gerânio:

O líder comunitário é quem conhece cada beco, quem conhece os que precisam, quem tá ali dentro do bairro na hora da necessidade, que leva a mulher grávida para o hospital, que ajuda a conseguir o remédio, que se envolve nas lutas, esse sim é líder, não aqueles que se diz líder só para ter o apoio político, de um candidato na sua família, esse só quer pra si, o líder quer apoio para a comunidade. (Entrevista realizada com Gerânio, 57 anos, Tesoureiro da SAB do Ferraz, em agosto de 2011).

Nas falas dos líderes comunitários dos bairros Ferraz e Belo Monte podemos observar que há uma certa oposição e luta por visibilidade do seu trabalho e da sua entidade representativa, entre eles, mesmo estes sendo do mesmo bairro e que o

reconhecimento é compartilhado como algo importante, entre os moradores e com os que se unem a essa rede de relações.

Entretanto, o exercício de lideranças comunitárias nestes bairros e em outros que apresentam algumas características semelhantes, também sofrem com visões depreciativas. As associações que representam são muitas vezes vistas como entidades que apenas “obedecem a ordens de classe empresarial” onde suas lideranças são “pessoas do governo” que coordenam estes trabalhos no intuito de “conseguir emprego fácil”. O economista Gonzaga de Souza (2006, p.08) explica seu ponto de vista da seguinte maneira:

A situação econômica destes bairros e de seus líderes em Campina Grande, leva estes a se venderem por um empreguinho para si ou para familiares” e acrescenta que estes movimentos se caracterizam por “intensa briga que existe pelo poder, nem sempre político, mas, interligado com o econômico, que é quem determina tudo nas relações humanas.

Na contramão do que afirmou, de maneira determinista, o citado autor, e para não cair na armadilha de levar em consideração tão somente o fator econômico das relações sociais, buscamos descobrir “através do que estas pessoas dizem e fazem com as práticas políticas, como as qualifica, qual o significado que lhe atribuem. E ainda, como este significado se articula com um imaginário coletivo” (MAGALHÃES, 1998, p. 29), buscando conhecer a trajetória das entidades das quais estes líderes são sócios, sempre orientados pela relação destas com a política ou os políticos.

Nestes bairros o vínculo com os políticos ultrapassam o tempo de uma campanha eleitoral propriamente dita, e é materializado através da presença deles ou de representantes em conjunto com muitas das ações citadas acima, como por exemplo, presença de representações políticas em reuniões das entidades, apoio e doações de materiais para construções e reformas de prédios, facilitando e agilizando soluções para problemas urbanos no bairro, destacando o apoio oferecido nas festividades das entidades.

Esse vínculo fragiliza-se e fortalecem-se dependendo da aproximação das entidades com os políticos que detém a “máquina pública” e como estes se relacionam com as associações de bairro populares. Para Íris é fortalecido os acessos às

representações políticas quando “é um governo assim que tem um trabalho social prestado. Assim o clube se envolve. Porque as presidentes procuram e tem apoio”²⁸.

É importante chamar atenção que, por questões metodológicas, estamos enfatizando as redes de sociabilidade entre os líderes comunitários e as representações políticas, no entanto, durante a pesquisa outros vínculos foram percebidos. Dália recorre frequentemente a órgãos privados para realizar parcerias, como as indústrias no centro industrial da cidade. A maioria dos moradores do bairro Ferraz, por ficar próximo a este centro, são trabalhadores destas indústrias, facilitando a parceria. Bem como um clube do grupo SESI, que oferece serviços a estes funcionários e a comunidade local. Então, alguns serviços sociais são desenvolvidos no bairro através da parceria associação e indústrias.

Para boa parte de nossos interlocutores os movimentos comunitários, tais como as SABs, se comparados a organização do Clube de Mães, por exemplo, estão em forte decadência em Campina Grande, só encontrando grande número de sócios nas assembleias quando há participação de debatedores de “fora” do bairro. Na opinião de Íris, presidente do Clube de Mães do Ferraz, isto é resultado do envolvimento dos presidentes de SAB com a política partidária, ou seja, estes indivíduos utilizavam seu reconhecimento dentro do bairro para candidatar-se a vereador ou até mesmo, estes participam das associações com o objetivo de ganhar visibilidade e conhecimento para apoiar algum candidato “de fora” do bairro:

As SABs se envolveram muito em uma política partidária, eles tinham mais respeito. O Clube de Mães é um trabalho mais honesto, você nunca conheceu uma presidente de Clube de Mães que foi candidata a nada, não tem um vínculo partidário, ela participa quando vê que aquele político tem assim uma ajuda significativa para o bairro e para a entidade, olhando para suas reivindicações, ela vai e apóia sem ter aquele vínculo como foi com as SABs. Eles foram perdendo a credibilidade, com isso, elas começaram a querer se promover através dos políticos, tipo assim eu quero ser candidato pela SAB e com isso faço meu nome e sou candidato, ao contrário dos Clubes de Mães, nenhum Clube de Mães tem essa proposta de se promover através de político. Nenhuma, eu mesmo por hipótese alguma queria ser candidata, não é do meu interesse e, no entanto a gente tem um apoio

²⁸ Entrevista realizada com Íris, 64 anos, conselheira do clube de mães de Belo Monte, em novembro de 2011.

grande sem nem precisar de político. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, em novembro de 2011).

Apesar de percebermos que as lideranças expõem em seus discursos o “seu sacrifício” e “disposição” para o serviço comunitário como atitudes que gerarão reconhecimento dentro e fora do bairro, muitos vêem como negativo a candidatura política e aqueles que utilizam este patamar de líder para se promover individualmente se candidatando. Quando Íris fala que o trabalho do clube de mães é mais honesto, ela está definindo honestidade o ato do líder apoiar o candidato, mesmo que este apoio resulte em bens financeiros, mas não participar da política institucional, esta tida como suja, corrupta e errônea.

Acácia apontou uma questão que nos pareceu comum entre as entidades analisadas: a ausência de cooperação e divisão de tarefas. Para os líderes destas associações, as atividades e decisões ficam nas mãos de poucos, geralmente os que dirigem a entidade. Segundo eles isto dificulta melhores resultados de suas lutas bem como num descrédito das entidades de base, pois se resumem aos membros de diretoria:

A diretoria são 12, que resumido dá quatro ou cinco, entre estes tinha eu, Nêga e Marizete que era da comissão de frente mesmo, aí ficou quem? Eu e Nega. Aí a gente é quem corre quem faz tudo, as outras ajudam assim, num lance, mas tem que tá orientando, se não num faz, agora assim mão na massa tem muitos, mas falta iniciativa. Porque a gente não quer isso, quer que todos participem. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Ferraz, em julho de 2011).

Observamos algumas reuniões mensais da SAB do Ferraz, que têm sua sede compartilhada com o Clube de Mães do bairro, e pudemos observar a afirmativa de Acácia. A reunião foi composta por oito membros que compõem a diretoria. Na primeira reunião, após alguns atrasos é dado início ao discurso do presidente, apresentando as dívidas de consumo de água e energia do prédio que tem o pagamento alternado com o Clube de Mães.

Foram também expostos alguns convites direcionados a SAB, para eventos organizados pela prefeitura ou pela UCES, conversaram sobre alguns problemas do bairro, mas os moradores das ruas prejudicadas não estavam presentes. Serviu um chá e foi dada por encerrada a reunião. Segundo o líder associado, o desinteresse dos demais sócios não é por falta de convite e organização, segundo ele,

A gente tenta organizar, a diretoria faz eleição, mas é difícil. Fazemos convites, avisamos na Igreja, no posto de saúde, nas escolas. Às vezes vem um e outro, e já não vem mais na próxima, não tem perseverança. O pessoal é muito ocupado, tem seus afazeres. É complicado fazer as pessoas perceberem a importância de um movimento. (Entrevista realizada com Gerânio, 57 anos, Tesoureiro da SAB do Ferraz, em agosto de 2011).

Observa-se nestas análises que a visão que a sociedade local tem sobre a participação política nas entidades não é muito diferente do olhar que estes têm sobre a participação política institucional. Designam líderes, dirigentes e diretorias para tomar decisões e realizar as atividades e poucos compartilham com estes os propósitos, esperando apenas que os resultados cheguem a sua residência. Bem como na política, elegem os políticos e deixam em suas mãos as formulações de projetos e decisões sobre a cidade, bem como o uso dos recursos.

Por estas e outras razões, as práticas de população dos bairros periféricos e seus líderes comunitários são muitas vezes caracterizadas, em estudos científicos, como irracionais e sem conscientização política, desqualificando-o enquanto movimento social. A partir da nossa experiência de campo, entendemos que afirmações como estas necessitam de aprofundamento de análises empíricas, pois na prática observamos nessas entidades um dinamismo para trazer novas realidades para a comunidade local bem como observamos que a relação dos políticos com os líderes não é uma relação de subordinação e sim de reciprocidade. Desde então descartamos esse olhar de inocência e desinteresse sobre o líder comunitário para assim aprofundar as análises sobre suas práticas.

Seguimos o raciocínio de Hermano Vianna (2007, p. 01), que nos alerta para repensar ou até mesmo descartar a idéia de inclusão cultural ou de inculcar conscientização na população destas comunidades. E acrescenta que,

Quando falamos de inclusão, partimos geralmente da suposição que o centro (incluído) tem aquilo que falta à periferia (que precisa ser incluída). É como se a periferia não tivesse cultura. É como se a periferia fosse um dia ter (ou como se a periferia almejasse ter, ou seria melhor que tivesse) aquilo que o centro já tem (e por isso pode ensinar a periferia como chegar até lá, para o bem da periferia).

Necessitamos entender que os grupos sociais delimitam suas fronteiras simbólicas lidando com conjuntos de significados que ganham sentidos no cotidiano e nas relações que estabelecem com os outros, e que, estes conjuntos simbólicos que definem os movimentos reivindicatórios (nas associações) não se diluem ou se perdem quando em contato com outros grupos (os políticos), pressupomos que as fronteiras simbólicas estão constantemente incorporando novos eventos.

2.3.Vínculos construídos fora do “tempo de campanha”

Os bairros populares e as associações comunitárias de distintos formatos organizativos e de funções diversificadas configuram o contexto no qual se plasman as ações político comunitárias dos líderes comunitários. Foi possível na nossa pesquisa de campo perceber que uma das características desses bairros é a riqueza de seu tecido associativo, estando muito arraigado aí o sentido comunitário da vizinhança. Bairro e comunidade são conceitos que se mesclam na fala dos líderes.

Na comunidade se desenvolve uma rede de solidariedade até mesmo como estratégia de sobrevivência. É dela que emergem estas associações temáticas que abrigam distintos coletivos que, sem embargo, têm em comum as precárias condições de vida material. Termos como ajuda, compromisso e dívida são significantes e se unem

a outros elementos da vida social. No cotidiano dessas pessoas eles trocam bens diversos que ora confirmam laços já existentes, ora criam novas relações sociais;

Parentes ou não, as pessoas relacionam-se no dia-a-dia através de múltiplos fluxos de trocas que as vão vinculando umas as outras, confirmando ou não relações preexistentes, cuja interrupção é capaz de gerar conflitos ou redefinir clivagens. (PALMEIRA, 2009, p.03).

Essas trocas, realizadas nas relações cotidianas, supõem reciprocidade, onde os que dão também recebem, e a retribuição é quem garante a continuidade. Essas trocas se referem a coisas habituais citadas pelos líderes ao descreverem seus cotidianos, ajuda nas enfermidades e auxílio nas necessidades. Há, no entanto, outros bens que apenas são encontrados fora do espaço das relações entre iguais, tais como: emprego, serviço de saúde e jurídico, obtenção de documentos e aposentadoria, que de antemão, deveriam ser direito acessível dos cidadãos. São coisas que supõem ajuda de pessoas de “fora” que participem de relações sociais ou econômicas que permita mobilizar recursos para atender tais demandas. Percebemos nas entrevistas com os líderes, a ênfase na negação de qualquer remuneração ou ajuda para terem acesso aos chamados bens “de fora”:

E pra isso você tem que gostar, não é só você querer só benefício próprio. Hoje eu vivo de aluguel, sou desempregada e apoio porque gosto, é um trabalho voluntário. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Ferraz, em julho de 2011).

Agente recorria a quem achávamos que poderia nos ajudar independente do lado, pedia uma torta, assim fui me entrosando num sei nem como, não foi por interesse político, é tanto que lá em casa ninguém depende do Estado ou Prefeitura. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, em novembro de 2011).

Com base nos discursos acima descritos, chamamos novamente atenção de que os líderes enfatizam a ausência de interesse individual, pois estes tem noção que é isto que os bairros esperam deles. Mas interesses individuais também são pontuados no

transcorrer das entrevistas, o que podemos entender como uma reconversão de capital social em capital econômico. Vejamos nestes relatos das líderes Acácia e Íris:

No caso da casa de informática do bairro, que era coordenada pela Associação. Nós pedimos ajuda e eles disseram que tava sem condição que tinha que fazer projeto, solicitação e tal. Então por fim entramos em acordo e eles me disseram dou a casa, ai quando uma vez estávamos em um almoço para as mães, Silvia conversando e a gente dizendo que depois que havíamos sido colocadas pra fora, não tínhamos conseguido mais nada, então ela disse, pois vocês vão trabalhar pela Prefeitura, se íamos colocar prestadores de serviço no bairro de vocês, vão ser vocês. Então mais do que justo, então a gente ficou. Sendo que quando mudou o governo o que aconteceu... Nós tínhamos aqui um candidato do “outro lado” que teve 130 voto em Campina Grande, ele tinha alguma liderança? Fica aí vestido de mulher recebendo pomba gira e em tempo de eleição vem dá um de conhecedor do bairro. Então fomos colocadas pra fora e quem assumiu a direção foi esse cara, e daí ele já colocou 18 pessoas pra trabalhar lá, tudo da família, filhos, sobrinhos, e ainda tirou o curso de informática de lá, tirou três professores mesmo de informática, um era do nosso bairro, que tinha o maior prazer em ensinar aos nossos meninos. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Ferraz, em julho de 2011).

Quando foi uma vez sem ser época de campanha, falei com dona Glória um emprego pra mim, ai ela arranjou numa creche, quer dizer fui me entrosando cada vez mais, e cada vez tava mais presa, digamos assim “amarrada” (risos), porque sempre me atenderam. Mas nem tudo a gente corriam pra eles, pra ter o máximo de independência, então as coisas pessoais a gente evita o máximo, agora para o bairro não, ai a gente entra pra valer. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, em novembro de 2011).

Nos depoimentos acima já podemos perceber algumas linhas de análise com referência a condições particulares de vínculos que ultrapassam o interesse pessoal. Foote Whyte (2005, p.225) assevera que “se tiver alguma perspectiva de sucesso, o político precisa dispor de um segmento de comunidade já preparado para apoiá-lo antes que comece a campanha (...) tal apoio garantido provê o candidato com uma boa base política”. No entanto, para essa garantia, os políticos utilizam-se do fácil acesso e domínio dos órgãos públicos, para barganhar serviços públicos que são, por direito, permissíveis a todos os cidadãos ou utilizar do dinheiro público para favorecer

entidades aliadas, enaltecendo seu nome e seu capital político²⁹ (MIGUEL, 2003).
Acácia argumenta,

É importante o apoio do político, porque a associação precisa do político para se beneficiar com o que nos é ajudado e o político precisa da associação para ganhar mais votos e ficar conhecido. Um exemplo de benefício para o bairro foi à escola de informática e a sede da associação, foi muito bom mesmo. O programa pão e leite foi também uma reivindicação da associação. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Ferraz, julho de 2011).

Na busca por conseguir ser eleito, construir ou fortalecer laços criados dentro dos bairros, os candidatos executam planejamentos estratégicos através dos contatos contínuos com as lideranças locais, representantes de associações.

Tivemos a oportunidade de participar da comemoração do Dia das Mães do Clube de Mães do Ferraz. É a festa mais esperada durante o ano pelas sócias. A comemoração do Dia das Mães foi realizada na tarde do terceiro domingo de maio, do ano de 2012, a partir das 15:00h. Ao chegar fui recebida por Dália que me recepcionou e pediu para que eu ficasse a vontade. Preferi sentar perto da porta de entrada, o que me permitiria visualizar todos os locais, inclusive fora da sede. De pouco a pouco, chegavam em grupos mulheres que se cumprimentavam com as que lá já estavam, as palavras eram intercaladas com “parabéns ao nosso dia”. O salão estava organizado com cadeiras enfileiradas de frente a uma mesa ornamentada com flores, brindes (doados por políticos), uma torta (doada pela líder Acácia) e vinhos (também doados por um político).

²⁹. O capital político é, em grande medida, uma espécie de capital simbólico: o reconhecimento da legitimidade daquele indivíduo para agir na política. Ele baseia-se em porções de capital cultural (treinamento cognitivo para a ação política), capital social (redes de relações estabelecidas) e capital econômico (que dispõe do ócio necessário à prática política). Como toda forma de capital, o capital político está desigualmente distribuído na sociedade. (MIGUEL, 2003) Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782003000100010&script=sci_arttext



Figura 7: Mesa em Comemoração ao Dia das Mães no Clube de Mães do bairro Ferraz.

Aproximadamente às 15:30h a Presidente do Clube deu início ao encontro agradecendo a presença e participação e logo após abrindo o espaço para quem quisesse falar sobre o dia das Mães. Três sócias se pronunciaram e cada uma delas leu uma mensagem e falou sobre a maternidade. Neste ínterim, chegam assessores de políticos, os que foram convidados através dos ofícios e líderes, políticos e assessores traçam estratégias para oferecer a melhor visibilidade ao político e a liderança que o apoia.

Com alguns minutos adiante, é anunciado por um dos convidados que fazia uso da palavra e ex-morador do bairro, a chegada de uma assessora de um Deputado, este que iria se candidatar a prefeito naquele ano, vem à frente junto com Sr. Gerânio (líder que expressa apoio ao candidato no bairro). A assessora logo foi chamada a frente e discursou parabenizando a entidade, falando da importância daquele trabalho social, do tempo que o conhecia e do conhecimento do político sobre o trabalho de Sr. Gerânio, Dália e outros moradores que “lutam pelo bairro”. Com mais alguns instantes, o evento tem continuidade com a execução de músicas e distribuição de lanches entre os presentes.



Figura 8: Sócias do Clube de Mães Ferraz dançando.

Minutos depois chega ao local o assessor de uma das candidatas a prefeita de Campina Grande (mas que não tinha nenhum morador do bairro a apoiando). O assessor, no entanto, já conhecia a presidente, pois faz assessorias de outros políticos há bastante tempo. Em segundo momento ao perguntar a Dália quem era aquele senhor ela responde que ele é cabo eleitoral pois, “pula de galho em galho dependendo do dim dim (risos)”. Ele chama Dália e diz que trouxe alguns brindes e se pode chamar a também Deputada naquele momento, pra dar uma palavrinha. Confesso que nestes momentos minha atenção se fixava nestas conversas de corredores onde algumas palavras eram difíceis de serem escutadas.



Figura 9: Visita de políticos ao Clube de Mães Ferraz.

Observamos que mesmo com a presença de políticos, assessores e outros, tais momentos não chegaram a inibir as conversas entre as mulheres em seus lugares. Elas falavam sobre a imagem e aparência dos políticos presentes, as relações pessoais, o que tinha “saído na mídia” sobre eles, conversavam e riam.

Alguns assessores vieram representando o candidato e também discursaram em nome deles e justificando a ausência. Com a chegada de um político ou assessor o outro pedia desculpas e se retirava. Estes acontecimentos intercalaram a programação da comemoração com músicas, lanches, dinâmicas e homenagens.



Figura 10: Visita de assessores de políticos ao Clube de Mães Ferraz.

Este acontecimento festivo revela como na prática, há trocas simbólicas entre o líder comunitário e o político. O líder e o político ganha visibilidade dentro do bairro, fortalece as redes sociais e reafirmam posições sociais. Em datas comemorativas como esta, os líderes em nome das entidades, enviam ofícios (anexo 1) pedindo patrocínio para a comemoração. A escolha pelos políticos depende do grau de proximidade entre as sócias e estes, ou de um vínculo já existente ou em busca de novos vínculos:

Nós enviamos pra políticos que já nos ajudam, mas às vezes também enviamos para outros que nem temos contato, mas alguém do grupo tem um amigo que tem, assim, vamos fazendo novos contatos e conseguimos realizar nossa festa. (Entrevista realizada com Gerânio, 57 anos, Tesoureiro da SAB do Ferraz, em agosto de 2011).

Este ofício é considerado um convite tanto pelas sócias como pelos políticos, sendo assim, além de enviar o que é solicitado sua presença também é esperada durante a festa. Quando o candidato não pode ir a algum destes encontros, ele envia um representante para que esse vínculo não seja desgastado. Assim como afirmou Acácia:

Quando comemoramos os dias dos pais a mesa quase não cabe de representantes dos políticos, porque muitas vezes eles não podem vir, mas nunca deixam de enviar um assessor para nos apoiar na festividade, aí tem a hora que todos têm a oportunidade de falar o recado do político e que assim que ele puder, ele vem visitar a comunidade, mas nem sempre eles vêm (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Ferraz, julho de 2011).

Uma característica comumente os líderes é à preocupação em não ter este compromisso com o político visto como uma obrigação. Cravo afirma que “é questão de gostar mesmo” e que “até agora não desagradou, mas também não sou obrigada a ficar desse lado, é que me sinto bem”. Foi o que pudemos observar também com Acácia,

Eu tava como presidente do clube na época da campanha, pelo o que já havia conseguido no bairro eu já votava com os Cunha Lima, eu tinha essa consideração minha, independente de qualquer coisa, então eles já sabiam dessa consideração e nos procuravam, mas não procuravam dizendo que a gente tinha que trabalhar, eu mesmo nunca ganhei em campanha, eles nos deixavam muito à vontade pra oferecer esse apoio. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, em julho de 2011).

O “deixar à vontade”, o “nada pedir” tem um duplo sentido simbólico: primeiro, do ponto de vista do líder este é isentado de ter que dar explicações junto a sua

entidade de estar apoiando tal ou qual candidato; segundo, sob a armadura da “troca de favores por serviços prestados”, o líder apóia o candidato pois afinal, foi ele que fez benefícios pela comunidade, assim ele igualmente é isentado de qualquer interesse que seja estritamente pessoal, ele não o tem, pelo contrário, o seu interesse é voltado para atender as demandas de sua comunidade, e do ponto de vista do candidato, este na verdade, vem buscar, receber aquilo que deu, para usar um modelo de Mauss (1978), ou seja, se prestou serviços agora espera receber a retribuição em forma de apoio político, convertido em votos, por isso ele não pede “abertamente” apoio político, mas sabe, desde já que esse apoio há muito se converteu em uma obrigação, por isso nem precisa dizer abertamente o que deseja, a “obrigação da reciprocidade” fala por si.

Discursos semelhantes pautados no endividamento e na fidelidade são apontados por Palmeira (2009, p.03) que enfatiza que:

a lealdade política é adquirida via compromisso, ela não implica necessariamente nem ligações familiares, nem vinculação a um partido, mas tem a ver com o compromisso pessoal, com favores devidos a uma determinada pessoa, em determinadas circunstâncias. Ela circula, na verdade, em uma outra esfera de sociabilidade, e eventualmente, as diferentes esferas podem entrar em conflito.

É o que de certo sentido notou-se nos líderes supracitados, a fim de obter bens, pessoais ou comunitários, materiais ou simbólicos, os líderes comunitários endividam-se, e a eleição lhes parece ser o momento de sanar ou menos diminuir esta dívida. Na compreensão de Palmeira (2009, p.07) “numa situação onde mais do que os partidos pesam as facções, em que o voto não é uma escolha individual, mas um empreendimento familiar de ‘localização social’, as campanhas eleitorais é o pretexto para a redefinição de pertencimentos e a definição de fidelidades”.

No capítulo seguinte apresentamos algumas das atividades dos políticos em Campanhas Eleitorais, nos bairros investigados, bem como as suas relações com os líderes comunitários. Tratamos neste capítulo da festa e efervescência da política, por meio de um conjunto de atividades que aproximam político e eleitor, através da mediação do líder comunitário, que sob a proteção e revestimento de seu cargo de líder, instiga o sócio e seus familiares a votarem em seu candidato.

CAPITULO III – O ANTES, O DURANTE E O DEPOIS DO “TEMPO DA POLÍTICA”: RELAÇÕES ENTRE POLÍTICOS E LÍDERES COMUNITÁRIOS

3.1. “Obrigações” cumpridas no “tempo da política”

Antes mesmo de iniciar o período determinado pela justiça eleitoral para dar início à campanha, os futuros candidatos já começam a sondar a atuação e entram em contato com as pessoas de destacada expressividade no interior do bairro. Em meio a encontros e conversas, é construída uma espécie de um acordo tácito e estratégico entre candidatos e líderes comunitários; entre candidatos e grupos políticos; entre trocas de dádivas – dar, receber e retribuir, num forte esquema de reciprocidade onde se espera que saiam com ganhos o candidato por meio da esperada vitória na disputa eleitoral e o bairro, com a realização de serviços e assistência às demandas locais.

Estabelecidos os vínculos sob a forma de compromissos mútuos entre candidatos e líderes comunitários, com o objetivo de intermediar a relação candidato/eleitor, tem início o trabalho de coordenador de campanha local, fora do bairro conhecido como cabo eleitoral. Passamos a apresentar de maneira mais pormenorizada tais relações nas páginas que se seguem.

3.1.1. Cabos Eleitorais e Coordenador de Campanha no bairro

O cabo eleitoral é um personagem que se situa entre a população e os partidos políticos, caracterizando-se pela busca quase permanente do voto, construindo e mantendo redutos eleitorais. Exerce essa função quase profissionalmente, prestando serviço à classe política. Na condição de cabo, atua a favor do político que lhe recompensa. No entanto, vale salientar que esta definição de cabo eleitoral não é consensual entre os nossos interlocutores, por isso não utilizamos este termo para definir nossos líderes comunitários, eles não se auto definem assim, para eles suas

funções são de coordenador no interior do bairro e não de “cabo”, pois para estes o pertencimento a comunidade é o diferencial. Este termo pareceu expressar a alguns deles um sentido de inferioridade e submissão e de alguém que é “empregado” e que “vem de fora” do bairro para trabalhar num período determinado.

Na cultura política brasileira tradicional, o trabalho do cabo eleitoral encontra-se legitimado. No entanto, observamos que levando em consideração nosso campo de estudo existem diferenciações entre aqueles que são cooptados somente no período eleitoral, no caso os cabos eleitorais e aqueles que têm sua rotina junto ao bairro e apoiam uma candidatura em período eleitoral, como argumenta nossos interlocutores líderes comunitários:

Eu nem sei como me defino, mas cabo não é não, porque eu sou daqui, e no Ferraz tudo vai de acordo com o que as pessoas querem. (Entrevista realizada com Gerânio, 57 anos, Tesoureiro da SAB do Ferraz, em setembro de 2012).

A de cabo eleitoral? Não. Eu faço tudo no bairro, é uma ajuda ao candidato, não somos empregados, a gente coordena as atividades aqui dentro. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Presidente do Clube de Mães do Ferraz, em setembro de 2012).

E nessa condição, estes gozam de prestígio e poder na comunidade, razão pela qual resistem em identificarem-se com uma função que consideram subalterna que se opõe à sua presumida independência política. A postura política dos cabos eleitorais combinam formas novas e velhas de clientelismo. Seu capital eleitoral tem resultado na nomeação para pequenos cargos na prefeitura e nos gabinetes de parlamentares.

A negociação dos votos pode ser traduzida em benefícios pessoais ou atendimento de demandas particularistas. O coordenador de campanha no bairro se relaciona com a classe política ostentando maior poder de barganha na negociação da influência eleitoral que tem na sua comunidade. Briga não somente, por bens materiais, mas, sua luta é também por capital social, poder e representatividade dentro do bairro.

E, efetivamente, ficou patente que existe um notório preconceito entre os líderes comunitários que coordenavam o movimento de bairro contra os cabos eleitorais. Notamos isso, sobretudo quando houve algumas tentativas do cabo eleitoral “invadir” o espaço do líder comunitário, sendo para esse uma ameaça. Foi o caso acontecido já no período de desenvolvimento das atividades de campanha eleitoral, onde numa tarde de realização da atividade chamada de “corpo a corpo”, que será melhor definida adiante, acompanhamos a líder Dália e mais alguns moradores do bairro Ferraz, escolhido por ela.

Ao chegar numa rua já determinada chegaram alguns cabos eleitorais enviados pelo candidato e montaram uma barraca de apoio. Os cabos eleitorais sentaram e ficaram entregando panfletos com a foto do candidato, número e coligação partidária, os chamados “santinhos”. Dália questionou se eles não iriam dar início, junto com ela, as atividades de visitas as residências e entrega dos materiais de campanhas (santinhos, adesivos, bandeiras). Um dos cabos eleitorais respondeu: “cada um exerce sua função”. Saímos então junto com Dália, esta aparentemente chateada e em silêncio. Andou por toda rua sem visitar nenhuma casa e sem falar nada, até que chegamos a casa de Gracinha, moradora do bairro e sua amiga, onde pediu pra entrar e beber água. Sentou-se e nos disse: “vamos ficar por aqui mais um pouco, deixa eles lá entregando santinho, num é a função deles?”. Pegou todo o material que tinha em mãos, jogou no lixo e retornou somente próximo a hora combinada para o fim das atividades.

Nesta experiência de campo destacamos dois pontos importantes: primeiro, a importância do trabalho de campo, pois só a partir dele nos foi possível ter acesso a dados importantes para nossa pesquisa, como as estratégias de resistências à subordinação dos “que vem de fora”; e segundo, a reafirmação das nossas análises de que os líderes comunitários não são nada “inocentes” no sentido de serem ludibriados e/ou manipulados, eles sabem do seu poder de atuação junto aos candidatos e junto aos moradores de seu bairro. E assim, utilizam formas camufladas de resistência para não se subordinarem ao circuito oficial da política.

Desde nossa primeira conversa, pudemos perceber que no bairro do Belo Monte as atividades políticas no interior do bairro também eram coordenadas por seus líderes, Íris relata que na campanha de 2008 ela ficou “coordenando as atividades que se realizavam lá no bairro” para um candidato específico e “tudo que vinha para o Belo

Monte” passava por suas mãos, se referindo aos materiais de campanhas e bens materiais enviados por estes candidatos. Segundo ela, esse encargo lhe foi dada pela confiabilidade depreendida em campanhas anteriores. Sendo assim,

pagamento, coisas que envolvem dinheiro, eles precisam de uma pessoa de confiança no bairro, porque se não for uma pessoa preparada pode colocar o político numa fria. Então tem que ser uma pessoa que já trabalha há tempo com eles, que já trabalhou em campanha e sabe né, como é, não pode ser uma coisa de última hora, é um trabalho de convivência. Ai o povo que diz procure a presidente que ela é que tá trabalhando, ai fica por isso mesmo. (Entrevista realizada com Íris, 64anos, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, em novembro de 2011).

Eu apoio o candidato no bairro e ajudo na campanha, mas tudo aqui dentro. (Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, Sócio da SAB do Belo Monte, em setembro de 2012)

Confiança, experiência e preparação parecem ser fatores decisivos para o êxito do trabalho de apoio numa candidatura. O líder que tem experiência em campanhas anteriores e que se mostrou ser de confiança realizando um trabalho “limpo”, sem traições, pode até tornar-se alvo de disputa entre candidatos. O valor “confiança” constitui um atributo que se desenvolve no nível da dádiva, ou seja, dá ao outro um crédito de honra, no acreditar que ao se dar esse crédito a alguém ele será retribuído com algo, material ou imaterial, que o faça circular adequadamente a confiança inicialmente depositada.

O apoio a um candidato pode ter várias motivações e os critérios que são acionados para realizar a escolha podem ser diversos, e se sobrepossem uns aos outros de diferentes maneiras. Uma de nossas informantes elencou para nós alguns “critérios” para escolha do apoio a um determinado candidato:

O trabalho dele, o que ele já desenvolveu na comunidade como político ou não. Porque tem aqueles que chegam de última hora e a gente não sabe nem quem é e os que estão diariamente apoiando, vindo aqui. A associação não tem partido, mas trabalhamos com quem conhecemos. A gente abre as portas pra qualquer um, mas a gente tem

aquele que trabalha e que no dia a gente pode falar que não pedimos pra ninguém votar naquele candidato, mas mostramos seu trabalho e o desenvolvimento dele dentro da comunidade. E as pessoas sabem quem vem e quem não vem, quem aparece sempre e quem aparece de última hora. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Ferraz, em agosto de 2011)

O estar junto à comunidade, todo o tempo, independentemente de ser ou estar disputando uma campanha eleitoral, parece ser um pré-requisito extremamente importante na adesão à determinada candidatura. O estar junto é ponto de apoio a um determinado candidato. O candidato que chega ao bairro às vésperas das eleições, que não matem mínimos laços de proximidade com as pessoas do bairro, que não são acessíveis aos líderes comunitários quando ocorrem demandas por parte destes, não são comumente “bem-vindos”. Isso, em certo sentido, demonstra o grau de pessoalização da política e de como as relações que se constroem são baseadas em critérios muito bem estabelecidos que envolve ganhos e perdas, derrota e vitória, ascensão ou declínio, prestígio ou ostracismo.

Em outras palavras, nenhum líder quer por a “sua cabeça na guilhotina”, correr o risco de perder o prestígio e o status conquistado, por isso que a escolha de “quem apoiar nas eleições” passa por um criterioso processo de seleção onde o próprio líder se transforma numa espécie de “moeda de troca” de muito valor, pois ele pode contribuir muitíssimo para o sucesso ou insucesso de um processo eleitoral.

A adesão a uma candidatura parece depender também de um apoio coletivo, ou seja, do que os moradores do bairro acham daquela decisão:

Os próprios membros da associação, a diretoria, eu não decidia sozinha, sempre tinha ajuda e eles davam opinião, aí eu apoiava. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Ferraz, em julho de 2011)

Na Campanha de 2010 apoiei o filho daquele dono de empresa de ônibus daqui de Campina Grande. Ele prometeu umas passagens e como tem muita gente do bairro que tem familiare sem João Pessoa, pensei que iria ser bom. Mas o que? Pense numa coisa estranha que vivi. Isso não vai se repetir mais nunca. Eu saía pra fazer visitas nas casas mas tipo com vergonha sabe, eu não me senti bem enquanto não acabou aquela campanha. Porque as pessoas diziam: “mas Gerânio, você ta apoiando esse ricão? Ele vai ajudar em que no bairro”? Aquilo me deixava mal, mas já tinha me comprometido não ia me sujar mais

ainda não. Mas porquê? Não ouvi a opinião da minha família e o que as pessoas do bairro achava dele. Acabou que no fim das eleições aconteceu o que mais se esperava. Ele sumiu, mas nunca deu nem notícia. (Entrevista realizada com Gerânio, 57 anos Tesoureiro da SAB do Ferraz, em agosto de 2011).

É extremamente interessante esse último depoimento; ele trás à tona a importância do apoio coletivo e do interesse mútuo na vivência de um bairro. O líder comunitário para tomar uma decisão sobre que candidato irá apoiar, precisa observar o grau de aceitação deste junto a comunidade, não pode arvorar-se a decidir por conta própria tal apoio sob pena de sofrer um desgaste de sua própria liderança ao fazer uma escolha considerada “infeliz” pelos moradores.

Ao ser indagado pelos moradores do por que do líder estar apoiando e trabalhando para um candidato classificado como “ricão” e, portanto, distante da realidade do bairro, põem-se em suspeição a própria integridade do líder, e se coloca em xeque o seu compromisso com os interesses da comunidade. Com base no exposto, fica a máxima de que na verdade a grandeforça vem do coletivo, no caso, da comunidade representada por seu líder; portanto, ninguém age sozinho, sob pena de cair no ostracismo. Vejamos mais um depoimento que fortalece e complementa a nossa reflexão:

Na verdade é difícil, a gente nunca sabe quem é quem. Mas entretantos, ainda existem aqueles que merecem a gente dá o voto de confiança e apoia-los. O candidato desleal é quando não cumpre com o que promete. Um candidato a vereador, foi no ano de 2008, ele não pagou a boca de urna. Eu já presenciei até pessoas do bairro, quebrando até porta e vidraça de gente que se dizia um líder pra um político e o político não cumpriu, ta entendendo? Não ganhou as eleições e também não pagou. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Ferraz, em julho de 2011).

Baseados nessas reflexões e devidos cuidados, os líderes comunitários, por nós investigados, fizeram as suas escolhas para a campanha municipal de 2012 na cidade de Campina Grande. Escolha esta coletiva, pois é resultado de sondagens e percepção de vida, dentro da rede de relações que cada líder possui. No bairro Ferraz

houve quatro candidatos a vereador moradores do bairro, sendo apenas dois os que receberam apoio de lideranças internas. Segundo Acácia, que apoiou um candidato “de fora” a sua escolha foi por questões familiares, pois este candidato a vereador é seu ex-cunhado e ela ficaria “sem jeito de apoiar outra pessoa, pois quando minha família precisou ele sempre nos apoiou. E também porque ele é uma pessoa que apesar de ser de fora está mais presente no Ferraz do que muitos ai que se diz daqui”.³⁰

Para Dália apoiar um candidato do bairro é importante para dar visibilidade a este, é “fazer com que o bairro apareça que a população veja que ele existe e que se movimenta. Que não é morno, nem morto. Temos candidatos, temos povo pra lutar e pra votar, é preciso que o povo veja isso minha gente”³¹. O Candidato é morador do bairro e organiza movimentos culturais e folclóricos junto às crianças e adolescentes do bairro, utilizando muitas vezes, dos espaços do Clube de Mães para realização de ensaios e apresentações.

Cravo também considera importante o apoio a candidato do bairro e afirma que a sua decisão em apoiar este outro morador do Ferraz é porque sabe que ele apesar de está coligado ao partido que apoia o grupo “Cunha Lima”, este “não é bajulador dos Cunha Lima”³² enfatizando que ele é filiado a este partido por questão de visibilidade midiática e apoio para financiar a campanha que os partidos menores não tem. Sendo assim, o candidato usa a estratégia de filiar-se a partidos maiores muitas vezes sem apoiar suas ideologias e decisões. Aqui também chamamos atenção para o fato do voto ser “na pessoa” e não “no partido”, assegurando ao candidato que não importa o qual partido esteja e sim sua visibilidade.

No Bairro Belo Monte Gerânio apoiou uma candidata a vereadora que é professora e moradora do bairro, sua colega de trabalho. Ele afirma que o apoio a esta candidata é decorrente do apoio desta as atividades da SAB, trazendo profissionais para realizar palestras, possibilitando parcerias com instituições e pela amizade e estima que tem por ela. Ela é filiada a um partido que apoia o grupo “Maranhão”, que nesta eleição tinha como candidato a prefeito, uma mulher, Tatiana Medeiros – PMDB, utilizando

³⁰ Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Bairro dos Ferraz, em setembro de 2012.

³¹ Entrevista realizada com Dália, 61 anos, Presidente do Clube de mães do Ferraz, em setembro de 2012.

³² Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, Sócio da SAB de Belo Monte, em setembro de 2012.

com frequência um discurso de gênero, valorizando o papel da mulher na política contribuindo para firmar apoio as demais candidatas a vereadoras.

Íris por sua vez, apoiou um sobrinho de D. Glória; segundo ela, em toda campanha ela apoia quem D. Glória apoiar pois “a consideração e amor do Clube de Mães” por esta senhora é muito grande “só a gente sabe o que ela faz por a gente e pelo nosso povo”³³. Este candidato leva o histórico da família Cunha Lima, com grande poder aquisitivo e com uma campanha rica em mídias auditivas e visuais.

Dentre as atividades que foram realizadas na campanha eleitoral de 2012, com o objetivo de dar visibilidade ao candidato podemos enumerar as seguintes: 1. Visitas a feiras, mercados, lugares abertos; 2. Participação em eventos; 3. Participação em caminhadas, corpo a corpo; 4. Visita domiciliar e 5. Organização da boca de urna. O líder comunitário que desenvolve o trabalho de coordenador de campanha sempre se encontra nos “bastidores”, escolhendo, indicando e selecionado eleitores e eleitoras para seguir a rota dos eventos de campanha, seja desenvolvendo atividades remuneradas, como segurar bandeiras ou para “lotar” um ônibus de pessoas para ir à uma caminhada em um bairro distante.

Nós já temos mais ou menos em mente quem é melhor pra ir pra bandeira, pra ir nas casas fazer o corpo a corpo. Antes mesmo dessa campanha, alguns já me procurou dizendo: num vão chamar ninguém pra bandeira não, se chamarem lembrem de mim que eu vou. Ai você já entra em contato com pessoas que tomam conta desse setor e já diz, vocês tem gente pra bandeira, se precisar tenho tantas pessoas aqui a disposição e que precisa. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, em setembro de 2012).

E assim eu conheço as pessoas lá e sei as atividades que é remunerada e outras não, então eu sei quem tá precisando daquele dinheirinho e já ia lá, ai algum benefício pessoal que elas querem escrevem a cartinha e eu levava (Entrevista realizada com Dália, 61 anos, Presidente do Clube de Mães do Ferraz, em agosto de 2011).

³³ Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães de Belo Monte, em setembro de 2012.

Mapear o bairro, conhecer as pessoas certas para as diversificadas atividades de campanha, conhecer e convencer a comunidade para o apoio a determinado candidato, são alguns dos atributos que permite o líder comunitário exercer, em período eleitoral, a atividade de coordenador de campanha eleitoral.

3.2. Atividades da Campanha e a participação dos líderes comunitários

As campanhas políticas são também momentos que acionam preconceitos, estigmas e afirmações hierárquicas, onde as divisões na política reproduzem outras distinções vigentes no espaço social. Através das atividades da campanha de 2012, apresentadas a seguir, praticadas por líderes comunitários, nos foi possível perceber tentativas de demarcação de territórios, construção de símbolos, reprodução da hierarquia social e mobilizações de encenações, fazendo-nos compartilhar com a afirmação de Barreira (1998, p. 225) para quem,

Se para o senso comum as campanhas são pálidas lembranças do já conhecido, a passagem dessa orquestra de sons, cores e ritmos anuncia coisas para se pensar. A construção de lugares, símbolos e personagens traduz, na realidade, uma chuva de signos e reconhecimentos. Chuva de papéis.

Vejam algumas dessas atividades de campanha que conseguimos acompanhar ao longo de nossa pesquisa de campo.

3.2.1. Caminhadas, comícios e “corpo a corpo”

Iniciada a campanha, líderes comunitários dedicam parte do tempo para percorrer as ruas do bairro, primeiramente observando pontos estratégicos de visibilidade e para pedir permissão para colocar placas nos muros com o nome e número do seu candidato; os líderes não tomam como critério somente a visibilidade, mas

também o proprietário, pois como este é conhecedor do bairro, de antemão já sabe a possibilidade de conseguir ou não. Foi o que pudemos notar ao sair junto com Acácia em busca destes muros, em que nos deparamos com um galpão de esquina na entrada do bairro. Ao questioná-la porque não parou naquele lugar para pedir autorização, já que era um ponto estratégico, justificou-se: “ali é do outro lado, não adianta”, se referindo ao apoio do proprietário do prédio a um candidato opositor.

Um dado que merece registro foi a especificidade da campanha política municipal de 2012 ser caracterizada, nos bairros analisados, pelo grande número de caminhadas e da atividade nomeada de “corpo a corpo”, realizadas tanto no centro da cidade como nos bairros, decorrentes do mapeamento do espaço da cidade realizado, com antecedência, pelos assessores. Essas caminhadas foram realizadas de duas maneiras: uma em momentos organizados pelos líderes comunitários sem a presença dos candidatos. É uma sondagem mais aprofundada entre os moradores, com conversas mais demoradas e situações informais.

O líder caminha passando de porta em porta, mais alguns outros moradores distribuindo material de campanha; outra maneira é a caminhada em momentos que ganha maior visibilidade, ou seja, as aparições públicas que contam não só com a presença dos candidatos a vereador, mas a prefeito também. Tais candidatos, obviamente, são apoiados pelos líderes. Tal caminhada é organizada por assessores do candidato a prefeito e agendada pela Justiça eleitoral, para que assim dois candidatos opositores não tenham a mesma atividade no mesmo dia no bairro, evitando confronto entre os moradores opositores e os próprios candidatos.

Barreira (1998, p. 84) chama atenção para outra forma de caminhada, a realizada fora dos bairros, no centro da cidade. Em sua pesquisa ela afirma que há duas formas de expressão das caminhadas na política, aquela feita no centro da cidade e a que se efetiva nos bairros da periferia:

As zonas centrais da cidade são alvo por excelência das caminhadas, sobretudo aquelas que têm objetivos de se constituir como o grande evento do dia. O cortejo acontecido na cidade liga pontos estratégicos, evocando memórias que afirmam domínios sobre a cidade (...) antes de expressar falas que fixam pontos de escuta, as caminhadas existem para ser vistas.



FIGURA 11: Caminhada nas ruas centrais de Campina Grande – PB nas eleições de 2012.

Sobre a caminhada na periferia, assevera a autora:

Se a periferia é constantemente nomeada como sendo um local de “esquecimento” por parte dos políticos, as diferentes campanhas provocam uma situação inversa. (...) os bairros da periferia das cidades representam espaços de aglutinação de outros bairros próximos, virando espécie de “centro” em dia de caminhada. (BARREIRA, 1998, p. 88)

O político que, por ventura, deixa de visitar o bairro é lembrado de forma negativa pelos moradores. Sendo assim, são organizadas tardes de caminhadas que seguem o trajeto pelas ruas principais do bairro, que de antemão já se encontram coloridas pelas meninas das bandeiras formando uma passarela.



Figura 12: Presença do candidato a prefeito e vereadores na caminhada no bairro Ferraz – Campanha de 2012.

Elas são caracterizadas pela presença do candidato na frente acenando e cumprimentando, o líder do seu lado junto com alguns assessores, seguidos de mais membros, selecionados pelo líder, para entregar santinhos, bandeiras e adesivos nas casas.



Figura 13: Presença do candidato a prefeito e vereadores na caminhada no bairro Ferraz – Campanha de 2012.



Figura 14 e 15: Caminhadas no bairro Belo Monte – Campanha de 2012

Numa cidade, do porte de Campina Grande, à participação das lideranças no bairro objetiva cumprir o papel de representantes do candidato, já que é praticamente impossível a presença do candidato em todos os bairros. Sendo assim, é primordial a ação dos líderes comunitários na tarefa do “corpo a corpo” ou “campanha de rua” (SCOTTO, 1996) nos bairros periféricos analisados, uma vez que foram extremamente intensas e diversificadas as atividades de campanha, o que realmente exigiu destes enorme disposição para o trabalho e dedicação para o cumprimento das atividades previstas. Scotto (1996, p. 166) define a campanha de rua como “uma série de atividades cujo elemento comum parece vincular-se a uma tentativa dos candidatos de estabelecer uma aproximação e um contato mais direto com seus potenciais eleitores”.

É uma prática realizada no período determinado pela Justiça Eleitoral e que, segundo uma de nossas interlocutoras, o trabalho de “corpo a corpo” realizado pela liderança sem a presença do candidato,

É uma atividade que funciona e funciona mesmo. Agora assim, pra quem sabe trabalhar, porque pra quem não sabe pode até destruir (uma candidatura). Porque você não pode confiar totalmente naquele dia de

trabalho, tem que ficar marcado pra voltar outro dia com o candidato, outras pessoas do grupo para averiguar se o trabalho foi bem feito ou não, pra ter certeza se o trabalho foi de qualidade. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, em setembro de 2012).

O “averiguar se o trabalho foi bem feito” nada mais é que o constatar que o eleitor não mudou de candidato, que continua fiel a palavra e ao compromisso assumido. Mas, como bem frisou a nossa depoente, é preciso muito cuidado no momento de disputar o voto do eleitor e realizar um trabalho correto para que ele não volte atrás, e desista de seu compromisso. É nesse sentido que é necessário o líder acompanhar o eleitor de perto e, de preferência, que o candidato retorne as ruas e casas visitadas mais de uma vez, isso inclusive pode ser sinal de prestígio para o eleitor.

O trabalho do líder desenvolvendo o “corpo a corpo” inicia-se com a escolha das ruas do bairro onde a atividade será realizada, se for paraprefeito à atividade é compartilhada com outros líderes que “apóiam o mesmo lado”. Em seguida, as ruas do bairro são divididas por turmas ou duplas que visitarão residência por residência, buscando apoio e apresentando propostas. “O Corpo a corpo” se intensifica nos dias em que àquelas áreas vão ter visitas do candidato, pois possibilita a divulgação do evento e a distribuição de material de campanha. Para alguns, este material não tem importância, como relata Cravo:

Não tem importância nenhuma. Principalmente os santinhos, que eu sai pra distribuir e as pessoas nem olham, acho que hoje, quando as pessoas dizem é aquele, é aquele e pronto, não precisa mais ta fazendo essa propaganda toda não. A camisa já chama muito mais atenção porque as pessoas querem vestir àquela cor, mas em termo de santinho não acho que dá muito resultado aqui não. (Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, Sócio da SAB do Belo Monte, em setembro de 2012).

Além do “corpo a corpo” realizaram-se também comícios nos bairros. Em comparação a eleição municipal anterior, esta atividade foi realizada poucas vezes em bairros centrais e não ganhou muita visibilidade. Aconteceram em lugares estratégicos e organizados pela coligação, ou seja, com o objetivo de apresentar o(a)s candidatos a prefeito(a) e seus respectivos vereadores.



Figura 16: Comício realizado no Bairro vizinho ao Belo Monte na Campanha de 2012.

A participação dos líderes em comícios extrapola os limites do próprio bairro, nos relata Cravo:

Se o comício for em bairros próximos, alguém da equipe me liga, marca e vem um ônibus e lanche ou bandeiras, aí é como as pessoas vão. Porque pra ir de livre e espontânea vontade é muito difícil. (Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, Sócio da SAB do Belo Monte, em setembro de 2012)

Os comícios são caracterizados, sobretudo, como momentos de afirmação de adesão. Ou seja, mesmo que os comícios sejam direcionados a todo o bairro, e que algumas pessoas, muitas vezes jovens, também participem de outros comícios de candidatos concorrentes, em sua maioria os eleitores são os correligionários e moradores que apóiam a candidatura daqueles políticos.



Figura 17: Comício no bairro Ferraz na campanha de 2012.

Observamos também que diferente de alguns trabalhos etnográficos para quem os comícios pareciam não ter mais importância e significado com relação a imagem produzida em outros eventos, pois já não se valorizava tanto o discurso mas, a imagem do candidato, para o líder Gerânio a visão é diferenciada:

As pessoas falam, “a eles vão ali só mentir”, a gente sabe que muitos mentem mesmo, mas ainda tem aqueles que tem bons projetos, se ele ganhar e aquele projeto é bom pra comunidade, a gente vai lá e cobra depois a traves de ofício, pede agilidade. Como é o caso do semáforo da avenida, porque tava sendo atropelada muita gente do bairro na avenida, então um candidato a vereador num comício falou sobre isso, então achamos interessante a proposta e quando ele ganhou procuramos ele pra agi risso. E ta aí graças a Deus o semáforo evitando muito acidente. (Entrevista realizada com Gerânio, 57 anos, Tesoureiro da SAB do Ferraz, em setembro de 2012).

Foot Whyte (2005), ao estudar um bairro periférico nos EUA, percebe que as pessoas do bairro dão muito valor a expressões fluentes e enfáticas, mas, ainda assim, não elegem o homem mais eloquente, pois o mais importante são os vínculos de

identificação pessoal com o candidato. Barreira (1998, p. 102) em sua análise sobre comícios realizados em campanhas políticas entre os anos de 1985 a 1996, em Fortaleza – CE, afirma que “a memória das campanhas é também uma memória espacial: solo estético de muitos discursos e múltiplas manifestações gestuais”, por isso a necessidade de preencher sempre estes espaços. Além disso, a resistência do comício perdura porque estes são:

Por excelência, expressão de uma campanha política por agregarem requisitos convencionais da política, tais como espaço público, povo, adesões e enfrentamentos. Neles, evidencia-se a dimensão hierárquica do poder, presente na estrutura física que separa políticos e público através do palanque. A troca que se estabelece entre os políticos e o público repõem os mecanismos de construção da representação e apresentação. (BARREIRA, 1998. p. 102).

Diante dos depoimentos dos informantes, certas constantes são observadas. Percebemos que há uma diferença entre o resultado da caminhada e do comício, pois no comício o público se apresenta parado e geralmente já são aliados àqueles candidatos. No entanto, a caminhada tende a modificar seu trajeto, não se prende a falas ordenadas e a presença do candidato é mais espontânea, por isso a valorização dos líderes pela caminhada.

A organização de tais eventos é determinada em reuniões dentro e fora do bairro: fora do bairro junto com assessores e o candidato, e dentro do bairro junto com vizinhos, familiares e sócios. Vejamos a seguir como foi realizada essa atividade na campanha de 2012, nos referidos bairros.

3.2.2. Reuniões dentro e fora do bairro

Os primeiros contatos dos líderes comunitários para fechar acordos com candidatos, independente do grupo partidário, acontecem em reuniões direcionadas para lideranças, as vésperas da Campanha Eleitoral. Dália nos relatou estes primeiros contatos:

Telefonaram pra minha casa e disseram que era um convite, não disseram pra que era, só que era uma reunião para as lideranças de bairro, em tal lugar, tal hora. Nesse período, a gente já fica desconfiando que seja coisa de política, mas pra não ficar mos na curiosidade nós vamos. Quando cheguei lá começaram a falar como tava a cidade, que valorizavam os líderes, que queriam apoio da gente e tal. Aí disseram que ia ter a convenção do partido e quem quis esse ônibus pra levar o pessoal do clube e do bairro era só deixar o nome lá numa lista. Aí comecei logo a escutar umas pessoas dizerem: “perdi meu tempo, é politicagem”. Então é como uma experiência pra saber quem tá do lado deles, porque quem não assina a lista já ta dizendo que não apoia, né? Eu mesmo fui um desses, eu fiquei lá na minha, depois me retirei, vi logo as caras feias de quem virou de lado, não me senti bem e me retirei. (Entrevista realizada com Dália, 61 anos, Presidente do Clube de Mães do Ferraz, em setembro de 2012).

Esse tipo de encontro é realizado comumente fora do bairro, como a que descreve a líder Dália, realizada em uma escola infantil num bairro distante, e tem como objetivo tomar conhecimento das lideranças dos bairros e firmarem apoios. As reuniões dentro do bairro só são realizadas depois de fechados acordos e determinado o início das atividades de Campanha. Ao questionar a Cravo sobre esta atividade realizada dentro do bairro, ele assim justificou:

Esses encontros são pra incentivar a participação das pessoas, porque se for depender de comício, são poucas as pessoas indecisas que vão lá que querem ouvir. (Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, Sócio da SAB do Belo Monte, em setembro de 2012).

As reuniões são realizadas em pequenos grupos³⁴ para que não “chamem a atenção”, ou seja, para que moradores que apóiam a oposição não fiquem sabendo e busquem “desmentir” o que foi apresentado ou então, como revela Dália, “e esse ano ta difícil de acontecer viu, porque a Justiça pensa logo que é comprando voto e fica em cima. O melhor é não arriscar”³⁵. A reunião nos pareceu não ter somente como objetivo apresentar o candidato e sim firmar adesão também entre os moradores e os líderes, formando assim um ciclo de reciprocidade e adesão:

³⁴ Para preservar nossa inserção no grupo não fotografamos reuniões internas e fechadas.

³⁵ Entrevista realizada com Dália, 61 anos, Presidente do Clube de Mães do Ferraz, setembro de 2012.

Reunimos pessoas do bairro em pequenos grupos passa pra elas, deixo bem claro a visão daquele candidato. Até convida o político pra vim aqui, ele vem e fala pra o pessoal. E ai a gente deixa aberto ao pessoal que eles podem receber de outro, agora que na hora de votar, ele vote no candidato que nos ajude, porque quando a gente vai a procura, é ele que nos ajuda. E aquele que aparece de última hora e depois desaparece, ou até mesmo vem, fica aparecendo de vez em quando, mas não consegue se entrosar, a gente sabe que é politicagem, então não vote nele. Mas hoje é todo mundo esclarecido. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, em setembro de 2012).

Aqui também se percebe a propagação do que chamaremos de “práticas do sigilo”, ou seja, reuniões com número limitado de pessoas, em lugares inusitados, com restrições de perguntas e desenvolvendo códigos de comunicação como “de ouvido para ouvido”. São práticas que só foram capazes de serem vistas através da inserção em campo, bem como algumas nos foram relatadas nas entrevistas. Ao ser questionada sobre a proibição destas reuniões Íris nos explicou:

A reunião feita na sua residência não é proibida não, porque é pra apresentar a proposta do candidato. Aí as vezes ele que vem, as vezes um representante, ou até nós mesmo apresentamos o candidato e suas propostas. Agora ninguém trata em dinheiro, já falamos antes da reunião, que é pra ouvir o candidato, fazer perguntas sobre as propostas sobre as melhorias para o bairro. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselho do Clube de Mães Belo Monte, em setembro de 2012, grifos nossos).

As pessoas que compõem essas reuniões são em sua maioria familiares e vizinhos, possibilitando esta temática se estender e atravessar as conversas nas calçadas e na sala ao se reunirem para assistir a novela. Por isso Íris afirma ter esclarecido antes mesmo da reunião o seu propósito e orientam os demais sobre seu desenvolvimento.

A campanha municipal de 2012 foi marcada pelo “medo das redes sociais”. Segundo Íris “não dá mais pra trabalhar como antes, tudo se tira foto, tudo coloca no computador. Mesmo que a gente não esteja fazendo nada errado, mas a Justiça tá danada”³⁶. Dentre outros depoimentos, neste enfaticamente percebemos que o papel da

³⁶ Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, setembro de 2012.

Justiça Eleitoral foi mais presente e o uso das redes sociais (internet) influenciou nos direcionamentos e mudanças de muitas das atividades.

Outros encontros organizados pelos líderes, realizados concomitantemente com estes, também foram recorrentes. São encontros mais festivos no intuito de “comer junto”. É o que chamaremos, tomando emprestado de Kuschnir (2007), de “encontros de comensalidades”, que inclui feijoada para time de futebol, café da manhã para sócio da associação ou nas residências, lanche para aniversariantes, entre outros. Eles compõem o conjunto de práticas realizadas por lideranças no bairro do Ferraz e Belo Monte e serão melhor descritos no próximo tópico.

3.2.3. Cafés da manhã e feijoada: rituais de comensalidade

Nos bairros em destaque foram escolhidos, no período de Campanha, residências de famílias numerosas ou que apresentavam algum destaque no bairro para a realização dos “rituais de comensalidades”. Uma das casas foi a residência de D. Mesquita³⁷. Moradora do bairro do Ferraz que desde sua adolescência lá reside. Atualmente ela é mãe de nove filhos, tendo também netos e bisnetos, todos moradores daquele bairro.

A líder Dália foi ao encontro de D. Mesquita com antecedência e ofereceu o café da manhã. Segundo Dália, não há uma comemoração específica, apenas se pergunta se aquela família quer tomar conhecimento das propostas do candidato e para isso ele oferece um café da manhã. No dia uma equipe do político trouxe toda alimentação pronta, a família cedeu o espaço familiar, convidou familiares e vizinhos, Dália chamou seu sobrinho, que participa do grupo de cânticos da igreja católica do bairro da qual D. Mesquita e seus filhos participam, para tocar violão e cantar músicas religiosas, eles participam e vão ouvir ali o líder e as propostas dos candidatos. Para a líder, estes encontros “chama mais atenção das pessoas, porque se torna uma festa

³⁷ D. Mesquita veio a falecer em junho de 2013. O momento foi de grande pesar para o bairro e no seu velório estavam presentes para além dos familiares, líderes comunitários e assessores políticos.

mesmo, eles vão junto com amigos e ali encontra os conhecidos e o lanche também né, que eles vão curiosos pra saberem o que é”³⁸.

No bairro do Belo Monte também foi comum a realização, no período que antecedeu as eleições de 2012, das “feijoadas do time”. Semelhantes aos cafés da manhã em sua organização, diferenciando o público e o espaço. Pois estes geralmente acontecem na residência do presidente do “racha” onde comparecem os jogadores e suas famílias, o político, o líder e seus assessores. Nesse caso, foi o presidente do time que procurou o líder Cravo para pedir doação da feijoada e bebidas para realização de uma comemoração entre os jogadores e suas famílias. Cravo passou a informação o pedido para seu candidato e ficou responsável pela compra de todo material necessário. No dia do evento, a líder e assessores visitou a comemoração entregou material de campanha e falou sobre a proposta da candidata que apoia.



Figura 18: Feijoada do racha de domingo no Bairro Belo Monte.

O Código Eleitoral de Lei nº 9.504/97, art. 39, §7, proíbe a realização de eventos que promovam o candidato, bem como a apresentação remunerada ou não de

³⁸ Registro da conversa realizada com a líder Dália, terça-feira, 12 de setembro de 2012. Dia do café da manhã na residência de D. Mesquita.

artistas com a finalidade de animar reunião eleitoral. Sendo assim, os políticos se usam das associações para camuflar suas participações nestes eventos, pois toda a organização é feita pelos líderes comunitários, mas, com o objetivo de promover o seu candidato.

Estes encontros também podem ser realizados nas entidades, no entanto fora do “tempo da política”. Um dos eventos que presenciamos foi um jantar em comemoração ao Dia das Mães na Associação de Moradores do Ferraz.



Figura 19: Políticos presente no jantar em comemoração ao Dia das Mães na Associação de Moradores do bairro Ferraz.

Neste jantar estavam presentes, além dos sócios e seus familiares, alguns políticos e assessores e suas famílias. Estes não tinham mesa de destaque e se acomodaram junto aos moradores do bairro, entraram na fila do jantar sem nenhum privilégio aparente e sentou-se a mesa junto aos moradores. Esse ato de “comer junto” demonstrou uma busca de igualdade, semelhança e familiaridade perante aquela população, como mostra a figura acima.

Kuschnir (2007) ao empreender um estudo sobre os rituais de comensalidade em campanha políticas define estes eventos como “celebrações que encenam simbolicamente a eleição do político”. Nestes encontros é indispensável o consumo de bebidas e comidas por parte dos eleitores e candidatos. E enfatiza,

Os atos de comer e beber pode significar muitas coisas, inclusive uma declaração de voto. Isso difere, por exemplo, das eventuais doações de alimentos por parte de políticos, pois não há nestas o sentido de “comer junto”, compartilhando um mesmo espaço e tempo de convívio. (KUSCHNIR, 2007, p.40)

Esta atividade é uma entre outras atividades desenvolvidas pelos líderes comunitários na Campanha de 2012 que são consideradas ilícitas pela Justiça Eleitoral no período eleitoral, fazendo-se necessário o líder formular táticas para praticá-las sem que sejam surpreendidos. Podemos citar também: pagamento pela atividade desenvolvida, distribuição de cestas básicas ou qualquer outro bem material e a boca de urna. Apresentamos a seguir o desenvolvimento da atividade denominada pelos líderes de “equipe de boca de urna”.

3.2.4. Boca de urna e a cortina de silêncios

O trabalho de boca urna na campanha de 2012, atividade proibida pela Lei nº 9.504/97, art.39, s 5ºII, na equipe de Acácia no bairro do Ferraz, foi realizado de forma diferenciada dos anos anteriores. Nas Campanhas eleitorais anteriores o grupo era subdividido em: 01 coordenador e 10 pessoas, onde estes se encontravam em reuniões residenciais organizadas pelo líder. Na Campanha de 2012, com a vigilância da justiça eleitoral, esse trabalho foi realizado individualmente, com pequenos encontros de no máximo quatro pessoas, simulando uma visita familiar, sem encontros entre grupos determinados. A escolha dessas pessoas foi feita por Acácia e, comumente estas são moradores do bairro conhecidos dela ou indicados por alguém próximo.

As atividades do coordenador de campanha dentro do bairro foram desenvolvidas de forma organizada e com bastante cautela pelos líderes entrevistados. Eles demonstraram quão árduos é mapear o bairro para realizar visitas de casa em casa, com o objetivo de apresentar o candidato aos conhecidos e que são associados a sua

entidade, como também aos moradores do bairro que não estão vinculados a nenhuma entidade:

Difícil mesmo é quando entramos numa casa de alguém que não entende o que é trabalho comunitário, que não valoriza a associação, fica logo dizendo que a gente ganha dinheiro por isso e que esses candidatos não aparecem em tempo nenhum, depois chega a gente pedindo voto pra eles. Nossa! Já saímos dali triste, mas tem que levantar a cabeça e continuar a tarefa para no final do dia se sentir realizada. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Ferraz, em setembro de 2012).

Através dessa visita é tomado conhecimento de quem já teve experiências em trabalhar com campanhas passadas ou que tem “muitos conhecidos” e é feito o convite para participar do grupo de boca de urna. Este tem a função de selecionar grupos maiores de pessoas (10 a 20 dependendo do candidato e do bairro). O critério para escolha é serem maiores de 16 anos, morarem no bairro e serem eleitores da cidade. Para garantir que os critérios foram atingidos exigem a xérox do título. No discurso dos líderes é que essa cópia do título garante aos candidatos que essa pessoa não estará em outra equipe, no entanto Gerânio revela: “essa xérox é um controle sabe, pra gente confirmar quantos tem e que não tem duas pessoas ganhando. Tem gente que ainda acredita que o candidato tem como saber se a gente votou mesmo, só porque ele ficou com a xérox, a maioria já sabe que isso não é possível”³⁹.

Essa atividade é remunerada, onde o coordenador de boca de urna ganha valor acima dos demais do grupo. Após escolhidas as pessoas o papel do coordenador é orientar essas pessoas a convencer os indecisos a votar no seu candidato, até o dia da eleição. No dia da eleição, momento que nos deteremos mais adiante, tanto o coordenador quanto esse representante sai pra ver se as pessoas estão na rua. No final da tarde é marcada uma hora para que o pagamento seja realizado pessoalmente a cada um e estes assinam uma lista, como uma espécie de recibo de pagamento pelo serviço prestado. Durante as reuniões o dinheiro de boca de urna, é questionado somente com quem ta coordenando e “assim mesmo de ouvido pra ouvido” como nos relatou Acácia:

³⁹ Entrevista Gerânio, 57 anos, tesoureiro da SAB do Ferraz, setembro 2012.

Ninguém trata de dinheiro na reunião, isso é só com a coordenadora e assim mesmo de ouvido para ouvido. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Conselheira do Clube de Mães do Ferraz, em setembro de 2012).

Essas práticas só foram possíveis de serem captadas por nós através da “participação observante” já que aconteceu uma forte resistência de alguns de nossos interlocutores falarem sobre essa temática justificando “não poder falar sobre isso não”; afinal, isso faz parte dos códigos de segredos compartilhados. Há coisas que absolutamente não podem ser ditas. Sobre essa prática ser comum entre lideranças de bairros campinenses, afirma Cravo,

A própria boca de urna. E é uma coisa que eu acho que vai acontecer sempre. A boca de urna é você votar, trabalhar no dia e em troca receber uma quantia. Às vezes tem pessoas que recebem até antes das eleições. Mas aí tem o voto, que não é necessário você votar naquele candidato. Mas por já existir, já virou moda mesmo, todos os políticos fazem, então já fazemos normalmente. (Entrevista realizada com Cravo, Sócio da SAB do Belo Monte, em setembro de 2012).

Foote Whyte (2005) afirma que os políticos podem evitar esta intermediação dos líderes comunitários com os eleitores, tentando um contato pessoal e garantindo vínculos mais seguros, no entanto, com a demanda de eleitores, números de votos exigidos na legenda e as atividades que são desenvolvidas durante a Campanha é quase impossível conciliar todas as tarefas. A associada ao Clube de Mães do Ferraz, também nos relatou que tais atividades dependem de um alto grau de confiança, pois não tem como garantir que quem desenvolveu estes trabalhos realmente votou no candidato. Ela nos contou que passou por uma situação constrangedora na campanha de 2008 com uma coordenadora de boca de urna:

Quando já estava tudo certo, turma formada soube que ela tinha dado a um assessor de outro candidato a mesma lista, pensando em pagar ao pessoal com o dinheiro de um candidato e ficar com o dinheiro de outro. Então o que fiz: comecei a insistir que queria participar da reunião também, e ela sempre dando desculpas e dizendo que sabia

fazer, podia deixar com ela. Então no dia da eleição, na hora de ir deixar o dinheiro, eu liguei e disse que o candidato exigiu que pagasse pessoalmente a cada pessoa. Ai ela fez um drama, começou a chorar dizendo que eu não confiava nela, e que a mãe dela ia ficar muito decepcionada, porque a mãe dela era muito minha amiga e já tinha sido presidente do Clube de Mães. Então ela disse que não queria mais o dinheiro, que ia tirar o dinheiro no banco para pagar as bocas de urnas, mas não juntava a turma de jeito nenhum. Por essas e por outras prefiro pessoas próximas a mim, que eu confio. (Entrevista realizada com Dália, 61 anos, Presidente do Clube de Mães do Ferraz, em agosto de 2011).

Optar por pessoas próximas, como família e amigos, garante tanto ao candidato como ao líder comunitário, maior segurança para alcançar os objetivos. Sendo assim, percebe-se que as práticas políticas nestes bairros estão permeadas por várias redes de interações que atravessam relações familiares, relações de amizades, relações de reciprocidades, bem como, relações financeiras.

Esta prática, segundo Palmeira (2006), é considerada oportuna tendo em vista a sua rapidez em alcançar resultados e, principalmente, o seu baixo custo financeiro, já que os eleitores optam em sua maioria por benefícios individuais do que coletivos. Além disso, apesar de não ter a certeza de adesão dos eleitores beneficiados sabem que estão entre os candidatos opcionais, pois “que convicção maior do que o imperativo moral internalizado de dar seu voto, e, votando, ser fiel e retribuir a quem o ajuda?” (PALMEIRA, 2006, p. 11).

Para a realização de tais práticas são necessárias certas atividades e conhecimento local dos líderes comunitários. No entanto, o líder não desenvolve seu trabalho sozinho, bem como há algumas limitações no seu desempenho dependendo da hierarquia percebida na organização da Campanha Eleitoral Municipal de Campina Grande- PB, demonstrada no esquema abaixo:

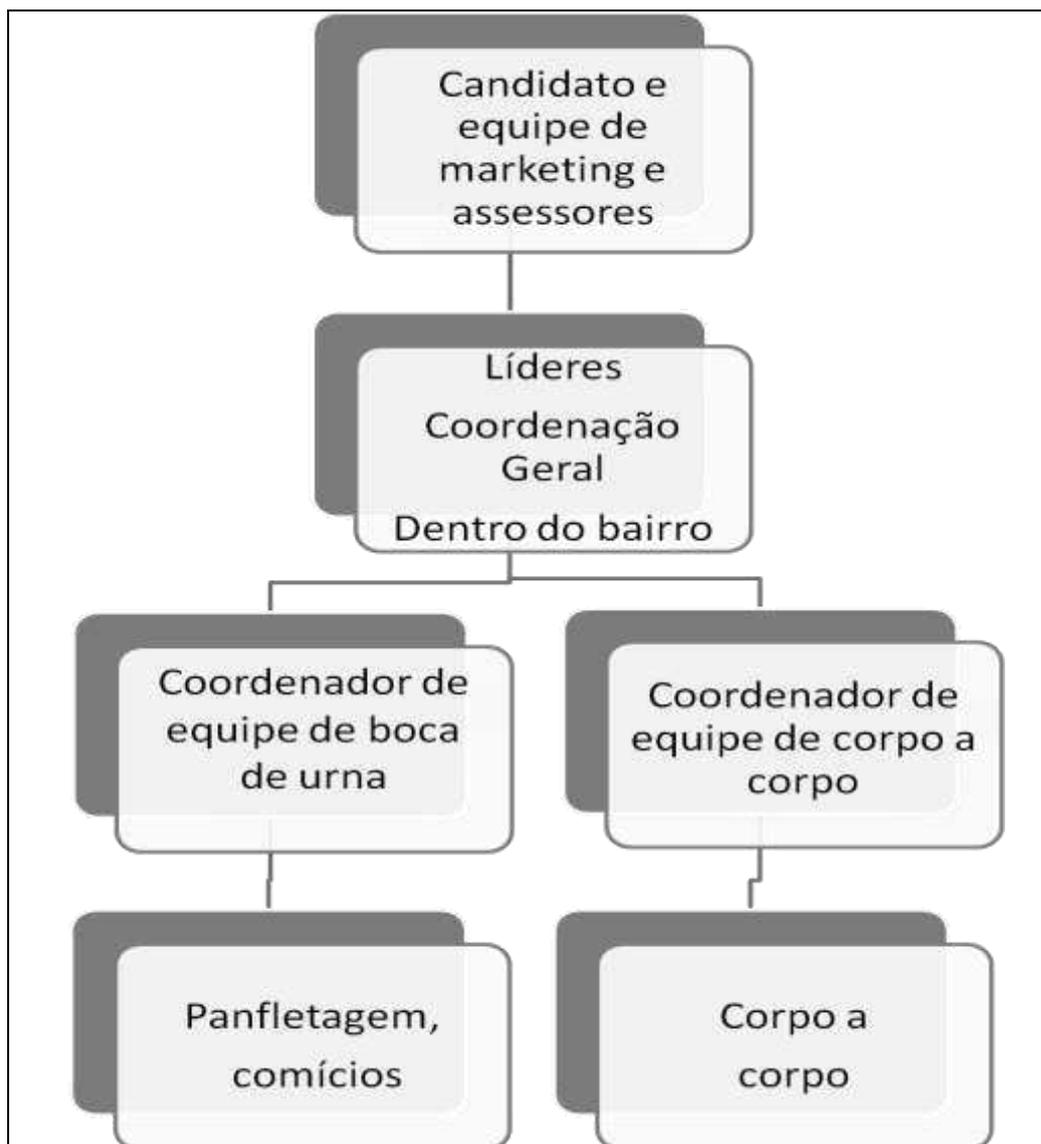


Figura 20: Organização da Campanha no interior do bairro.

Apesar de separados metodologicamente, estas práticas são desenvolvidas em conjunto e sua junção vai depender do contexto o qual a campanha política se encontra. Essa hierarquia é percebida não só na divisão de tarefas, mas também nos locais frequentados pelos participantes, dependendo da posição ocupada ela expressa status e prestígio. A fala do líder Gerânio esclarece como na prática isso ocorre:

Eu vou assistir determinadas reuniões que o grupo que eu coordeno não assiste, nem todas as informações que ouvi são passadas. Porque nem tudo você pode saber, do jeito que tem coisa que eu não sei, tem coisas que elas não vão saber, e que o eleitor lá na frente não sabe. Quando a gente quer saber alguma coisa, eles dizem logo, isso aí é com fulano, porque cada pessoa tem uma função. (Entrevista realizada

com Gerânio, 57 anos, Tesoureiro da SAB do Ferraz, em setembro de 2012).

Assim como Sr. Gerânio no Ferraz, Íris no bairro Belo Monte expressa igualmente essa hierarquia ao afirmar que “a gente segue a orientação de uma equipe de cima” ao relatar sobre quais coordenadas tomar quando recebessem “dinheiro de campanha”⁴⁰. Estas práticas foram permeadas também pelo sigilo e por códigos entendidos através da narração dos interlocutores. A fala a seguir demonstra claramente a circulação do segredo a favor do vínculo social entre os que compõem a Campanha Eleitoral:

Eles ligavam mandavam chamar, e os encontros nunca aconteciam nem no clube nem nas nossas residências, os encontros pra você trabalhar é tudo fora. Os primeiros ainda são nas casas de parentes do candidato, aí nem tudo saí, a gente já entende a linguagem. Quando começam a dizer conhecemos cada um de vocês, não precisa ficar olhando em papel não, o bairro de vocês não serão esquecidos. Dalí não precisa perguntar, já sabemos que serão formadas equipes em nossos bairros, e pronto. Não é perguntado muita coisa nessas reuniões não, ficamos só de “butuca ligada” pra não quererem enrolar nossa população. Aí quando querem dizer algo diretamente vem e cochicha no ouvido, é uma jogada danada. Porque tem a justiça, pode ter gente infiltrada ali só olhando pra saber das coisas e levar pra o outro grupo. Sigilo é fundamental. (Entrevista realizada com Íris, Conselho do Clube de Mães de Belo Monte, em novembro de 2011).

Embasados na antropologia de Marcel Mauss (1978) para quem em todas as sociedades humanas observa-se a presença de um sistema de reciprocidade de caráter interpessoal e a dádiva é entendida como uma lógica organizativa do social e que tem caráter universalizante, não sendo possível reduzi-las a aspectos particulares como ao econômico ou religioso, entendemos as atividades desenvolvidas pelos líderes fazendo parte de um todo integrado por significações circulantes, sejam elas gestos, palavras, presentes, sacrifícios. No entanto, observamos não só os atores e suas práticas, mas sim o que circula entre eles a favor do vínculo social, sejam eles bens materiais ou

⁴⁰ Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães do Belo Monte, setembro de 2012.

simbólicos de que a sociedade dispõe para se reproduzir por meio dos atores que a formam.

3.2.5. Conhecimento, reconhecimento e prestígio

O indivíduo é reconhecido líder pela comunidade através de suas práticas. O exercício de coordenador de campanha é acrescido ao seu cotidiano em um período específico possibilitando este agregar capital social ao seu papel social desenvolvido naquele bairro. Defendemos que não há uma separação ou substituição de função, onde o líder deixa de exercer seu papel de liderança para exercer o papel de coordenador, ou vice e versa. São papéis que se mesclam o tempo todo.

Quando os líderes saem de porta em porta dos moradores para convidá-los para um movimento ou evento das associações são nessas residências, já familiar, que eles também recorrem em período eleitoral para realizar as atividades de “corpo a corpo”. São das famílias com as quais compartilham os problemas do bairro, as reuniões nas entidades, a missa e a feijoada do domingo que eles escolhem as meninas para segurarem as bandeiras, os eleitores para realizar boca de urna e as residências para anexar as placas.

O coordenador de campanha não deixa de ser líder em período eleitoral, pois este está o tempo todo generalizando seus interesses próprios a fim de fazê-lo passar por interesse coletivo e tem conhecimento que o seu *status* dentro do bairro está no reconhecimento do jogo. Reforçando esta análise, vejamos o questionamento de Acácia e o depoimento de Cravo:

E outra coisa, como que fica minha credibilidade diante da comunidade? Ai fico, um ano to com fulano, outro ano to com beltrano, o povo já sabe que é por dinheiro que uma pessoa faz isso. Ai acaba a campanha o candidato vai embora e como que eu fico no bairro, e meu trabalho lá? Eu tenho que ser respeitada, né? Então nem tudo que envolve dinheiro é o melhor, né isso? (Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, Sócio da SAB do Ferraz, em setembro de 2011).

Aí tinha uma mulher lá na invasão, e me disseram que ela tava trabalhando pra um candidato de Tatiana e um de Romero. Aí eu peguei e mandei dizer pra minha equipe que fulana, tava com duas equipes e que procurasse sondar direitinho. Aí uma pessoa dessas, cadê a credibilidade pra trabalhar nessa e em outras campanhas? (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Conselheira do Clube de Mães de Ferraz, em setembro de 2012).

Segundo a lógica local, os líderes que apóiam para além da remuneração, levando em consideração, fidelidade, credibilidade, confiança, são superiores do ponto de vista moral frente àquelas que o fazem por dinheiro, e esse acúmulo de capital social os hierarquiza nas redes de relações e obrigações dentro daquele bairro, agregando bens simbólicos a seu papel de líder. Pois estes bem sabem que esses bens não são adquiridos por qualquer um e quando quiser, pois, como sinalizou Sr. Gerânio, não se tem como nomear-se líder para atingir bens individuais, pois este é um reconhecimento coletivo e é necessário esforços e atenção constante. Também para Cravo, sócio da SAB do Belo Monte,

Nem todo mundo é um líder. Um líder comunitário hoje é muito difícil, a pessoa que está por dentro dos problemas do bairro e está disponível pra comunidade. (Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, sócio da SAB do Belo Monte, em setembro de 2011).

Nesse depoimento Cravo reforça a dificuldade em exercer atividades comunitárias voluntárias. No entanto, esta dificuldade é apresentada por nossos interlocutores quase como “uma predestinação”, ou seja, o líder é um escolhido para trabalhar em prol da comunidade, onde este, ao “abdicar” de sua individualidade e mesmo privacidade, incorpora o sentido do coletivo, ganhando em troca o prestígio e consideração da comunidade. Acácia acrescenta que esta atividade “não é pra qualquer um” e nos narra um fato ocorrido na Associação do Ferraz:

Na última eleição da associação se candidatou Marizete, a técnica em enfermagem do posto de saúde, que todo mundo gostava dela, mas com um ano ela desistiu, ela disse “eu não dou pra isso”, porque você tem que gostar, tem que esquecer, porque tem muita decepção também, assim como na política, as pessoas dizem que nos apóia e na

hora cadê? Tem que ter às vezes aquele ouvido que entra pelo lado e sai pelo outro, porque muitas pessoas acham que somos empregadas e estamos ali pra fazer o que e como eles quiserem. A gente fez um jantar no dia das mãe saí chegou uma hora que tudo que tinha prometido não mandaram, então ela entrou no carro com o marido, pegou o cartão dela comprou e pagou. No dia da festa a gente via gente de cara feia. Aí no dia da reunião de avaliação, uma pessoa disse, fulano disse que Marizete agiu com arrogância e que era orgulhosa, aí foi quando ela estourou: “Meu Deus eu passei uma semana lutando, batalhando, botei do meu, sabe de uma coisa quero mais isso não, não nasci pra isso não, não reconhecem meu trabalho” (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação do Ferraz, em julho de 2011).

Seria o que Bourdieu (1998) chamou de efeito de oráculo, que envolveria o poder de falar em nome do grupo e essa aparente abnegação em prol da função desempenhada, se anulando completamente em prol do povo. Percebe-se assim que a atividade de líder refere-se a uma posição de poder dentro do bairro, ou seja, ser líder implica em ser “reconhecido” destacando assim a existência de uma reciprocidade desde que só através do coletivo que a liderança é reconhecida como tal. O poder aqui é entendido enquanto poder simbólico, ou seja, este poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que lhe estão sujeitos.

Reconhecimento aqui pode ser empregado nos dois sentidos: identificação de uma pessoa já conhecida e identificar alguém como boa, legítima e verdadeira (SCOTTO, 1996). Já que “todo mundo gostava dela em seu exercício profissional”, a ex-presidente da Associação esforçou para ser (re)conhecida diante do bairro no primeiro sentido, e viu através de seu “sacrifício” ao “botar do seu” dinheiro a possibilidade de transformá-lo em um reconhecimento no segundo sentido. Ao falar sobre o exercício de lideranças, Acácia sempre nos rememorou momentos de “sacrifícios” ao abdicar muitas vezes de sua vida familiar e dos dias de descanso como os fins de semana e as férias:

Tu acredita que em Janeiro, todo mundo foi pra praia, e eu só fui depois do dia 10 porque no dia 9 era a reunião, outra vez foi no mês de maio do ano passado, não me esqueço nunca, era o aniversário de Bruno (filho), minha mãe fez um bolinho mesmo no dia da reunião, eu fui à última a chegar, quando eu cheguei já tinham até cantado parabéns. Eu sou assim, só entro se ver que dá pra assumir, e me sinto gratificada demais por isso. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação do Ferraz, julho de 2011).

Ela reconstituiu para nós ainda a seguinte história:

Morreu um menino há uns três meses aí na travessa, sendo que no final de semana. Então não tinha como conseguir o caixão pela prefeitura, aí tivemos que ir conseguir em Queimadas, e mês mo dia de semana é a maior dificuldade com a prefeitura quando eles vêem o nome da associação no ofício a gente já percebe logo. As vezes reivindicamos profissionais ou secretários pra vim falar sobre seu trabalho, como fazer pra reivindicar, mas não aparecem, não sabem fazer nada voluntário. Uma vez fomos lá no Digna – plano de saúde, daqueles que dá desconto, e fizemos uns acordos nas parcelas e abrimos associação e eles fizeram quase 130 planos porque aí já tem plano funerário, desconto em consultas, à farmácia do bairro também dá desconto nos remédios, então já ajuda e evita ficar se humilhando. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação do Ferraz, em julho de 2011).

Um ponto em comum nos foi relatado pela maioria de nossos interlocutores como sendo determinante para o reconhecimento, por parte dos cidadãos, habitantes dos bairros investigados, sobre a liderança de nossos colaboradores de pesquisa: o seu “conhecimento” do bairro e de sua população. Tal conhecimento faz do líder comunitário uma espécie de representante e porta-voz dos interesses do grupo:

Quando tem matéria de jornal aqui no bairro pra mostrar os problemas, ruas que não são calçadas, esgoto a céu aberto, vão lá em casa me procurar ou me ligam marcando. Aí faço a matéria pra o jornal porque conheço essas ruas, sei de seus problemas. (Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, Sócio da SAB do Belo Monte, em setembro de 2011).

O nosso conhecimento, não é de Universidade não, é de vivência, da realidade. (Entrevista realizada com Gerânio, 57 anos, Tesoureiro da SAB do Ferraz, em agosto de 2011)

O líder fala em nome da associação e da comunidade, e o seu discurso traz depoimentos de fatos cotidianos onde este deixou seus próprios interesses, como o aniversário do filho para organizar uma reunião de assembleia, para “servir” a comunidade, sugerindo esta aparente abnegação e anulação em prol da função

desempenhada. O líder generaliza seus interesses próprios passando-os como interesse coletivo, e para isso um conjunto de técnicas de oratória e aparência são empregadas.

Fasson (2010) e Feltran (2010) ao realizar pesquisas etnográficas sobre eleições no Brasil chamaram atenção para a questão do prestígio adquirido através da mediação político eleitoral. A frequência e diversidade de candidatos que procuram estes líderes revelam ao bairro seu prestígio e durante a campanha política o prestígio destes dentro do bairro é colocado em cheque, gerando até mesmo uma disputa simbólica entre as lideranças;

Porque um candidato pra entrar no reduto do outro ele tem que ter o maior cuidado, então ele não ia perder já esse posto, porque ele entrou aqui através de mim, então não ia ser bom pra ele. Ai quando houve a reunião com Ludgério, ele perguntou logo, o pessoal de Eva te procurou? Ele já tava sabendo que iam me procurar, e ele não gostou, ai ele falou que não tava gostando, porque ela tava procurando as lideranças que ele tinha apoio. Até na minha equipe mandaram gente lá perguntar se não queriam apoiar ela, então se minha equipe não tivesse bem estruturada eu tinha perdido, a sorte é que a equipe são pessoas que eu trabalho há muito tempo, coisas de política ou não, ai já tem aquela confiança, é um trabalho que já vem sendo feito, não só nesse tempo. Ai o que ia pensar: ah veio aqui só porque é campanha! (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães de Belo Monte, em novembro de 2011).

Esse prestígio ainda pode ser revelado pelo número de moradores do bairro e até mesmo antigos moradores que o procuram e pela capacidade de possuir na campanha a função de coordenação. Tal episódio nos foi narrado por Sr.Gerânio, onde é possível observarmos situação em que este é procurado para ser consultado por antigos vizinhos:

Como eu já tenho esse trabalho na comunidade, antigos vizinhos e comadres minha que mora em João Pessoa, mas vota aqui liga logo pra saber: “e aí compadre como ta a política, apoiando quem?” Aí a gente já apresenta o candidato e eles sempre vêm aqui nos visitar e pegar o santinho pra votar no nosso candidato. Confia né, toda eleição eles ligam. (Entrevista realizada com Gerânio, 57 anos, Tesoureiro da SAB do Ferraz, em setembro de 2012).

Trata-se de um vínculo de obrigações mútuas, dotado de um imperioso sentido de lealdade. Tal dimensão nos possibilita crer que o eleitor é dotado de racionalidade; mas que, entretanto, os critérios que utiliza em sua escolha podem ser diversos, e se sobrepor uns aos outros de diferentes maneiras.

Muitos autores da Antropologia da Política (Palmeira & Goldman, 1996; Ferreira 2007 e Kuschnir, 2007) ressaltam a importância de escapar de abordagens tradicionais que tendem a atrelar as diversas motivações para a adesão a uma pretensa irracionalidade do eleitor, ao fato dele não dispor de informações necessárias para decidir de forma “correta” e a uma suposta desorganização do sistema político-partidário. Levando em conta o caráter subjetivo dos líderes, é possível compreender, por exemplo, porque um mesmo motivo pode fazer com que dois líderes escolham candidatos distintos para apoiar.

Durante a campanha percebemos algumas das várias motivações que levam os líderes a apoiarem este ou aquele candidato, motivações estas que ultrapassam o caráter mercadológico. Vejamos um depoimento que assevera tal afirmação:

Na primeira campanha de Veneziano eles tiveram lá em casa, perguntando com quem eu trabalhava, então eu disse: eu não trabalho assim, trabalho com pessoas que já convivo há muito tempo, então não tem como eu ir apoiar uma pessoa sem que você confie, tenha simpatia, seja às claras com ela. (Entrevista realizada com Dália, 61 anos, Presidente do Clube de Mães do Ferraz, em setembro de 2012).

O depoimento aponta como critérios de decisão a simpatia, consideração e a confiança, estes que nos pareceu durante a pesquisa serem criados a partir de vínculos criados fora do “tempo da campanha”. Depoimento semelhante é proferido por Íris, apontando outras motivações:

Quando os assessores de Tatiana foi lá em casa que eu não aceitei, eu disse olhe o clube é o seguinte, tem os sócios você pode ir a procura deles, agora eu pessoalmente não vou porque há muito tempo estou apoiando outras pessoas e não sei nem como apoiar outros. Duvido que eles vão entrar onde a gente entra, a gente é quem conhece cada lugarzinho dali. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães de Belo Monte, em setembro de 2012).

A fidelidade política, unida à gratidão são outros importantes critérios da cultura política local. Valores e certa etiqueta e ética cultural parecem prevalecer na hora de adesão a uma determinada campanha.

Ao serem questionados se os líderes comunitários recebiam alguma espécie de remuneração para exercerem a atividade de coordenadores eleitorais, todos afirmaram que já trabalharam voluntariamente em favor de um político, ou que nem sempre o acordo firmado com o político envolvia dinheiro. “Eu não quero não é dinheiro só uma vez não, eu prefiro que ele me atenda e me considere todas as vezes que eu for lá na sua casa”, afirmou Cravo⁴¹. Nesse caso, o prestígio, a honra de participar e trabalhar por uma determinada facção política parece ser mais convidativo e mesmo determinante do que o recebimento de um pagamento pelo trabalho desenvolvido.

Desconhecer os valores e a moral dos moradores do bairro pode provocar um caráter negativo a uma candidatura. Esse fato nos foi narrado por Íris, ao buscar orientar a equipe superior da organização da campanha vejamos:

Awise lá em cima que tem que jogar diferente. Bandido não recebeu tanto dinheiro como nessa campanha, pra ta trocando cor de bandeira dentro do bairro. Agora o interessante é que o povo não vota em político apoiado por bandido, eu não sei de onde tiraram essa idéia de se aliar com bandido pra fazer campanha e de que bandido lidera favela e é bom pra população daqui de dentro. Porque assim, o bandido chega na sua casa ai diz: “hó você tem que botar essa bandeira”. Na minha casa não, porque não dependo dele, mas naquelas casas onde tem filho envolvido com drogas, devendo e tudo mais, eles exigem. Mas digo uma coisa: Duvido votar, o povo tem medo. A gente imagina assim, vai que o candidato dele ganha, como vamos ficar aqui dentro. Sem ter político apoiando já amedronta a população imagina depois. Porque o bandido não tem consideração a ninguém. Então quando vou numa casa que é do nosso lado e vejo a bandeira de outra cor, já entendo com o olhar que foi porque bandido que mandou. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães de Belo Monte, em setembro de 2011).

Este fato aconteceu no bairro Belo Monte, quando uma candidata a vereadora “desfilou nas ruas do bairro com um bandido”;

⁴¹ Entrevista realizada com Cravo, 63 anos, sócio da SAB do Belo Monte, em setembro de 2012.

Ana Cláudia sai no carro com Fazinho, então é gente que não conhece a pobreza, não conhece onde a gente mora fica se expondo fez foi assustar o povo. Como é que vai ficar aqui dentro. Porque aqui tem mais pessoas de bem do que pessoas erradas, então as pessoas de bem que ver se assusta com aquilo. (Entrevista realizada com Íris, 64 anos, Conselheira do Clube de Mães de Belo Monte, em setembro de 2012).

Ao ser interrogada sobre a maior dificuldade em realizar as atividades de coordenador, expressou, Acácia:

Acho que o pedido dos eleitores é o que é mais difícil. É muito difícil a gente entrar em contato com os políticos para pedir para a comunidade. As pessoas só pedem pra si, querem muito pra si porque precisam, então quando diz: “vai vim um político”, a maioria das pessoas já levam um pedido pessoal, até por conta mesmo da própria carência, e isso não quer dizer que eles vão votar naquele político, hoje as pessoas estão muito conscientes de como acontece uma eleição. Então é o que eu acho difícil porque muitos pedem para nós, cirurgia e outras coisas; aí quando a gente não consegue, porque nem tudo se consegue, porque o político não ajuda só a um bairro, são vários, então são muitos os pedidos e você não pode atender a todos, aí isso já vem àquela indiferença com a gente, entendeu? Ai eu fico muito constrangida com isso porque são pessoas que conheço e quero ajudar. Às vezes eu acho que é por isso que o próprio político se esconde, porque as pessoas acham que ele tem por obrigação ajudar, na realidade é ajudar a comunidade. (Entrevista realizada com Acácia, 39 anos, Secretária da Associação de Moradores do Ferraz, em setembro de 2012).

Ela apresenta a dificuldade de serem realizadas estas atividades pelos políticos, já que eles sabem das necessidades dos moradores do bairro e também se comovem e se constrangem em não poder modificar tal situação, pois depois que passa a campanha política às pessoas que não conseguiram seus objetivos, através dos líderes, tratam estes com indiferença, fazendo com que este corra o risco de perder ou desgastar o seu *status* e posição de líder comunitário.

Sendo assim, os bastidores da campanha política, através da visão do mundo dos líderes comunitários, é caracterizado por um cenário que apontam valores culturais, estratégicas de comunicação e até mesmo dimensões individuais, nos alertando para o

fato de que ao tomarmos as diferentes formas de fazer política com o objeto de estudo, necessário se faz recuperar outras perspectivas que fazem parte da trajetória pessoal e coletiva dos grupos sociais envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com a intenção de articular os passos dados e os fios tecidos durante o percurso, que retomamos alguns pontos tratados ao longo da presente dissertação. A partir de nosso exercício de pesquisa e reflexão, tomando como referência o universo pesquisado, podemos inferir que as eleições são fenômenos sociais importantes com marcas significantes para muitos dos que vivem em Campina Grande - PB. Contudo, não é um fenômeno que se restringe aos políticos e as instituições desta cidade, pois as mais diversas práticas que compõem o cenário da campanha eleitoral não abrange somente aquelas realizadas por profissionais do *marketing* e/ou pelas administrações institucionais, alcançando assim outros cidadãos.

A análise possibilitou trabalhar em uma escala mais ampla, já que os relatos enfatizaram, sobretudo, as práticas dos líderes comunitários que desempenharam a atividade de coordenadores internos de campanha por ocasião da campanha municipal de 2012, nos bairros do Ferraz e Belo Monte na cidade de Campina Grande-PB. Este trabalho se inseriu no contexto de uma busca sócio-antropológica pela ampliação das reflexões sobre política no Brasil. Aqui seria importante retomar, sucintamente, fatores que direcionaram nosso olhar para a escolha do material teórico e empírico utilizados.

As reflexões antropológicas tem muito a contribuir para a compreensão da complexidade que é o campo político. Principalmente por sua insistente recusa em análises superficiais, que ausenta as práticas desenvolvidas por certos atores sociais ou que são baseadas em julgamentos de valores. Compartilhar desse aspecto foi fundamental para perceber que estes atores compõem também múltiplas redes que permeiam as campanhas eleitorais, e que a política pode até operar com valores da sociedade mais abrangente, no entanto, associados a outras esferas da vida social.

A etnografia, como procedimento experimental de pesquisa, foi escolhida no intuito de compreender “do ponto de vista nativo” um conjunto de práticas que não seriam melhor apreendidas se não houvesse a interação pesquisador e membros da

situação investigada, pois só através dela, foi possível trazeremos o relato das trajetórias do qual o líder comunitário constrói suas noções de política e suas escolhas eleitorais.

Os bairros analisados foram caracterizados por uma efervescência no período das eleições, recorrendo a usos de músicas, cores e símbolos. No entanto, o desconhecimento da vida social local e das práticas de sua gente causa propagação de visões estigmatizadas aliando as práticas políticas à corrupção e a subordinação.

As lideranças comunitárias se mostraram como figuras de prestígio no caso estudado. Algumas usam seu prestígio para atrair candidatos, ressaltando que já foram procuradas para participar da campanha de outros e isto é um forte capital simbólico. Em outros casos, a preocupação é com a sua “credibilidade” diante do bairro e não com a procura do candidato. Tal atividade nos apresentou como uma posição de poder que relaciona reconhecimento, sacrifício e prestígio, fazendo existir um ciclo de reciprocidade. O conhecimento do bairro e de seus moradores é determinante para este representar o bairro e uma entidade associativa.

A partir do contexto histórico de entidades associativas na cidade de Campina Grande-PB, foi percebido o vínculo, em maior ou menor grau, das cinco entidades analisadas e seus representantes líderes com políticos e candidatos. Diante dos dados nos foi possível identificar que tal vínculo ultrapassa o tempo de campanha eleitoral, isto é, “o tempo da política”, nos possibilitando fazer releituras múltiplas das motivações que levam um líder a apoiar um candidato ou não, ou então, um candidato recorrer a uma liderança ou não em busca de apoio.

Valores como ajuda e compromisso, atualizados não só no campo da política como também no campo social, unidos a outros elementos da vida cotidiana supõem reciprocidade através de vários fluxos de trocas e a retribuição é quem garante a continuidade. Os vínculos são fortificados através de contatos contínuos em eventos públicos e eventos comemorativos nas entidades. Assim, a fim de obter bens, pessoais ou comunitários, materiais ou simbólicos, os líderes se endividam e sanam suas dívidas ou ao menos a diminui, nas eleições, ao exercerem a atividade de cabos eleitorais.

O líder comunitário tornou-se coordenador interno de campanha e seu bom êxito na atividade deve-se, sobretudo, à sua experiência em campanhas anteriores, no engajamento em trabalhos comunitários e na confiança depreendida pelos habitantes da

comunidade local. É preciso lembrar que o valor confiança é um atributo que se desenvolve no nível da dádiva.

O apoio a um candidato por um líder pode ter várias motivações e critérios, onde o mesmo critério pode fazer dois líderes apoiarem candidatos diferentes, por isso a importância de considerar as subjetividades e não determinar, com exclusividade, um fator como determinante.

Compreendemos os bastidores das campanhas eleitorais como momentos que reproduzem a hierarquia social e mobilizam construções de códigos “sigilosos” compartilhados. Esta análise ganhou sentido através da participação nas atividades desenvolvidas pelos líderes comunitários.

Constatamos ainda que algumas práticas desenvolvidas nos bastidores da Campanha Eleitoral Municipal de 2008, no bairro do Ferraz e Belo Monte, eram consideradas ilícitas pela Justiça Eleitoral e que apesar da prescrição das leis da Justiça Eleitoral para o referido ano, as práticas vinculadas a práticas rotineiras, possibilitava os líderes utilizarem táticas para burlá-las e realizá-las em conjunto com os políticos. No entanto, comparados há anos anteriores e com o apoio midiático das redes sociais, houve modificações e inibições de algumas práticas.

A participação dos líderes comunitários se deu através de uma relação de reciprocidade, onde o esforço por parte dos líderes comunitários de desenvolver o trabalho de apoio a candidatos, exercendo a atividade de coordenadores, não acontece de forma passiva e dependente, mas reagindo de forma ativa a situação de dominação política que reflete o poder dos políticos eleitos que dirigem a “máquina pública”, podendo ser percebida através de pequenas práticas ocultas e cotidianas de resistências.

Percebemos que a campanha de 2012, com ênfase para as ações dos líderes, possui características de outras campanhas ocorridas em municípios brasileiros, como as práticas de caminhadas, comícios funcionando como arena de encontros para o corpo a corpo, as reuniões e a boca de urna como atividades que afirmam e reforçam a adesão. Todas elas estão permeadas por várias redes de interações que atravessam relações de amizade, relações de reciprocidade, bem como, relações financeiras.

Com base nos dados de campo ficou evidente que os líderes se utilizam de suas práxis culturais para fazer suas escolhas e adesões políticas. A seriedade com a

qual se coloca nesse movimento que é a campanha eleitoral denota o seu nível de comprometimento com esse momento especial da vida pública do País.

Ao final deste texto não poderíamos deixar de considerar aquilo que mais chamou a nossa atenção ao desenvolver as análises: as interfaces entre cultura e política. Investigar as interfaces entre cultura e política nos parece ser a grande missão dos estudos antropológicos e da ciência política, que não pode mais prescindir dessa área de estudos, sob pena de construir uma visão bastante parcial, institucional e estrutural da política, deixando de lado aspectos importantíssimos, tais como: a dimensão do cotidiano, as interações sociais e os laços de reciprocidade e da dádiva. Esses elementos, entre outros, são imprescindíveis para serem levados em consideração, para assim podermos propor uma visão mais relativizadora da prática política, dos políticos e dos eleitores, de seus discursos e de suas práticas.

Seria pretensioso de nossa parte achar que o estudo sobre os bastidores da política nos bairros analisados e as práticas realizadas por lideranças comunitárias enquanto cumprem o papel de cabo eleitoral se resumem a este trabalho, pois muito ainda há para ser pesquisado, discutido e analisado a respeito do assunto. As questões das entrevistas, que foram realizadas em nossa pesquisa, podem ainda ser analisadas de forma mais minuciosa usando outro tratamento.

Enfatizamos que não estávamos preocupadas em achar fraudes na política e condená-las, mas sim entender como a população lida com elas e a elas imprime significados que são construídos e relativizados no campo da cultura. Por isso, estamos realmente convencidas de que o estilo etnográfico decorrente do trabalho de campo, de posse de uma Antropologia da Política, talvez seja um dos instrumentos relevantes para que se dissolva um conjunto importante de idéias políticas que precisam, sem dúvida alguma, passar pelo crivo da cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Sonia. **Redes Sociais e Teoria Social: Revendo os fundamentos do Conceito**. Londrina: Inf. Inf. V.12. n esp., 2007.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **Chuva de Papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro**. RelumeDumará, Núcleo de Antropologia Política, 1998.

BARREIRA, César. **Fraudes e corrupções eleitorais: entre dádivas e contravenções**. In: Moacir Palmeira & César Barreira (orgs). *Política no Brasil: visões de antropólogos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.

BONELLI, M. A. Gusmão. **O Retrato da Política: Cobertura Jornalística e Eleições**. In: Márcio Goldman; Moacir Palmeira. (Org.). *Antropologia, Voto e Representação Política*. 1 ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 13ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *As formas de capital*. Em J. Richardson (Ed.) *Manual de Teoria e Investigação em Sociologia da Educação*. 1986.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social: papéis, norma e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

BRASILEIRO, Cyntia Carolina Beserra. **Comportamento Eleitoral E Opinião Pública: Um Estudo Das Representações Sobre A Política E Sobre O Voto Fora Do “Tempo Da Política” Em Campina Grande-Pb**. Monografia de Conclusão do Bacharelado em Ciências Sociais – Universidade Federal de Campina Grande, 2009.

CHAVES, Christine Alencar. **Eleições em Buritis: A Pessoa Política**. In: Palmeira, M. & Goldman, M. (orgs.). *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 1996.

CITTADINO, Monique. **PoderLocal, Memória e CulturaPolítica: Possibilidades de análise a partir da figura do Governador João Agripino (Paraíba – 1966-1971)**. João Pessoa: Revista SECULUM, vol. 16, jan/jun, 2007.

CAZELLI, Sibebe. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. *Rev. Bras. Educ.[online]*. 2010, vol.15, n.45, pp. 487-499. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782010000300007>.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução: Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURKHEIM, Émile. O suicídio. São Paulo, Martin Claret, (1897). 2008.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva. 1978.

FASSON, Karina. **Etnografia das eleições 2008 na periferia paulistana: a política sob o olhar antropológico**. Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 38-49, jul. 2010. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 26 jul. 2010.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Fronteiras de Tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo 2008. In: Kowarick, L.; Marques, E. (orgs.) São Paulo, No Prelo. 2010.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

GEERTZ, Clifford. Nova luz sobre a antropologia, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, e sociabilidade intelectual. In: Soihet, M. Bicalho, B. Gouvêa, Maria de Fátima. Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GONZAGA DE SOUSA, L. **Economia, Política e Sociedade**. Edição eletrônica, 2006. Texto completo em www.eumed.net/libros/2006a/lgs-eps/

GOLDMAN, Marcio. **Alguma Antropologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1999.

GOMES, Ângela Castro. História, Historiografia e cultura política no Brasil. Algumas reflexões. In: Soihet, M. Bicalho, B. Gouvêa, Maria de Fátima. Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

KUSCHNIR, Karina. **O Cotidiano da Política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LANNA, Marcos P. D. **A Dívida Divina: troca e patronagem no Nordeste brasileiro**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **Ensaio de Antropologia da Política**. Campina Grande, EDUEPB, 2012.

LIMA, Cícera Andrade Ferreira de. **Reação e compreensão dos eleitores a respeito das alianças políticas e sua repercussão sobre a memória política referente ao pleito eleitoral de 2008 em araripe – CE**. Simpósio Recife, 2010.

MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli. **O Povo Sabe Votar – uma visão antropológica do voto**. Petrópolis, RJ, Vozes. 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de Dentro: Notas para Uma Etnografia Urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 17, n. 49. São Paulo, junho de 2002.

MAUSS, Marcel. **Ensaio Sobre a Dádiva**. In: Sociologia e Antropologia, EPU/EDUSP, 1978.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **De Mauss a Claude Lévi-Strauss**. In: Textos selecionados, São Paulo, Abril Cultural. Coleção Os Pensadores, 1984.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. In: O Trabalho do Antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PALMEIRA, Moacir. **Eleição Municipal, Política e Cidadania**. Tempo e Presença. nº 311. Maio/junho de 2006.

_____. **Voto: Racionalidade ou Significado**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 20, n. 7, 2009.

_____ & GOLDMAN, Marcio (org.) **Antropologia, Voto e Representação Política**. Rio de Janeiro: ContraCapaLivraria, 1996.

PORTES, Alejandro. Capital Social: Origens e Aplicações na Sociologia Contemporânea. Sociologia, Problemas e Práticas [online]. 2000, n.33, pp. 133-158. ISSN 0873-6529.

RUA, M. G. & BERNERDES, F. Escolha Racional e Novo Institucionalismo: notas intridutórias. In: RUA, M. G. & CARVALHO, M. I. V. (org.) O Estudo da Política. Tópicos selecionados. Brasília: Paralelo 15. 1998.

SAHLINS, M. Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.

SCOTTO, G. 1996. **Campanha de Rua, Candidatos e Biografias**. In. Palmeira, M. & Goldman, M. (orgs.)1996. In. Palmeira, M. & Goldman, M. (orgs.). **Antropologia, Voto e Representação Política**. Rio de Janeiro: Contra Capa.

SEGA, Rafael. **História e Política**. Curitiba: Editora UFPR n. 37, (História: Questões&Debates.). 2002.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SOIHET, M. BICALHO, B. GOUVÊA, Maria de Fátima. **Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

SOUZA E SILVA, Jaílson de, & BARBOSA, Jorge Luis. (org). **O que é a favela, afinal?** Rio de Janeiro: observatório de favelas, 2009.

TEIXEIRA, Carla Costa & CHAVES, Christine Alencar (orgs.). **Espaços e Tempos da Política**. Rio de Janeiro :Relume-Dumará, 2004.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOURAINÉ, Alan. **Palavra e Sangue**. Campinas: Unicamp, 1989.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

VIANNA, Hermano. **Manifesto de Hermano**. 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2008.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais**. In: COHN, Gabriel (Org.). Max Weber. Coleções Grandes Cientistas Sociais. 6º Ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

WINKIN, Yves. **Descer ao Campo**. In: A Nova Comunicação. São Paulo: Papirus, 1999. Cap. 1, p. 132.

ANEXOS

Anexo 1 - Ofício direcionado ao político.

A

Sr^a

Silvia Cunha Lima

Referente a Comemoração do Dia das Mães

Prezada senhora,

Vimos através desta, solicitar a vossa senhoria uma torta, salgadinhos e refrigerantes 70 pessoas para comemarmos junto às sócias o Dia das Mães.

Agradecemos antecipadamente sua participação, na certeza que podemos contar com sua colaboração.

Campina Grande,

Presidente do Clube de Mães

Anexo 2 – Quadro interpretativo dos informantes.

NOME	IDADE	FUNÇÃO	ENTIDADE	BAIRRO
DALIA	61 ANOS	PRESIDENTE	CLUBE DE MÃES	FERRAZ
ACÁCIA	39 ANOS	SECRETÁRIA	ASSOCIAÇÃO	FERRAZ
CRAVO	63 ANOS	SÓCIO	SAB	BELO MONTE
ÍRIS	64 ANOS	CONSELHEIRA	CLUBE DE MÃES	BELO MONTE
GERÂNIO	57 ANOS	TESOUREIRA	SAB	BELO MONTE